

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ALINI SILVA PEIXOTO

**Currículos e pedagogias das manifestações do público do
Futebol de Mulheres em *hashtags* no *Twitter/X***

Campo Grande – MS

2025

ALINI SILVA PEIXOTO

Currículos e pedagogias das manifestações do público do Futebol de Mulheres em *hashtags* no *Twitter/X*

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu), da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, para obtenção do título de Mestra em Educação.

Área de Concentração: Educação

Linha de Pesquisa: Educação, Cultura e Sociedade

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Victor da Rosa

Campo Grande – MS

2025

ALINI SILVA PEIXOTO

Currículos e pedagogias das manifestações do público do Futebol de Mulheres em *hashtags* no *Twitter/X*

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu), da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, para obtenção do título de Mestra em Educação.

Área de Concentração: Educação

Campo Grande, 13 de fevereiro de 2015

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Marcelo Victor da Rosa (orientador)
UFMS

Prof. Dr. Tiago Duque (membro titular interno)
UFMS

Prof.^a Dr.^a Silvana Vilodre Goellner (membro titular externo)
UFPEL

Prof.^a Dr.^a Marina Brasiliano Salerno (membro suplente interno)
UFMS

Prof.^a Dr.^a Mariana Zuaneti Martins (membro suplente externo)
UFES

Agradecimentos

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus e ao apoio de toda minha família desde os caminhos que tomei durante a graduação até a efetivação desse texto em que concluo o Mestrado.

Aos meus pais, pela parceria em todos os momentos, pelo incentivo e confiança.

À Emini, minha irmã também mestre, cuja resiliência e dedicação aos temas envoltos à gênero e mulheres, foram inspiração para que eu desse os primeiros passos nessa área de pesquisa.

À banca examinadora, Prof. Tiago Duque e Prof.^a Silvana Goellner, pela atenção dedicada e pelas valorosas contribuições, desde a qualificação, que enriqueceram todo o processo que culminou na escrita desse trabalho e às professoras suplentes Prof.^a Marina Salerno e Prof.^a Mariana Martins, pela pronta disponibilidade ao convite de participação tanto na qualificação quanto na defesa.

Ao meu orientador, pela paciência e compreensão, pelos momentos de correção e de alteração de rota, tão necessários quando se está em construção e ao grupo que ele orienta, por caminharem comigo pelas leituras, tantas vezes complexas, outras tantas emotivas e, ao final do processo, ainda se fazerem presentes pela última leitura desse texto, em especial Hilton e Renner que iniciaram junto comigo esse caminhar.

Ao meu amigo Luis Verão, cuja parceria desde a graduação também serviu de combustível para as contínuas leituras e períodos de estudo que o mestrado nos exige.

Às pessoas que passaram pela minha vida fora do mestrado, principalmente àquelas que compartilharam comigo momentos de descontração dentro e fora de quadras por esse Estado de Mato Grosso do Sul, às quais não me arrisco a nomear individualmente para não correr o risco de cair em falta de um ou outro nome.

Por fim, a Lizz, pelos momentos de silêncio físico enquanto mentalmente se desenrolavam gritarias e pelo conforto para compreender as linhas embaralhadas das ideias e reflexões que tentei trançar nessa dissertação.

Que roteiro é esse que me impuseram tão logo aqui pus meus pés
 Uns tantos atos, tais retratos, que até sem tato me põe em viés
 De momento paro, e sequer reparo, não há amparo, não há revés
 E vai moldando, costurando um tanto torto, com ponto afoito o que quer, qualquer
 Que um é esse? Que bem valesse, impor a mim um dito fim, que nem bem comece já me enfurece, pois nem o
 início chegou sem o vício de uma vontade que não é minha, mas que em mim caminha sem sequer escolha me
 oferecer?

Que fúria é essa que se retesa, já nasce presa, atada, linhas prontas traçadas?
 Fui posta a caminho, sem saber a que ninho, se vou encontrar o carinho de um acolher
 Não há destino, um único mimo, nem mesmo o sino que anuncie saída ou chegada
 Há apenas um hino. Palavras bradadas
 Não por mim, já que, enfim, me foi imposto até o silêncio
 [...]

A voz que não existe. A minha ou a de qualquer palpite
 Que morre no silêncio do discurso que reafirma o que é discursado por mim sem que me pertença o significado
 discursivo que moldou a fala que a mim abala, mas não cala
 Não cala na mente, não cala no corpo, não cala no sentido que senti quando calada foi a palavra que da minha
 boca tentou sair. Mas não saiu
 A língua desconhecia
 O significante da sílaba
 Que significaria a chance
 Da boca romper o silêncio que me rompe o peito
 [...]

Roteiro que não tem fim
 Em mim não se acaba, pois agora, capturada, se torna mais pesada a tarefa
 Refazer o já feito, num roteiro que não tem jeito, mas é de trejeitos visto por olhos mistos
 Mas que ainda nisto sustentam o visto daquilo que tento fugir
 Mas escapar é tarefa impossível. Só me resta encarar
 E discursar nas entrelinhas do sutil hábito de não habitar coisa alguma e recusar a tarefa de escapar, de
 capturar, ser capturada, pela roteirização de um fim que só existe no começo do todo que em mim não acaba,
 mas de mim tem sequência
 Para uma frequência que ficará ainda que eu recomece e pergunte enfim, ou em início,
 Que roteiro é esse? Que me impuseram ainda que daqui eu me esteja despedindo.
 Roteiro que comigo não lida
 E nem nunca vai em retrocesso
 Porque não se finda em mim
 Eu apenas recomeço

Alini Peixoto, 2023 (Texto não publicado).

PEIXOTO, Alini Silva. **Currículos e Pedagogias das manifestações do público do Futebol de Mulheres em hashtags no Twitter/X**. Campo Grande. 2025, 108 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande.

RESUMO

O presente trabalho caracteriza-se como uma pesquisa de campo exploratória com abordagem qualitativa. O objetivo é analisar os currículos e pedagogias relacionados às produções de saberes e poderes nas manifestações do público nas *hashtags* do *Twitter/X* associadas ao Campeonato Brasileiro Feminino Neoenergia 2023. De forma mais específica, essa dissertação pretendeu identificar e contextualizar os currículos e seus aspectos e a maneira como eles se apresentam nos discursos inseridos na plataforma; analisar as relações de poder nos discursos presentes nas *hashtags*; apreender deslocamentos sobre conceitos como gênero, mulher, masculino/feminino e perceber como o Futebol de Mulheres é perpassado por essas relações e (re)significações. As análises foram realizadas a partir da perspectiva dos Estudos Culturais, tendo como foco as relações de poder, as agências e as resistências nos currículos e pedagogias que se apresentaram a partir dos discursos encontrados nas *hashtags* vinculadas à competição. Foram identificados aspectos de currículo relacionados à valorização da prática, considerando tanto o efetivo sucesso quanto o processo dos times durante a competição. Um fato interessante foi a organização das/os torcedoras/es em *hashtags* específicas e a relação de interação do público em forma de comentários/respostas às postagens que utilizaram as *hashtags*. Ainda, observou-se as disputas que se estabeleceram nos discursos pelos significados relacionados às representações do futebol praticado pelas mulheres, bem como das próprias jogadoras. Foram percebidos discursos inseridos em jogos de forças que contestam ou validam a prática dessas mulheres, além da utilização de estratégias discursivas pautadas em certa forma de violência verbal para invalidar o futebol delas. Também foi identificado um movimento de agência exercido pelos clubes em relação à divulgação e disponibilização de transmissões em tempo real das partidas que não foram televisionadas pela Rede Globo e/ou o SporTV, detentores dos direitos de transmissão. Outros aspectos se relacionaram à presença de currículos de masculinidades inferindo significados às representações relacionadas ao futebol como prática e currículos de invisibilidade disputando significados com os currículos de valorização do Futebol de Mulheres. As construções curriculares presentes nas *hashtags* permitiram o delineamento de uma Pedagogia de Ocupação de Espaços, devido às estratégias pedagógicas utilizadas para colocar em embate, nos jogos de forças, os significados que as representações compartilhadas disputaram nesse contexto do *Twitter/X*.

Palavras-chave: Futebol de Mulheres; Estudos Culturais; Pedagogia Cultural; Relações de poder; *Twitter/X*.

ABSTRACT

This research is characterized as an exploratory field study with a qualitative approach. The objective is to analyze the curricula and pedagogies related to the production of knowledge and power in the public manifestations of the hashtags on Twitter/X associated with the Campeonato Brasileiro Feminino Neoenergia 2023. More specifically, this dissertation aimed to identify and contextualize the curricula and their aspects and how they are presented in the discourses inserted in the platform; to analyze the power relations in the discourses present in the hashtags; to apprehend displacements about concepts such as gender, woman, masculine/feminine and to perceive how Women's Soccer is permeated by these relations and (re)significations. The analyses were carried out from the perspective of Cultural Studies focusing on power relations, agencies, and resistances in the curricula and pedagogies that are presented from the discourses found in the hashtags linked to the competition. Aspects of the curriculum related to the valorization of practice were identified, considering both the effective success and the process of the teams during the competition. An interesting fact was the organization of the fans in specific hashtags and the relationship of interaction of the public in the form of comments/responses to the posts that used the hashtags. Furthermore, it was observed the disputes that were established in the discourses over the meanings related to the representations of football played by women, as well as the players themselves. Discourses inserted in power games that contest or validate the practice of these women were perceived, as well as the use of discursive strategies based on a certain form of verbal violence to invalidate their soccer. An agency movement exercised by the clubs was also identified in relation to the dissemination and availability of live broadcasts of matches that were not televised by Rede Globo and/or SporTV, holders of the broadcasting rights. Other aspects were related to the presence of masculinities curricula inferring meanings to the representations related to soccer as practice and curricula of invisibility disputing meanings with the curricula of valorization of women's soccer. The curricular constructions present in the hashtags allowed the delineation of a Pedagogy of Occupation of Spaces, due to the pedagogical strategies used to put into combat, in the power games, the meanings that the shared representations disputed in this context of Twitter/X.

Key Words: Women's Soccer; Cultural Studies; Cultural Pedagogy; Power relations; Twitter/X.

RESUMÉN

El presente trabajo se caracteriza como una investigación de campo exploratoria con un enfoque cualitativo. El objetivo es analizar los currículos y pedagogías relacionados con las producciones de saberes y poderes en las manifestaciones del público en los hashtags de Twitter/X asociados al Campeonato Brasileiro Feminino Neoenergia 2023. De manera más específica, esta disertación pretendió identificar y contextualizar los currículos y sus aspectos y la manera en que se presentan en los discursos insertados en la plataforma; analizar las relaciones de poder en los discursos presentes en los hashtags; aprehender desplazamientos sobre conceptos como género, mujer, masculino/femenino; y percibir cómo el Fútbol de Mujeres está atravesado por estas relaciones y (re)significaciones. Los análisis se realizaron desde la perspectiva de los Estudios Culturales teniendo como foco las relaciones de poder, las agencias y las resistencias en los currículos y pedagogías que se presentan a partir de los discursos encontrados en los hashtags vinculados a la competencia. Se identificaron aspectos del currículo relacionados con la valorización de la práctica, considerando tanto el éxito efectivo como el proceso de los equipos durante la competencia. Un hecho interesante fue la organización de las/los aficionadas/os en hashtags específicos y la relación de interacción del público en forma de comentarios/respuestas a las publicaciones que utilizaron los hashtags. Además, se observaron las disputas que se establecieron en los discursos sobre los significados relacionados con las representaciones del fútbol practicado por mujeres, así como por las propias jugadoras. Se percibieron discursos insertados en juegos de poder que cuestionan o validan la práctica de estas mujeres, además de la utilización de estrategias discursivas basadas en cierta forma de violencia verbal para invalidar el fútbol de ellas. También se identificó un movimiento de agencia ejercido por los clubes en relación a la difusión y disponibilidad de transmisiones en tiempo real de partidos que no fueron televisados por la Rede Globo y/o SporTV, titulares de los derechos de transmisión. Otros aspectos se relacionaron con la presencia de currículos de masculinidades infiriendo significados a las representaciones relacionadas al fútbol como práctica y currículos de invisibilidad disputando significados con los currículos de valorización del fútbol de mujeres. Las construcciones curriculares presentes en los hashtags permitieron el delineamiento de una Pedagogía de Ocupación de Espacios, debido a las estrategias pedagógicas utilizadas para poner en combate, en los juegos de poder, los significados que las representaciones compartidas disputaron en este contexto de Twitter/X.

Palabras Clave: Fútbol Femenino; Estudios Culturales; Pedagogía Cultural; Relaciones de Poder; *Twitter/X*.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Conexões entre as # do perfil @BRFeminino e as demais utilizadas pelo público.	57
Figura 2 - Presença de famílias compartilhadas por usuárias/os no Twitter/X	64
Figura 3 - Torcedora compartilhando sua presença para assistir presencialmente um jogo	65
Figura 4 - Possibilidades de informações que os perfis podem disponibilizar no <i>Twitter/X</i>	66
Figura 5 - Comentários em postagens sobre elencos de mulheres feitos por perfis aparentemente não interessados no futebol delas	67
Figura 6 – Postagem na #QueremosTransmissãoCBF	68
Figura 7 - Comentários sobre a ausência de transmissão em postagem do SporTV	70
Figura 8 - Comentário atribuindo pouca importância ao Futebol de Mulheres em postagem que chamava torcedoras/es a estarem presentes em uma partida	71
Figura 9 - Divulgações de transmissões de jogos realizadas pelos clubes	72
Figura 10 - Comentário em postagem sobre o deslocamento do time do Grêmio para uma partida	73
Figura 11 - Publicação do clube Athletico Paranaense, sobre a próxima partida do time na competição.....	74
Figura 12 - Comentários em publicação sobre o clube Athletico Paranaense após a derrota do time para o Flamengo	75
Figura 13- Comentários na divulgação do Flamengo sobre uma vitória.....	76
Figura 14- Postagem sobre entrevista da jogadora Cristiane com o filho nos braços	79
Figura 15 - Postagem respondendo publicação feita pela esposa da jogadora Cristiane.	80
Figura 16 - Postagem do perfil oficial do @BRFeminino sobre a jogadora que levantaria o troféu do clube campeão.....	81
Figura 17- Comentários na postagem do @TNTSportsBR sobre pronunciamento das jogadoras do Corinthians	85
Figura 18 - Comentários na postagem do @CorinthiansBmg sobre pronunciamento das jogadoras.....	86
Figura 19 - Postagem do público após derrota do Ceará na primeira rodada do campeonato .	89
Figura 20 - Postagem de mídia independente sobre o caso do Ceará.....	90
Figura 21 - Comentários de torcedoras/es em postagem do Ceará.....	91
Figura 22 - Postagem de torcedor sobre a situação da equipe de mulheres do Ceará	92
Figura 23 - Postagem de usuária sobre críticas a clubes disputando a Série A1	93

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Quantitativo de textos localizadas no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes	35
Quadro 2 - Teses e Dissertações sobre o futebol praticado por mulheres na área da Educação e da Educação Física encontradas no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes	36
Quadro 3 - Contagem de artigos encontrados no portal Periódicos Capes em relação a cada filtro utilizado	40
Quadro 4 - Artigos publicados em periódicos encontrados na plataforma Periódicos Capes ..	40
Quadro 5 - <i>Hashtags</i> observadas e data de sua última utilização	58

SUMÁRIO

COLETIVA DE IMPRENSA: UMA APRESENTAÇÃO	12
PREPARATIVOS DO PRÉ-JOGO	18
1. EM COMPETIÇÕES ANTERIORES	33
1.1 Quem já entrou em campo: um estado da questão do Futebol de Mulheres na Educação.....	34
1.2 Taças que já foram erguidas	43
2. REGULAMENTOS: AS REGRAS DA COMPETIÇÃO	46
2.1 Do campo de jogo: as dimensões do gênero no espaço do futebol	48
2.2 Dos Árbitros: Michel Foucault: problematização, discurso e relações de poder.....	51
2.3 A lista de convocadas: as decisões constituintes da pesquisa	55
3. AO APITO INICIAL, COMEÇA O PRIMEIRO TEMPO.....	60
3.1 O público presente	62
3.2 Lance a lance na sua tela: #QueremosTransmissãoCBF	67
4. REINÍCIO DO JOGO, COMEÇA O SEGUNDO TEMPO	73
4.1 As #Arquibancadas	73
4.2 Segue o segundo tempo: vamos representar a camisa	77
5. ACRÉSCIMOS: PODERES, RESISTÊNCIAS E AGÊNCIAS.....	83
5.1 Uma recomposição defensiva	83
5.2 O jogo só acaba quando soa o apito final.....	88
MELHORES MOMENTOS: CONSIDERAÇÕES SOBRE ESSA PARTIDA.....	95
AS/OS TITULARES: REFERÊNCIAS ESCALADAS	100

COLETIVA DE IMPRENSA: UMA APRESENTAÇÃO

A princípio, gostaria de apontar o processo de construção que antecedeu a produção dessa dissertação, no qual pretendo abranger, de certa maneira, fragmentos dos currículos que foram acessados durante minha trajetória de vida nos mais diversos contextos pelos quais percorri nessas três décadas de existência até me encontrar redigindo o texto que seguirá. Entretanto, para composição dessa “apresentação” busco pontuar os principais interesses que levaram às reflexões que serão desenvolvidas nesse documento.

Assim, antecedendo de imediato o primeiro tiro inicial, posso afirmar que o sinal sonoro do apito chegou aos meus ouvidos quando me aproximei dos semestres finais da graduação em Licenciatura em Educação Física. Integrava na época o grupo do Programa de Educação Tutorial (PET) direcionado aos acadêmicos de Educação Física da Faculdade de Educação (FAED) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), o grupo PET-Educação Física. Ali, por vieses da dinâmica de trabalho realizada, propus no ano de 2021 a criação de um subgrupo que se dedicaria a estudar, durante aquele ano, o tema da prática do futebol por mulheres. Nessa construção, o subgrupo que se organizou comigo e mais um acadêmico (no decorrer do ano incorporamos uma terceira pessoa), identificou entre os docentes do curso que o Prof. Dr. Marcelo Victor da Rosa se aproximava da temática e tomamos a decisão de realizar o convite ao para que ele fosse nosso orientador no desenvolvimento do tema.

Nesse caminhar, se deu minha aproximação acadêmica tanto com o Futebol de Mulheres¹ quanto com o Professor Marcelo que, alegremente, continuou como meu orientador nesta dissertação de mestrado. Concomitante a isso, a partir da linha de pesquisa seguida por ele, também iniciei leituras sobre outros temas que tiveram imensa influência em meu olhar para a pesquisa. Cito, devido à sua importância para esse texto, o conceito ampliado de cultura trabalhado pelos Estudos Culturais, por fundarem a ampliação dos conceitos de pedagogia e de

¹ A utilização do termo Futebol de Mulheres é uma escolha que pode ser entendida como mais política do que propriamente teórica, visto que existem contradições e discussões a respeito de qual termo deveria ser utilizado. A realizo por me aproximar de dois entendimentos, ambos de Cláudia Samuel Kessler (2020), o primeiro é a pluralidade da prática do futebol que ela traz no conceito de futebóis, representando as múltiplas características e as distintas facetas assumida por essa prática de jogar uma bola com os pés em diversos ambientes (“futebol de rua”, futebol de várzea”, “futebol de fazenda”, entre outros); o segundo é um afastamento das noções de feminilidade ressaltadas pelo senso comum que estigmatizam mulheres, cobrando delas atributos como sensualidade, fragilidade e delicadeza que o termo “Futebol Feminino” carrega, ainda que a palavra “mulher” também carregue esses entendimentos. Assim, não associado a concepções fixas de masculinidade e feminilidade, o Futebol de Mulheres é aquele “[...] praticado, relido e reinventado por elas. As regras são as mesmas, a prática é também realizada com os pés, embora a significação e a estrutura de cobertura midiática e de retornos financeiros sejam diferentes” (Cláudia Kessler, 2020, p. 49).

currículo; o entendimento de poder a partir de Michel Foucault que faz parte da construção do olhar a respeito de significados adquiridos/atribuídos dentro da Cultura; as reflexões sobre o entendimento quanto ao conceito de gênero e às relações que se estabelecem a partir dele; todos estes serão trabalhados nas primeiras seções, e, por fim, a interseccionalidade que, por agora, não compõem a articulação teórica que apresentarei, mas se tornou um olhar que integra profundamente minhas reflexões, acadêmicas ou não.

Assim, retornando ao fim de 2021, ao me desligar do grupo PET-Educação Física, mantive o tema do Futebol de Mulheres como meu interesse de estudos. As inquietações que me percorriam resultaram no meu trabalho de Prática Científica (disciplina obrigatória no currículo do curso de graduação em Educação Física que pode ser entendida como equivalente ao trabalho de conclusão de curso – TCC) e, a partir dele, tomaram um delineamento mais focal com a minha decisão de me inscrever no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMS (PPGEdu/FAED/UFMS).

Cabe explicar, em primeiro lugar, que no contexto da Educação Física é preciso recordar como, historicamente, esse campo foi influenciado por perspectivas que, pela biologia, pela saúde, por utilitarismos, entre outras, construíram um ambiente que segregava as possibilidades de práticas de homens e mulheres, limitando quais movimentos deveriam ser realizados por eles e quais eram permitidos a serem feitos por elas além da própria separação física, pois homens recebiam instruções em grupos apenas com homens enquanto as mulheres compunham outras classes. Ainda que temporalmente distante, esse histórico ainda parece ter influência de alguma forma nas práticas cotidianas quando professoras/es oferecem duas atividades separando-as entre para meninos e para meninas ou quando se justifica que certas práticas, como as lutas, o futebol, as brincadeiras em que correm ou podem cair eles realizam, já elas não deveriam. Em contraste, durante a formação básica na graduação foram incontáveis os momentos de reafirmação da necessidade de se construírem práticas na Educação Física, principalmente dentro da escola, pensadas para que fossem capazes de favorecer a ampla participação de alunos e alunas, independente da proposta.

Após passar por todas as disciplinas obrigatórias e algumas optativas, para mim ficou nítido que professoras/es, ao desenvolverem sua prática pedagógica na Educação Física, independente da perspectiva ou abordagem, deveriam criar condições para favorecer o maior número de possibilidades de experimentação de uma forma geral (tanto física, quanto cognitiva e social), considerando os mais diversos marcadores sociais das diferenças que as turmas podem abarcar, entre eles gênero. Isso ganha contornos mais delimitados quando se compreende o que Luiz Fernando Badaró *et al.* (2022) mencionam a respeito das mudanças na sociedade brasileira

na década de 1980, quando se iniciam formulações de abordagens pedagógicas para a Educação Física, de forma que esse campo acabou por romper alguns paradigmas e fundar outros.

Essas/es autoras/es comentam como essas novas propostas trouxeram outra gama de possibilidades para reflexão e proposição de modelos de ensino da Educação Física, mencionando a inserção dessa disciplina na área de Linguagens, o que já ocorreu de forma inicial nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para o Ensino Médio, documento publicado em 2000, e se consolidou com a publicação, em 2017, da Base Nacional Comum Curricular; ambos os documentos do Ministério da Educação (MEC). Entretanto, ao mesmo tempo em que percebi a necessidade de proposição de práticas diversas, também notei a quase escassez de discussões sobre as razões pelas quais não eram diversas as pessoas que, por vezes, acessavam essas práticas.

Talvez uma das situações que mais tenha marcado esses fatos seja a demanda de pensar e organizar as atividades de uma aula com uma preocupação de permitir e possibilitar adaptações na prática para que fosse possível a participação de toda uma turma. Isto porque, com certa frequência, essas estratégias precisavam ser acionadas para aumentar/melhorar/diversificar as oportunidades de meninas, enquanto que os meninos, na sua maioria, pareciam já ter desenvolvido as habilidades necessárias para as atividades sem a necessidade de muitas adaptações.

Para mim, a pergunta que permaneceu – e permanece – foi/é: se desde 1980 a Educação Física vem se organizando em propostas que objetivavam promover a ampla participação, por que certas habilidades continuam a ser pouco ou nada desenvolvidas por certo grupo de pessoas? Mais especificamente, por que meninas e mulheres continuam a não adquirir certos conjuntos de habilidades físico-esportivas se os documentos, que normatizam as práticas escolares, não fazem distinção entre as habilidades que alunas e alunos devem adquirir? Afinal, não há texto normativo que diga: aos meninos se ensina isso e às meninas será ensinado aquilo. O que sim existe nos textos é a generalização, um englobar meninas e mulheres à concordância nominal em número e gênero ao masculino², o que, pelas regras gramaticais da língua portuguesa, não está errado, entretanto, acaba por apagar/encobrir/mascarar a presença das meninas e mulheres.

Como uma tentativa empírica de responder a mim mesma, retornei as minhas memórias da infância e adolescência, juntamente com lembranças mais recentes dos períodos

² A critério de curiosidade, não existe na BNCC nem uma utilização do termo a “aluna(s)”, apesar do documento apresentar o termo “meninas” uma única vez em um trecho dos Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento do campo de experiências “Espaços, Tempos, Quantidades, Relações e Transformações” da Educação Infantil.

de estágio e das oportunidades em que estive no contexto escolar. Curiosamente, naquelas primeiras recordações, pude acessar situações de segregação entre meninos e meninas em momentos como a formação de filas ou a separação de grupos para determinadas atividades. Entretanto, menos do que poderia ter suposto a princípio, pois, em muitos momentos, a efetivação das aulas ocorria em conjunto. Não acessei situações semelhantes nos períodos mais recentes, entretanto, a separação ainda estava lá, de uma forma ou de outra, por razões diversas. Apesar de não pensado/idealizado/planejado, alguns grupos escolhiam se iriam acessar ou não determinadas práticas, promovendo a separação de meninos e meninas em diferentes níveis de atenção e participação nas aulas.

Meus incipientes passos teóricos durante a graduação e as atividades do PET e da Prática Científica me levaram a considerar que as respostas talvez não pudessem ser observadas no currículo escolar/institucionalizado, mas em outro(s) currículo(s) que atravessava(m) as realidades das pessoas e que, por seus processos de ensino e aprendizagem, constroem determinados significados sobre práticas que se apresentavam como restritores ou agenciadores dessas atividades. Assim, o olhar ao futebol como prática pela qual sempre tive apreço incorporou uma dose de curiosidade científico-pedagógica a respeito de como se dão esses processos em relação às meninas e mulheres envolvidas com esse esporte, entre as quais estou incluída.

Se posso considerar que o apito inicial desta dissertação ocorreu no meu semestre final da graduação, devo reconhecer que minha trajetória de iniciação esportiva data de muito antes. Filha mais velha de uma mãe que concluiu o magistério e um pai que iniciou uma graduação em engenharia, mas a abandonou, pois precisava trabalhar para sustentar a família, meu contato com uma bola nunca foi restringido, um pequeno afastamento das práticas mais comuns no início dos anos 1990. A explicação talvez esteja na grande quantidade de práticas esportivas que meus pais tiveram na juventude, as quais para mim foram desconhecidas por muitos anos. Entretanto, talvez pela rotina de trabalho deles, nunca se construiu entre nós o costume de acompanhar nenhum tipo de modalidade pela televisão.

As aulas de Educação Física durante os anos Iniciais e Finais da Educação Fundamental eram espaços de construção de interesses e aprendizagem de todo tipo de brincadeira e esportes, mas o futebol era o que mais me atraía, por isso não ficava restrito a essas aulas. Entretanto, em algum ponto entre o primeiro e o último ano do ensino médio, deixei os jogos com os meninos no recreio e me desconectei desse interesse, tanto que entre 2011 e 2018 não consigo recordar sequer de uma única informação a respeito do futebol que tenha me

impactado (arrisco a dizer que nem aquele 7x1 chegou a realmente marcar algo em mim, ainda que continue proporcionando certo ar cômico até os dias atuais).

Isso começa a se alterar com meu ingresso no curso de Educação Física, naquela oportunidade, desde as primeiras semanas, já busquei oportunidades de retornar à prática de um esporte, qualquer que fosse, o que me gerou uma certa aproximação da atlética do curso. Novamente incluí e voltei a prezar e a me investir no futebol (apesar de disputar diversas outras modalidades pela atlética do curso). Adquiri pela primeira vez uma chuteira, meiões e caneleiras e passei a buscar um espaço entre as veteranas para integrar o time, até ser eu a veterana e me perceber cada vez mais conectada com aquele pequeno grupo tão volátil e mutável de jovens. Pela Associação Atlética Acadêmica de Educação Física disputei por quatro anos os jogos Inter-atléticas e algumas outras competições entre acadêmicas/os, metade na posição de fixo e a outra como goleira – posição pela qual pretendo jogar por mais algum tempo.

Foi nesse meio tempo que enfrentamos a pandemia da COVID-19, se por um lado ela interrompe uma gama de atividades, por outro, ao menos para mim, se tornou gatilho para algumas mudanças importantes. A ausência de atividades presenciais paralisou competições e gerou grandes questionamentos sobre o retorno destas. Nessa emergência de discursos sobre o (não)retorno que volto a observar as movimentações midiáticas a respeito do esporte e, talvez por já não sentir apego ao futebol dos homens e por já estar muito envolvida com esportes praticados por mulheres, direciono meu interesse ao futebol das mulheres e, assim, nesse retorno de atividades, passo a acompanhar as transmissões de alguns campeonatos delas.

Ainda nessa volta aos encontros presenciais, também tomei a decisão de participar de um curso de arbitragem de futsal, a princípio sem uma perspectiva de realmente atuar, mas com a intenção de estar, ao menos, compreender mais um ponto sobre meu esporte de maior interesse (entre os anos de 2021 e 2025 – momento de escrita desse texto – já passei por mais três cursos de atualização e integro o quadro de arbitragem da Federação Escolar de Esporte de Mato Grosso do Sul). É nesse entrecruzamento teórico/prático/científico no futebol/futsal em que posso perceber certos sentidos a respeito dessas práticas, principalmente do jogado por elas, que me levaram – e acho que ainda me levarão – a produzir trabalhos em busca de compreender como os significados sobre esportes, futebol, mulheres, masculinidades, feminilidades, entre outros, permeiam as relações delas com essas práticas. Assim, para esta dissertação, apresentarei uma introdução mais focada no conceito ampliado de cultura e como este se relaciona com as ampliações dos conceitos de currículo e de pedagogia, bem como de que maneira isso faz parte da Educação.

Antes de encerrar essa apresentação, preciso informar algumas questões que, se não ditas, poderão causar dúvida e/ou confusão na leitura, pois podem ser consideradas como um afastamento das normas acadêmicas. A primeira delas será percebida no meu desapego em relação à impessoalidade que, muitas vezes, caracteriza a escrita de textos acadêmicos, ao mesmo tempo em que não irei me abster de falar em um coletivo quando tratar de diálogos com outras/os autoras/es. Isso porque, apesar de solitária, considero que a escrita dessa dissertação tem participação direta ou indireta, das referências que acessei, dos conselhos, direcionamentos e pontuações do orientador, da banca de qualificação e dos colegas de curso e dos grupos de estudo, além da articulação que será estabelecida com os discursos encontrados.

A segunda questão é uma escolha pessoal, que pode ser considerada política. Com o objetivo de ressaltar as identidades dos autores e das autoras que serão aqui mencionados/as para destacar quem são e evitar que suas identidades (principalmente de gênero) sejam apagadas conforme a/o leitora/or avance no documento, para isso a grafia das citações, após a primeira que conterá o nome completo, sempre, incluirá nome e sobrenome para referenciar as autorias,

PREPARATIVOS DO PRÉ-JOGO

Quando se pensa em Educação, a imagem da escola é rapidamente lembrada. Isso devido a um longo processo de associação do ambiente escolar como o lugar destinado ao ensino e à aprendizagem. É preciso pontuar que as relações de ensino e aprendizagem vêm sendo estudadas em diversos contextos, já organizados na literatura a partir de termos referenciados sobre o entendimento da Educação Escolar. Assim, a literatura já reconhece a existência de aprendizagens fora do contexto escolar, entretanto, as definições ainda não estão bem consolidadas, nem tampouco, formalmente delimitadas (Joana Brás Varanda Marques; Denise de Freitas, 2017; Osmár Fávero, 2007).

Historicamente, a Educação pode ser entendida em três termos: formal, não formal e informal. Osmar Fávero (2007), ao resenhar o livro “Educação não-formal: contextos, percursos e sujeitos”, organizado por Margareth Brandini Park e Renata Sieiro Fernandes, pontuou que o não formal tem sido uma categoria utilizada com frequência para situar atividades e experiências distintas das que ocorrem nas escolas que, por sua vez, são classificadas como os contextos formais. Entretanto, a adequada conceituação desses termos não categoriza essas tipologias de forma consensual.

Segundo Joana Marques e Denise Freitas (2017), as terminologias dicotômicas de Educação formal e Educação informal são mais utilizadas internacionalmente, enquanto, na realidade brasileira, a preferência ocorre pela tríade Educação formal, Educação não formal e Educação informal. Martha Marandino (2017) demonstrou ainda que a literatura atual, por vezes, opta por utilizar outras expressões e conceitos, como pedagogia social ou Educação social que se aproximam da ideia de Educação não formal.

Conforme Osmar Fávero (2007), as terminologias formal/não formal e formal/informal têm origem anglo-saxônica. Joana Marques e Denise Freitas (2017) datam que elas surgem a partir de propostas de divisão do sistema educativo com publicações de Phillip Coombs em 1968 e da Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura) de 1972, sendo estas as pioneiras em propor as categorias formal, não formal e informal. No entanto, muitas vezes ocorrem sobreposições entre as categorias, por outro lado, os limites entre elas dependem dos contextos específicos, por conta disso, “vários autores têm sugerido que se olhe para os diferentes tipos como parte de um *continuum*” (Joana Marques; Denise Freitas, 2017, p. 1089).

Segundo Martha Marandino (2017, p. 813), essa ideia é uma proposta de Alan Rogers e, considerando os critérios de diferentes pesquisadoras/es, pode-se imaginar que alguns pontos

vão demarcar as experiências em cada uma das categorias como: “seus propósitos, a forma de organização do conhecimento, o tempo de desenvolvimento das ações, a estrutura com que é organizada, as formas e os agentes/sujeitos que controlam as práticas e a própria experiência e a intencionalidade que a fundamenta”. Joana Marques e Denise Freitas (2017), investigando justamente como esses pontos caracterizam cada um dos sistemas educativos, identificaram mais de 20 fatores que exercem influência, demonstrando a complexidade de se realizar uma delimitação.

Em se tratando, propriamente, de estabelecer a diferenciação entre as três terminologias, José Leonardo Rolim de Lima Severo (2015) sintetizou a proposição clássica de definição caracterizando a Educação formal como os processos institucionalizados, graduados e hierarquizados cronologicamente numa serialização; a Educação não formal como um conjunto de atividades, formalizadas e com intencionalidade explícita, que são realizadas fora do sistema escolar; e a Educação informal, como processos que duram toda a vida onde as pessoas adquirem e acumulam conhecimentos (habilidades, atitudes, modos de discernimento) em experiências diárias e na relação delas com o meio. Para o autor a Educação informal vai se referir a processos sem uma função especificada, que ainda possuem intencionalidades, mas, por se referirem a práticas que se submetem a outras razões, não possuem especificidade, ou seja, não podem ser atribuídas a tempo, espaço, conteúdo ou metodologias, ocorrendo espontaneamente ou de forma secundária a outros processos.

De modo geral, a Educação formal é associada, primordialmente, ao contexto institucional escolar. Joana Marques e Denise Freitas (2017) pontuam ainda que ela é tipicamente descontextualizada, dando ênfase na linguagem e no simbólico, o que a torna padronizada e acadêmica, podendo ser generalizável, sendo essa a característica que se critica e que tentativas de mudança vêm se organizando para aproximá-la do cotidiano e da experiência das/os alunas/os. A Educação não formal, entendida como uma oposição à anterior, estaria mais contextualizada, frequentemente situando atividades e experiências distintas das que ocorrem nas escolas (Joana Marques; Denise Freitas, 2017; Osmar Fávero, 2007). Quanto à informal, Joana Marques e Denise Freitas (2017) identificam-na como ocorrendo quando o significado está no contexto associado a aprendizagens do cotidiano.

Um contraponto nessas definições está na caracterização feita por Maria da Glória Gohn (2016); para ela, Educação informal ocorre onde se dá o processo, seja pela família, religião, por meio do pertencimento a determinado grupo ou local, enquanto a não formal seria um campo articulado com a informal e a formal englobando saberes e aprendizados, principalmente, em experiências envolvendo a participação social, cultural ou política. Nesse

sentido, a principal diferença da informal para a não formal é a intencionalidade na ação, de forma que na segunda os indivíduos possuem “uma vontade, tomam uma decisão de realizá-la, e buscam os caminhos e procedimentos para tal” (Maria da Glória Gohn, 2014, p. 40), de forma coletiva ou individual.

Percebe-se que, na literatura, a Educação formal possui uma distinção melhor estabelecida. Contudo, nenhuma delas – formal, informal, não formal – podem ser facilmente delimitadas por qualquer definição de conceito ou classificação, nem se pode fixar as correlações entre escolar/formal e não-escolar/informal/não formal. Se observássemos o futebol (não especificamente o de mulheres) como conteúdo escolar, trabalhado em uma aula de Educação Física, com metodologias próprias, contextualizado ao currículo escolar e com uma intencionalidade direcionada pelo planejamento às relações de gênero, poderíamos entender esse processo como inserido na Educação formal? Partindo da conceituação da literatura, sim. Entretanto, se essa intencionalidade não existir, isso significa que as experiências vivenciadas em relação ao gênero durante as aulas não estarão inseridas nesses processos de ensino e aprendizagem? As respostas para essas questões são complexas e podem mudar dependendo da perspectiva ou classificação adotada.

Reforço que não é a intenção definir aqui em qual desses sistemas educativos certas aprendizagens estão inseridas. O ponto é que elas ocorrem e, num contexto formal, não formal ou informal, a entendemos como parte desse *continuum* processo de Educação. Para isso, compartilhamos do entendimento de Martha Marandino (2017) cujo conceito de Educação é mais amplo que o de aprendizagem, a partir da associação com o conceito de cultura, percebendo aquela/e que aprende como foco do processo educativo. Assim, a aprendizagem está inserida nesse “plano de horizontes e perspectivas, envolvendo, necessariamente, a questão da Educação, da cultura e formação dos indivíduos (e não apenas preparação), das redes de compartilhamento e como se dá o próprio processo de conhecimento” (Maria da Glória Gohn, 2014, p. 38).

Podemos considerar que, a partir dessa ideia da Educação como um processo que se dá continuamente, a perspectiva dos Estudos Culturais – discutido nos próximos parágrafos – amplia a percepção das possibilidades de ocorrência do ensino e da aprendizagem para além de um sistema. O próprio entendimento de pedagogia corrobora esse alargamento de opções, pois, conforme Paula Deporte Andrade e Marisa Vorraber Costa (2017, p. 8), ao utilizar a ideia das Pedagogias Culturais o campo dos Estudos Culturais passa a perceber uma diversidade de novos espaços como lugares onde ocorrem processos pedagógicos que colocam os sujeitos em contato com situações que vão desencadear neles efeitos de aprendizagem sobre si, os outros e o mundo,

pois “introduzem os sujeitos em uma zona na qual os limites entre dentro e fora, entre o que se sabe e o que corpos e mentes estão assimilando produzem novos efeitos, novos conhecimentos”.

Nesse entendimento sobre Educação, o conceito de Cultura se faz extremamente importante, pois perpassa todas as relações em vários contextos sociais, inclusive os ambientes educacionais. Dessa forma, precisamos identificar que significados e sentidos são atribuídos a esse termo neste estudo, pois essa é uma necessidade advinda da complexidade que esse conceito carrega já que, como afirma Stuart Hall (2016, p. 19) a Cultura “é um dos conceitos mais complexos das ciências humanas e sociais”, tanto que seu significado se desloca conforme o momento histórico.

Partindo dos primeiros estudos antropológicos, Giovani Ferreira Bezerra (2017) define e aborda que a definição e a abordagem científica da cultura foram atreladas a pressupostos biológicos e evolucionistas que dominavam a visão positivista do século XIX, de forma que essa noção considerava a existência de estágios evolutivos que se seguiriam até a ideal cultura ocidental europeia, em uma progressão ascendente e linear. O autor ainda aponta que, nos séculos subsequentes, essa conceituação ampliou, se deslocando da antropologia para outros domínios de conhecimento.

Assim, conforme Stuart Hall (2016), as definições tradicionais do termo englobam o que é entendido como o melhor de uma sociedade (obras clássicas da literatura, pintura, música, etc.) sendo essa uma cultura superior enquanto as formas populares da música, arte, literatura, *design*, entretenimento, etc., que compõem o cotidiano das pessoas comuns eram consideradas como cultura de massa e, conseqüentemente, inferior. Todavia, nos últimos anos, o conceito passou a “descrever os valores compartilhados de um grupo ou de uma sociedade” (Stuart Hall, 2016, p. 19), sendo utilizado como referência a tudo que seja característico do modo de vida de um grupo ou comunidade.

A partir dessa ampliação de possibilidades, conforme Marisa Vorraber Costa, Rosa Hessel Silveira e Luis Henrique Sommer (2003) as preocupações passam a estar em problematizações da cultura, agora entendida também nos domínios populares e incorporando em sua flexão plural novas e diferentes possibilidades. Tornando-se um termo tão abrangente, sua delimitação conceitual deixa de ter linhas bem visíveis, entretanto, podemos utilizar os argumentos de Stuart Hall (2016, p. 20) de que “a Cultura diz respeito à produção e ao intercâmbio de sentidos – o ‘compartilhamento de significados’ – entre os membros de um grupo ou sociedade”, assim, ela não é como um conjunto de coisas, mas sim de práticas.

Essa ideia de compartilhamento de significados é ponto crucial tanto para o conceito de Cultura quanto para a perspectiva desta dissertação. Isso porque, é justamente por esse

compartilhamento que grupos sociais aprendem e ensinam os diversos tipos de significados existentes em suas realidades culturais. Esse processo pode ser entendido, a partir de Stuart Hall (2016, p. 20), pela seguinte lógica:

[...] a cultura depende de que seus participantes interpretem o que acontece ao seu redor e “deem sentido” às coisas de forma semelhante [...] Acima de tudo, os significados de uma cultura não estão somente na nossa cabeça – eles organizam e regulam práticas sociais, influenciam nossa conduta e consequentemente geram efeitos reais e práticos [...] São os participantes de uma cultura que dão sentido a indivíduos, objetos e acontecimentos.

É na esfera da cultura que ocorrem as lutas pelas significações e onde o que está sendo compartilhado passa a ser contestado por outros grupos (Marisa Costa; Rosa Silveira; Luis Henrique Sommer, 2003). Sandro Bortolazzo (2020) aponta ainda que Cultura engloba práticas, instituições, relações de poder e uma diversidade de produções. Dessa forma, essa disputa pelos significados abrange todas as esferas de uma sociedade, incluindo aqui as pedagógicas. Marisa Costa, Rosa Silveira e Luís Henrique Sommer (2003) afirmam que o local em que se negociam e se fixam os significados são os textos ou também chamados artefatos culturais, entendidos como produtivos, práticas de representação, que inventam sentidos, que circulam e operam negociando os significados e as hierarquias, esse conceito será retomado e explicado nos próximos tópicos.

Nessa organização teórica a qual os Estudos Culturais foram se constituindo, os primeiros produtos a serem observados foram os que circulavam na cultura popular e na mídia de massa, ou o *mass media* (Ana Carolina Escosteguy, 2000). Conforme a autora, inicialmente, se preocupou com os rumos da cultura contemporânea a partir da perspectiva da fenomenologia, etnometodologia e do interacionismo simbólico com uma ênfase no trabalho qualitativo, em estudos etnográficos. Posteriormente, com o deslocamento no sentido do conceito, deslocou-se também o interesse pela produção de sentido, as estruturas sociais de poder e o contexto histórico para a compreensão de como agiam os meios de massa, isso porque os Estudos Culturais não compreendem esses meios de comunicação como simples instrumentos, mas sim “como agentes da reprodução social, acentuando sua natureza complexa, dinâmica e ativa na construção da hegemonia” (Ana Carolina Escosteguy, 2000, p. 7).

Percebe-se que a ideia de mídia ou de artefatos midiáticos sempre foi amplamente utilizada nos Estudos Culturais, em particular acerca de sua participação na reprodução social que faz parte dos currículos e pedagogias inseridos nesses produtos da cultura. Entretanto, a literatura não apresenta uma definição consolidada ou amplamente reconhecida sobre a mídia.

Asa Briggs e Peter Burke (2006) organizaram uma história social da mídia e, sem efetivamente defini-la, indicam que o termo começa a ser utilizado na década de 1920, mas que uma teoria interdisciplinar acerca do tema aparece na década de 1950 com o surgimento da comunicação visual pela televisão e o início dos estudos sobre Comunicação e Estudos Culturais. Nessa ideia, a mídia pode ser entendida como os meios de comunicação, desde a tradição oral até a *Internet* e, de fato, percebe-se que os Estudos Culturais se aproximaram da área da comunicação ao direcionar olhares a artefatos midiáticos.

Liziane Guazina (2007, p. 49), relacionando as áreas da Comunicação e da Política, afirma que esse termo passou a ser utilizado de forma generalizada em pesquisas sobre Comunicação no Brasil a partir da década de 1990, “porém, mídia é utilizada no mesmo sentido de imprensa, grande imprensa, jornalismo, meio de comunicação, veículo”. Ainda assim, a autora relata que, apesar da grande utilização, é difícil encontrar um consenso em sua definição no campo da Comunicação, mas parece que seu emprego é direcionado para análises sobre um poder institucional e de representação dos meios de comunicação inseridos no mundo político da atualidade.

Incorporado ao contexto da Educação, podemos entender, partindo de Rosa Maria Bueno Fischer (2002, p. 155), que a mídia é um dispositivo pedagógico que trata

de um processo concreto de comunicação (de produção, veiculação e recepção de produtos midiáticos), em que a análise contempla não só questões de linguagem, de estratégias de construção de produtos culturais (no caso aqui referido, de programas televisivos), apoiada em teorias mais diretamente dirigidas à compreensão dos processos de comunicação e informação, mas sobretudo questões que se relacionam ao poder e a formas de subjetivação.

Assim, deixamos de entender os meios de comunicação como simples canais intermediadores ou mediadores, passando a compreendê-los como construtores potenciais de conhecimento que são responsáveis pela agenda de temas públicos e por formarem compreensões (Liziane Guazina, 2007). Dito isso, vamos compreender mídias como uma associação entre os dois entendimentos iniciais, mas considerando as implicações que elas possuem dentro dos processos de ensino e aprendizagem que fazem parte da Educação, assim, na concepção aqui trabalhada mídia fará referência tanto aos meios de comunicação quanto ao trabalho da imprensa, principalmente em sua associação ao jornalismo.

Partindo da visão da mídia como um dispositivo pedagógico, no campo dos Estudos Culturais, passamos a utilizar o conceito de Pedagogias Culturais. Paula de Andrade e Marisa Costa (2017, p. 18), sobre as condições de emergência, a invenção do termo e às suas

vinculações teóricas, afirmam que “qualquer tentativa de circunscrever o conceito, de capturá-lo em uma definição estreita e demasiadamente demarcada seguiria na contramão de sua flexibilidade e das possibilidades que têm instaurado”, sendo mais produtivo investigar as articulações das condições de possibilidade e os significados que elas vão oferecer ao conceito.

Entretanto, Paula de Andrade e Marisa Costa (2017, p. 15) reconhecem David Trend como o responsável pela introdução do termo, da forma como passou a ser utilizado, devido as direções adotadas pelo autor, tanto pela própria utilização da expressão quanto sua aproximação com os Estudos Culturais e a importância da relação entre pedagogia e cultura, o que, as autoras afirmam, sinalizava que ele “estava ciente da cultura como recurso pedagógico e da pedagogia como instrumento que pode alterar as formas culturais”.

Entendendo então que a Cultura interfere na vida cotidiana por meio das pedagogias, Sandro Bortolazzo (2020) afirma que o conceito de Pedagogias Culturais foi construído em diferentes campos de conhecimento que foram legitimando a existência de relações entre pedagogia e as práticas culturais cotidianas. O autor também traz o entendimento de Pedagogia como “um objetivo peculiar, que seria a educação, etimologicamente descrita como o ato de modificar ou conduzir o sujeito de um estado a outro” (Sandro Bortolazzo, 2020, p. 317). Já Viviane Castro Camozzato (2014), pontuou uma relação íntima entre a Pedagogia e a produção das pessoas, associadas a temas importantes na atualidade, apesar de problematizar que não se tratem de outras Pedagogias, apenas novas ênfases e reconfigurações, para ela a

cultura contemporânea precisa ser salientada como um importante instrumento de multiplicação dos nomes e lugares em que se ancoram as pedagogias; potente multiplicação dos modos de olhar e ser olhado, de falar e ser falado, implicando numa multiplicação mesma das diferenças. Experiências do e com o presente que vem sofrendo transformações, reconfigurando as faces do mundo, incluindo nós, que dele fazemos parte [...] o uso desse conceito vem sendo cada vez mais empregado para mostrar a operacionalidade de discursos específicos em artefatos que se dispõem a educar e produzir determinados tipos de sujeitos (Viviane Camozzato, 2014, p. 574).

Entendendo que esses processos, decorrentes da Cultura, participam da forma como a Educação acontece em diferentes contextos, Paula Andrade e Marisa Costa (2017) observaram que os Estudos Culturais trazem condições para que se possa analisar o ensino e aprendizagem, a partir de vários nichos sociais e culturais. E, quanto às Pedagogias Culturais, Sandro Bortolazzo (2020) afirma que elas se aplicam para além de uma justificativa teórica, já que são uma formação de saberes que executa saberes sobre sujeitos, sendo um conceito construído de

diversos campos de conhecimento que se ratificaram na relação da pedagogia com as práticas sociais. Assim

a Pedagogia, ao ganhar o plural, também pluralizou os campos de atuação. Além disso, a proliferação das pedagogias tem a ver com a dificuldade da educação de efetivar seus propósitos em um mundo líquido, flexível, instável, em constante transformação [...] (Bortolazzo, 2020, p. 318).

Outro tema educacional ampliado pelos Estudos Culturais foi o Currículo. Se as pedagogias passam a serem entendidas a partir das práticas, o currículo passou a se relacionar aos conhecimentos que essas práticas associam. Para Tomaz Tadeu da Silva (2013, p. 189) o currículo é uma relação social que, através de uma conexão entre pessoas produz conhecimento como produto de ligações e associações que são sociais, mas também envolvem poder, sendo essa “uma concepção de currículo que destaca seu aspecto político de contestação, de possibilidade de diferentes e divergentes construções e produções”.

Entendemos que a ideia de Currículo Cultural então, conforme Marisa Vorraber Costa, Maria Lúcia Wortmann e Iara Tatiana Bonin (2016), aparece a partir de um amplo espectro de investigações dos Estudos Culturais voltadas ao que as autoras chamam de textualidades, especialmente por aproximações de posições associadas a Michel Foucault. Para as autoras, essa noção ocorre pelos entrecruzamentos de várias teorias articuladas, pelo campo dos Estudos Culturais, na área da Educação e se organiza em discussões de Stuart Hall sobre a Cultura e seu caráter constitutivo, produtivo e regulador, encontrando elementos no pensamento foucaultiano para considerar estes textos como discursos que funcionam como instituintes de verdades produzidas em jogos de poder de forma que se pode perceber os textos culturais como artefatos “produtivos e constitutivos das formas como somos, vivemos, compreendemos e explicamos o mundo” (Marisa Costa; Maria Lúcia Wortmann; Iara Tatiana Bonin, 2016, p. 521).

Para Tomaz Tadeu da Silva (2013), entendendo-o como uma atividade produtiva em dois sentidos, o currículo deve ser percebido nas ações, aquilo que fazemos, e nos efeitos, o que ele faz a nós, e em ambos os casos ele estará permeado por aspectos políticos e relações de poder, porque não está num processo de transmissão, mas sim de constituição e posicionamento. Compreender o currículo – Currículo Cultural – dessa maneira significa percebê-lo como espaço de articulação de relações de poder muito particulares incidindo sobre quais conhecimentos estão sendo disputados e posicionados como constituintes desses sujeitos. Assim, podemos, também, nos atentar a como esses currículos estão se construindo em determinados campos da sociedade, para construir sujeitos particulares e específicos, pois ele:

[...] não é, assim, uma operação meramente cognitiva [...] tampouco pode ser entendido como uma operação destinada a extrair, a fazer emergir, uma essência humana que preexistia à linguagem, ao discurso e à cultura [...] pode ser visto como um discurso que, ao corporificar narrativas particulares sobre o indivíduo e a sociedade, constitui-nos como sujeitos – e sujeitos também muito particulares” (Tomaz Tadeu da Silva, 2013, p. 189)

Considerando o futebol como um ponto de articulação de currículos e como um campo no qual se estabelecem relações sociais que participam da constituição de determinados sujeitos, podemos entendê-lo como parte de práticas culturais que difundem discursos de verdade sobre diversas questões que produzem, constituem e regulam formas de ser, viver, compreender e explicar o mundo. Sendo um dos esportes de grande visibilidade na realidade do Brasil, Silvana Vilodre Goellner, Paula Silva e Paula Botelho-Gomes (2013) compreendem sua prática como um fenômeno cultural mundial e apontam que sua popularização pode ser atribuída à intensa relação que o futebol tem com a mídia, sendo que ele constitui o principal tema do jornalismo esportivo moderno ocidental, em específico na sua expressão profissional de alto rendimento e, sobretudo, o praticado por homens.

Presente no cotidiano através de publicidades, meios de comunicação, mídias sociais entre outras possibilidades, esse esporte historicamente esteve perpassado por compreensões de gênero que, como apontam Marcelo Victor da Rosa *et al.* (2020), fundamentaram, e ainda fundamentam, uma crença de que se trata de um esporte somente para homens. Nessa percepção, Silvana Vilodre Goellner e Cláudia Samuel Kessler (2018) mencionam o pouco espaço dado ao futebol praticado por mulheres, assim como a pequena visibilidade, a escassez de campeonatos, a ausência de equipes nos principais grupos e o pouco incentivo a essas práticas na Educação Física Escolar e na área de lazer, o que pode ser entendido como um reflexo dessa crença que está atravessada por relações de poder.

Tanto quanto o próprio esporte, a prática das torcidas também pode ser considerada como um espaço generificado em que existe um exercício de poder que o delimitou, e ainda delimita, como um ambiente extremamente masculinizado, em entendimento único de masculinidade vinculada, muitas vezes, a comportamentos agressivos. As torcidas organizadas e dos grupos de torcedoras/es que acompanham jogos de seus times reunidos, fazem parte de uma cultura social muito presente em alguns lugares do Brasil e, atualmente, com a ampliação do acesso à tecnologia, passou a integrar certos ambientes *on-line*, um deles as redes sociais.

Em seu trabalho de conclusão de curso, Rivanny Marrydjianne Cabral da Silva (2022), ao observar dados investigados e disponibilizados pela FIFA (*Fédération Internationale de Football Association*), concluiu que, com a modificação dos hábitos de torcedoras e torcedores

de futebol e na maneira como vivenciam o futebol, a presença delas e deles nas plataformas *on-line* é imprescindível. Dados semelhantes são apresentados por Rodrigo Koch (2021) que, pesquisando a relação de torcedoras/es com as mídias digitais, identificou mudanças na identidade torcedora que ele afirmou terem sido aceleradas durante o pós-pandemia da Covid-19, uma delas se caracterizando pelo crescimento do público composto por mulheres.

Considerando que nos últimos anos o número de torcedoras/es e interessadas/os no Futebol de Mulheres vem crescendo³, justificando-se a necessidade de que olhares investigativos sejam direcionados para esse ambiente, principalmente para que se possa observar que concepções de gênero perpassam nesses espaços, além da maneira pela qual estão se dando as relações de poder nesse lugar ainda muito influenciado por aquelas agendas esportivas generificadas. A problemática, então, está em torno de como se dão essas relações dentro desses espaços acessados e utilizados pelo público do Futebol de Mulheres, em específico aquelas presentes na plataforma, até então, chamada *Twitter*. A utilização do termo público e não torcedoras/es se deve ao fato de que as interações entre perfis e usuárias/os não se restringirem apenas a torcedoras/es dos clubes participantes do campeonato, mas inclui também tanto indivíduos interessados no futebol quanto aqueles que criticam ou menosprezam a modalidade.

Em parte, a escolha dessa rede social se relaciona a pesquisas anteriores realizadas por mim, pois, em texto publicado em 2023 (Alini Silva Peixoto *et al.*, 2023), ao investigarmos as transmissões dos jogos de uma edição do Campeonato Brasileiro Feminino A1, percebemos um agenciamento do público que acompanhava a competição, através de *hashtags* no *Twitter*, o que teve impacto na maneira como os clubes e as marcas responsáveis pensavam e produziam os uniformes das jogadoras, já que aquela edição começou com atletas utilizando camisas que continham apenas números e finalizou com todas jogando com uniformes que identificavam seus nomes ou apelidos.

Tendo surgido em 2006 com a denominação de *Twitter*, se popularizou nos anos seguintes possuindo uma estrutura aproximada a de um *microblog* que permite atualizações curtas, rápidas e com a utilização de diversos formatos, em ordem cronológica inversa e com diversas finalidades (Lúcia Lemos, 2008; Gabriela da Silva Zago, 2009; Ítana Luzia dos Santos,

³ O TEMPO SPORTS. Futebol Feminino acumula recordes de público e audiência; veja números. **O Tempo**, 01 de setembro de 2023. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/sports/futebol/futebol-feminino-acumula-recordes-de-publico-e-audiencia-veja-numeros-1.3286194>. Acesso em: 28 de junho de 2024.
LANCE. Final da Supercopa Feminina tem recorde de público; veja ranking. **Lance!**, 18 de fevereiro de 2024. Disponível em: <https://www.lance.com.br/lancebiz/torcidas/final-da-supercopa-feminina-tem-recorde-de-publico.html>. Acesso em: 28 de junho de 2024.

2022). Uma dessas, sendo a apropriação de usuários da plataforma como uma ferramenta jornalística, como relatado por Lúcia Lemos (2008), que também relaciona o Brasil como um lugar onde a rede foi adotada rapidamente como forma de informação, socialização e relacionamento.

A plataforma passou por algumas mudanças e atualizações durante sua existência, dentre elas a criação do conceito de *hashtag* em 2007, que surge com a proposta de agrupar mensagens sobre o mesmo assunto para facilitar as buscas por temas, a inserção de anúncios de publicidade em 2010, as funcionalidade de linha do tempo com um fluxo contínuo, mensagens diretas entre usuárias/os, respostas e menções que proporcionaram a marcação de postagens de outras/os usuárias/os, além do primeiro aumento no limite máximo de caracteres de cada postagem que passou de 140 (limite equivalente ao utilizado em mensagens de celular) para 280 em 2018 (História do *Twitter...*, 2022).

Historicamente funcionou como espaço de resistência para suas/eus usuárias/os em momentos de disputas, também deu amparo por meio da criação de ferramentas que limitavam o uso de linguagem prejudicial e soluções anti-assédio, além disso foi a primeira das redes sociais excluir o perfil de Donald Trump em 2021 (História do *Twitter...*, 2022) devido às ações violentas de seus apoiadores na invasão no Capitólio dos Estados Unidos, em que centenas de pessoas destruíram objetos e ameaçaram congressistas após a derrota do então candidato à presidência (Tiago Tortella, 2022).

Esse cenário pareceu sofrer alterações a partir do início do ano de 2022 quando o empresário Elon Musk anunciou sua oferta de compra da plataforma, o que Daniele Savietto Filippini (2022) afirmou não ter sido uma surpresa devido a algumas atitudes tomadas por Musk, como a aquisição de ações, seus posicionamentos sobre a plataforma que Musk considerava um espaço para debates de assuntos importantes para a humanidade e suas declarações de ser a favor da liberdade de expressão, o que teriam sido as razões para a compra. As mudanças pretendidas por ele envolviam uma maior monetização dos conteúdos, bloqueio de *bots* (contas falsas criadas a partir de programas de computador configurados para assumirem determinadas posições discursivas), uma maior transparência no algoritmo e alterações na verificação dos perfis e na moderação do conteúdo que, anteriormente à compra, eram mais rígidas em relação aos discursos que poderiam circular, regulando discursos de ódio e outros comportamentos violentos (Daniele Filippini, 2022).

Após diversas intercorrências, incluindo exigências, processos e decisões judiciais para cumprimento do contrato, ao final de 2022 o *Twitter* é oficialmente adquirido e enfrenta outros desafios incluindo inseguranças, incertezas e instabilidades por parte da própria empresa,

das/os usuárias/os e anunciantes (História do *Twitter...*, 2022). Um reflexo disso, foi descrito por James Bisbee e Kevin Munger (2024) que, observando perfis de acadêmicas/os verificou uma redução significativa na atividade e no volume diário de conteúdo, associando esses fenômenos ao reestabelecimento da conta do, então, ex-presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, o que os autores refletem estarem relacionados à uma preocupação dessas/es acadêmicas/os em serem interpretados como apoiadoras/es das atitudes da plataforma.

No Brasil, Daniele Filippini (2022) relatou, como consequência imediata da compra da rede por Elon Musk, o crescimento de perfis políticos de caráter bolsonarista acima da média, pois que o perfil de Jair Bolsonaro ganhou, em 24h, mais de 61 mil contas criadas após o anúncio da aquisição. Como mais uma usuária, ainda que um tanto desinteressada, estive imersa nesse contexto de incertezas que provocou o surgimento de *hashtags* como #RIPTwitter e a migração para outras plataformas, entretanto, devido aos mecanismos que personalizam os conteúdos que cada perfil escolhe ter acesso, as referências a essas mudanças se tornaram cada vez mais esporádicas.

É no contexto relatado anteriormente que a presente pesquisa começou a ser articulada. Entretanto, durante os meses seguintes alguns desdobramentos da venda da plataforma passaram a impactar a construção desse texto. Em julho de 2023 a rede social *Twitter* teve seu nome alterado para X, na sequência, desdobramentos das investigações e decisões do Supremo Tribunal Federal (STF), referentes aos atos antidemocráticos de 8 de janeiro de 2023⁴, determinaram o bloqueio de contas suspeitas de envolvimento nos ataques; no entanto, após divulgação do que se chamou de *Twitter Files Brazil*⁵, o dono da plataforma, baseando-se em seu pressuposto de defender a liberdade de expressão, declarou que descumpriria as decisões e deixaria de bloquear as contas.

A partir disso se desenrolaram embates entre Elon Musk e o Ministro Alexandre de Moraes sobre o (não)cumprimento de decisões e censura por parte do STF, quanto entre outros atores políticos de oposição e os/as apoiadores/as sobre discussões a respeito das *Fake News*⁶ que resultaram em declarações acusatórias através de postagens, aplicações de multas e retirada

⁴ RICUPERO, Bernardo. O que foi o 8 de janeiro? **Jornal da USP**, 08 jan. 2024. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/o-que-foi-o-8-de-janeiro/>. Acesso em: 02 out. 2024.

⁵ TWITTER Files Brazil: o que está por trás dos ataques de Musk a Moraes; entenda. **Estadão**, 07 abr. 2024. Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/tecnologia/noticia/2024/04/twitter-files-brazil-o-que-esta-por-tras-dos-ataques-de-musk-a-moraes-entenda.ghtml>. Acesso em: 02 out. 2024.

⁶ PAPO DE FUTURO. EP#63 – Twitter x STF: o que está em jogo no debate sobre a regulação da internet no Brasil. **Radio Câmara**, Brasília, 09 abr. 2024. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/radio/programas/1050027-ep63-twitter-x-stf-o-que-esta-em-jogo-no-debate-sobre-a-regulacao-da-internet-no-brasil/>. Acesso em: 02 out. 2024.

do representante legal da empresa do país. As tensões entre Musk e o STF culminaram com a determinação de suspensão da rede social no território brasileiro em 30 de agosto de 2024⁷.

Mais de um mês após o bloqueio, em 08 de outubro de 2024, e apenas após cumprimento das decisões judiciais e o pagamento das multas aplicadas a empresa, a plataforma voltou a operar no Brasil, país considerado um de seus maiores mercados⁸. Ainda que não se possa relacionar nenhum impacto desse contexto na construção do campo de análise, visto que o campeonato se encerrou ainda em 2023, o resgate de informações presentes na plataforma ficou impedido durante o período do bloqueio, o que coincidiu com a escrita pós-qualificação dessa dissertação.

Dito isso, é preciso pontuar as influências neoliberais presentes na própria constituição da rede social, principalmente após sua aquisição pelo empresário/bilionário⁹, investidor em diversos contextos de desenvolvimento tecnológico, com destaque sobre a monetização a partir da ampliação dos anúncios e aos agenciamentos das/os usuárias/os em relação às mudanças implementadas a partir dessa influência. Entendendo por neoliberalismo o contexto social, histórico e econômico da modernidade que, conforme Achille Mbembe (2018) é dominado pelas indústrias do silêncio e as tecnologias digitais em que tudo se converte em força reprodutiva monetária em que se passa a poder/dever atribuir valor de mercado todas as situações/acontecimentos da vida e que se caracteriza por uma produção da indiferença, a vida social paranoicamente codificada em normas, categorias e números e abstrações que passam a racionalizar o mundo por lógicas empresariais.

Em face a isso e considerando que essa escolha tem relação política, mas também está relacionada aos currículos que me atravessaram tanto como usuária quanto pesquisadora, opto por, daqui em diante, utilizar a denominação *Twitter/X* para referir à rede social na qual foi construído o campo de análise deste estudo para representar a dualidade contraditória que se instaurou na própria plataforma, visto que, como Alinne Dayse Dantas da Cunha Silva (2024) apresenta, a transformação de identidade do *Twitter* para o X se configurou como uma ruptura

⁷ FIM do bloqueio do X? O embate de Musk e Alexandre de Moraes capítulo a capítulo. **BBC News Brasil**. 08 out. 2024. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cdd4nz5epj6o>. Acesso em: 15 out. 2024.

⁸ PAULA, Isabela de. Imprensa internacional repercute retorno do X no Brasil. **Gazeta do Povo**. 09 out. 2024. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/imprensa-internacional-repercute-retorno-do-x-no-brasil/>. Acesso em: 15 out. 2024.

⁹ Em 20 de janeiro de 2025, após forte apoio do empresário durante a campanha, Donald Trump assumiu, pela segunda vez, a presidência dos Estados Unidos da América; entre as primeiras decisões do novo presidente estão o perdão em massa aos presos pela invasão do capitólio em janeiro de 2021, mudanças em políticas econômicas internacionais, de imigração e o fim de políticas de inclusão e diversidade. Nesse cenário, Elon Musk, apoiando todas as medidas, recebeu o cargo de comando de um departamento com função de aconselhar o novo governo, posição de destaque na nova administração do país, algo que solidifica seu posicionamento neoliberal.

com o que a plataforma construiu durante seus anos de existência, o que é reforçado por dados que mostram que, nos Estados Unidos, 79% das/os usuárias/os estão cientes da mudança de nome, mas escolhem continuar a se referir à plataforma como *Twitter*.

Também é preciso reforçar que a escolha pelo *Twitter/X* não foi aleatória, deu-se devido a sua relevância na realidade brasileira em geral, mas também no contexto do futebol para as/os brasileiras/os, pois se apresenta como a segunda maior rede social em número de usuários no Brasil com 27,7 milhões de contas ativas (Rivanny da Silva, 2022) além de ter sido o terceiro assunto mais comentado no *Twitter/X* em 2022 por perfis de brasileiras/os¹⁰. A fim de compreender essas relações pedagógicas do Futebol de Mulheres com aquelas/es que acompanham o tema, através de mídias sociais, foi proposta essa pesquisa direcionada às manifestações relacionadas à principal competição profissional nacional do Futebol de Mulheres, com um olhar voltado a maneira como se apresentaram os possíveis currículos envolvidos na relação do público com todos os elementos da competição, visto que essas interações trazem concepções cultural e socialmente estabelecidas sobre a temática.

Para tal, tive por objetivo geral analisar os currículos relacionados às produções de saberes e poderes nas manifestações do público nas *hashtags* do *Twitter/X* associadas ao Campeonato Brasileiro Feminino Neoenergia 2023; a partir do que organizei quatro objetivos específicos, sendo eles: contextualizar os currículos e seus aspectos bem como a maneira pela qual se apresentam culturalmente ensinados e aprendidos nos discursos do público do Futebol de Mulheres nas *hashtags*; apreender os deslocamentos relacionados aos conceitos de gênero, mulher, masculino/feminino a partir dos discursos observados; analisar as relações de poder presentes nesses discursos em seus mecanismos de agência e resistência, por fim, perceber as formas pelas quais o Futebol de Mulheres é perpassado pelas relações de poder, ressignificações e deslocamentos dos discursos do público através das *hashtags*.

Dito isso, na seção, intitulado “Em competições anteriores” fez-se um breve histórico sobre o Futebol de Mulheres com uma contextualização sobre a prática e a apresentação de um Estado da Questão¹¹ com o que vem sendo pesquisado sobre o tema na área da Educação. A seção, “Regulamentos: as regras da competição”, apresenta o percurso teórico metodológico

¹⁰ BRASIL é o país que mais usa o Twitter para falar de futebol no mundo. **Gazeta Esportiva**. São Paulo, 07 jul. 2022. Disponível em: <https://www.gazetaesportiva.com/times/brasil/brasil-e-o-pais-que-mais-usa-o-twitter-para-falar-de-futebol-no-mundo/>. Acesso em: 25 set. 2024.

¹¹ Para Sílvia Maria Nóbrega-Therrien e Jacques Therrien (2004, p. 9) o estado da questão se configura como o “esclarecimento da posição do pesquisador e de seu objeto de estudo na elaboração de um texto narrativo, a concepção de ciência e a sua contribuição epistêmica no campo do conhecimento”, em síntese, seu objetivo está em delimitar de forma específica o interesse de investigação, diferente do estado da arte, ou estado do conhecimento, que objetiva mapear e discutir a produção científica e acadêmica de um campo do conhecimento determinado e de uma revisão de literatura que busca desenvolver a base teórica do estudo.

adotado, bem como os principais conceitos que norteadores das análises. Na sequência, na seção “Ao apito inicial, começa o primeiro tempo”, trata das primeiras análises sobre as observações do Campeonato Brasileiro Feminino de 2023 que abrangem o público presente nas *hashtags* e as primeiras percepções sobre as interações. A seção seguinte, “Reinício do jogo, começa o segundo tempo”, prossegue com as análises sobre os currículos circulantes no campo e a influência das representações. As últimas análises, presentes na seção “Acréscimos: poderes, resistências e agências”, trazem um aprofundamento sobre as resistências e os exercícios de poder que perpassam os discursos observados, apontando também as relações das instituições oficiais de regulamentação e o futebol delas. Por fim, encerro o texto com o tópico “Melhores momentos: considerações sobre essa partida”, condensando as análises sobre as *hashtags*, seus currículos e representações.

1. EM COMPETIÇÕES ANTERIORES

Longe de tentar estabelecer um percurso histórico ou uma arqueologia relacionada aos saberes que constituem o futebol praticado pelas mulheres, esses próximos parágrafos farão uma breve contextualização da prática a fim de apresentar às/aos leitoras/es algumas questões que se fizeram presentes na trajetória das mulheres que se envolviam com a prática do futebol. Desde o início da modalidade no Brasil, foram identificados registros e evidências do envolvimento delas (Eriberto José Lessa de Moura, 2003; Aira Fernandes Bonfim, 2019; Enny Vieira Moraes, 2012; Ludmila Mourão e Marcia Morel, 2005).

Ainda que a presença das mulheres em ambientes esportivos tenha sido muito relatada pela mídia impressa em aspectos coadjuvantes; como pontuou Aira Bonfim (2019) sobre o termo torcedor que pode ter origem no surgimento da palavra torcedora, atribuída às mulheres que torciam seus lenços e fitas nas arquibancadas a cada lance do futebol; Ludmila Mourão e Marcia Morel (2005, p. 76) perceberam que as primeiras notícias de partidas entre mulheres tratavam a prática com comicidade, afirmando que “pela pouca intimidade das jogadoras com o esporte, o FF [Futebol Feminino] era um divertimento para os outros, a inabilidade fazia com que o jogo fosse visto como uma caricatura, com tons de comédia, misto de curiosidade e frenesi”. O que viria a acontecer com a mídia é uma virada de posicionamento, deixando de apontar a novidade e passando “para o lado da palavra oficial dos especialistas, que eram contra ou faziam ressalvas para a prática do futebol pelas mulheres” (Eriberto de Moura, 2003, p. 39).

Outro ponto relevante foi o caráter elitista que permeou o futebol durante sua institucionalização inicial em terras brasileiras, fortemente vinculado aos clubes (Renata de Andrade Teixeira, 2016; Aira Bonfim, 2019), sua prática se organizou, em grande parte, voltada aos homens, enquanto as mulheres foram “tratadas como elementos femininos passivos e coadjuvantes nestes eventos esportivos” (Aira Bonfim, 2019, p. 36). Renata Teixeira (2016) aponta que, por se estabelecer na esfera masculina, o futebol participa da manutenção da mulher como coadjuvante, legitimando o trabalho e o lazer relacionados a essa prática como espaço de domínio dos homens.

Esse pertencimento do futebol aos homens também é percebido de diversas maneiras por outras/os autoras/es (Silvana Goellner, Paula Silva e Paula Botelho-Gomes, 2013; Silvana Goellner; Claudia Kessler, 2018; Marcelo Rosa *et al.*, 2020). Eriberto de Moura (2003) pontuou essa vinculação do futebol à figura do homem no ambiente familiar e escolar, associando que os comportamentos esportivo-motores esperados de meninos e meninas são diferentes. Em específico sobre o futebol, Marcelo Rosa *et al.* (2020) relacionam a escola como um local que

proporciona situações de exclusão de gênero, o que provoca uma não participação das meninas na Educação Física que aparenta ser um ambiente não propício a elas.

Pode-se entender isso como reflexo da forma como o futebol se construiu como um espaço de práticas sociais integrantes da constituição identitária de uma masculinidade específica e, por isso, concentrou uma resistência à prática das mulheres ainda maior do que em outros esportes (Ludmila Mourão; Marcia Morel, 2005). Para Silvana Goellner e Cláudia Kessler (2018). Um reflexo desse domínio deles no futebol foi a interdição oficial realizada pelo Decreto/lei n. 3.199, expedido por Getúlio Vargas, que vetou a prática do futebol e de outros esportes às mulheres de 1941 até 1979¹², fundamentada por um argumento que perdurou por longa data, de que o futebol não poderia ser jogado pelas mulheres pelo fato que poderiam "masculinizar" os seus corpos e elas eram muito frágeis. Restrição que, para Luiza Aguiar dos Anjos *et al.* (2018), tem efeitos que ainda repercutem em discursos e práticas que reforçam uma normalização da representação de feminilidade que tornam espetáculo a beleza das atletas ou apontam uma 'masculinização' delas dentro dessas práticas.

1.1 Quem já entrou em campo: um estado da questão do Futebol de Mulheres na Educação

Por se tratar de um esporte que faz parte da realidade cultural no Brasil, a produção acadêmico-científica acerca do futebol é extensa, o mesmo se percebe em relação ao Futebol de Mulheres, principalmente nos últimos anos (Júlia Barreira *et al.*, 2018). Para tanto, a perspectiva teórica desta dissertação, bem como o interesse em aproximar as reflexões sobre a prática desse esporte com currículos e pedagogias, realizou-se a busca de textos produzidos a respeito do futebol delas que estivessem relacionados a área da Educação. Desta forma, utilizou-se a consulta ao Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES¹³ e ao portal Periódicos Capes¹⁴.

Considerando as especificidades para a composição de um Estado da Questão, utilizou-se da busca booleana, em ambos os repositórios, associando os termos "Futebol

¹² Oficialmente a proibição se encerrou em 1979, mas o futebol delas não foi regulamentado apenas em 1983.

¹³ COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. **Catálogo de Teses e Dissertações**. Painel de informações quantitativas (teses e dissertações). Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>. Acesso em: 01 de mar. de 2024.

¹⁴ MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO/CAPES. **Portal periódicos CAPES**. Acervo científico online que reúne e disponibiliza conteúdos produzidos nacionalmente e outros assinados com editoras internacionais a instituições de ensino e pesquisa no Brasil. Disponível em: <https://www-periodicos-capes-gov-br.ezl.periodicos.capes.gov.br/index.php?>. Acesso em: 01 de mar. de 2024.

Feminino” e “Futebol de Mulheres” ligados pelo operador OR, buscando textos que utilizassem qualquer um dos conceitos, junto a eles associou-se com o operador AND, em buscas separadas, os termos “Educação”, “Cultura”, “Pedagogia”, “Mídia” e “Discurso”. Os limites temporais da busca foram distintos nas duas bases, a princípio, considerando as especificidades, a demarcação dataria da Copa do Mundo Feminina ocorrida no ano de 2019 devido a sua relevância para o crescimento da visibilidade e da mobilização do público, conforme relatado por Soraya Barreto Januário, Cecília Almeida Rodrigues Lima e Daniel Leal (2020). Entretanto, devido ao menor número de publicações de teses e dissertações fez-se a escolha de ampliar o período para incluir os últimos 10 anos a partir da data final estabelecida em consonância com o ano de realização da competição relacionada ao campo de análises.

Assim, para o Catálogo de Teses e Dissertações, observou-se o período de 2014 a 2023 utilizou-se como filtro que os nomes dos programas fossem relacionados a programas de Educação ou Educação Física. Apesar da ampliação, apenas um dos textos foi produzido em data anterior ao ano de 2019. Os resultados numéricos dessa busca estão no Quadro 1.

Quadro 1 - Quantitativo de textos localizadas no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes

Termos	N resultados entre 2014-2023	N resultados em Programas de Educação e Educação Física	N final de resultados
Educação	45	16	8
Cultura	19	2	2
Pedagogia	7	5	5
Mídia	9	3	3
Discurso	3	0	0
TOTAL	83	26	18

Fonte: Elaboração própria (2024).

Os textos cujos temas estivessem relacionados às questões de biologia, a técnica/tática da prática ou ao treinamento esportivo foram excluídas dos resultados. Foram identificados entre os 18 resultados o total de oito textos, devido à repetição em mais de uma busca, sendo sete dissertações e uma tese. Entretanto, não se conseguiu acesso ao texto de uma das dissertações, de forma que apenas sete Dissertações e Teses, dispostas no Quadro 1, compõem esse tópico, sendo que foram publicadas entre os anos de 2017 e 2023, cinco delas em programas de pós-graduação em Educação Física e duas em programas de Educação.

Quadro 2 - Teses e Dissertações sobre o futebol praticado por mulheres na área da Educação e da Educação Física encontradas no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes

Autoria	Tipo	Ano	Programa	Título
Ana Laura Eckhardt de Lima	Dissertação	2022	Mestrado em Educação Física Universidade Federal do Espírito Santo	Mulheres e futebol no Brasil: olhares sobre a rede de enunciações presentes em sites de notícia durante a pandemia da COVID-19 (SARs-CoV-2)
Bruna Rafaela Esporta Fernandes	Dissertação	2019	Mestrado em Educação Física Universidade Estadual de Campinas	O paradoxo está em jogo: as representações da mídia impressa sobre a seleção brasileira feminina de futebol na década de 1990
Eduarda dos Passos Gonçalves	Dissertação	2021	Mestrado em Educação Universidade Federal de Santa Catarina	O Futebol de Mulheres na mídia: a cobertura jornalística da Copa do Mundo de Futebol Feminino FIFA 2019 nos portais Globoesporte.com e Dibradoras
Julia Barreira Augusto	Tese	2021	Doutorado em Educação Física Universidade Estadual de Campinas	Desenvolvimento do futebol praticado por meninas e mulheres: conceitos, ações e implicações
Maria Thereza Oliveira Souza	Dissertação	2017	Mestrado em Educação Física Universidade Federal do Paraná	“Da visão que eu tenho, do que eu vivi, não sei muito no que acreditar” – atletas da Seleção brasileira feminina e as memórias de um futebol desamparado
Mariana da Silva Brum	Dissertação	2023	Mestrado em Educação Física Universidade Federal de Pelotas	Possibilidade de carreira: migração de futebolistas brasileiras para o futsal italiano
Nathalia Cristina Servadio	Dissertação	2022	Mestrado em Educação Universidade Estadual de Campinas	Pertencimento e oportunidades esportivas na prática futebolística de meninas e mulheres: estudo de caso do projeto Futebol Feminino Campinas (FFC)

Fonte: Elaboração própria (2024).

É interessante observar que alguns tópicos são recorrentes na tese e nas dissertações. Destaco a menção que todas fazem ao Decreto-Lei de 1941 que interditou a prática do futebol pelas mulheres – algumas das autoras mencionam também a deliberação do CND de 1965 que

especificou o futebol como uma prática que deveria ser impedida. No entanto, as autoras frisam que a existência dessas determinações legais não significou a não existência dessas práticas (Maria Thereza Souza, 2017; Eduarda Gonçalves, 2021; Júlia Augusto, 2021) trazendo referências que indicam que

apesar da existência desses discursos baseados em convenções morais de que praticar esportes violentos atrapalhava a conduta graciosa à qual a mulher estava fadada a seguir em decorrência de sua natureza, o documento não se consolidou como algo seguido fielmente e não houve uma fiscalização rigorosa ou uma atenção especial sobre isso – tanto que se deu um espaço de vinte e quatro anos entre as instruções lançadas pelo documento de 1941 e a regulamentação estabelecida pela CND em 1965 – levando a crer que o que realmente acreditava-se necessário ser evitado eram as tentativas de profissionalização dessa prática entre as mulheres e, como isso não vinha ocorrendo, não havia necessidade de preocupação (Maria Thereza Souza, 2017, p. 14).

Nessas produções alguns outros assuntos foram recorrentes como a caracterização do entendimento socialmente construído desde a infância do futebol como um espaço pertencente aos homens (Maria Thereza Souza, 2017; Eduarda Gonçalves, 2021; Nathália Servadio, 2022) e os ideais higienistas e/ou eugenistas originários em fundamentos biológicos/médicos e sociais (Maria Thereza Souza, 2017; Eduarda Gonçalves, 2021; Nathália Servadio, 2022).

Guardadas suas especificidades, alguns dos textos se aproximam mais desta dissertação do que outros. As que menos se aproximam são as dissertações de Maria Thereza Souza (2017), que se utilizou de entrevistas com atletas da seleção brasileira de Futebol Feminino para investigar como elas constituem suas memórias sobre as dificuldades e possibilidades desse esporte no país, e a de Mariana Brum (2023), que problematizou o processo de migração, profissionalização e as oportunidades de construção de carreiras de brasileiras no futsal italiano. O distanciamento se dá pelo foco na migração das jogadoras, ainda que o contexto italiano possa se fazer interessante para agregar as discussões referentes à Copa do Mundo jogada pelas mulheres.

Outros textos se aproximam pelo interesse nas representações da mídia sobre o futebol delas, como a dissertação de Bruna Fernandes (2019), que explorou em uma pesquisa documental a mídia impressa sobre o Futebol de Mulheres na década de 1993; Eduarda Gonçalves (2021), que analisou a cobertura jornalística da Copa de 2019, e Ana Laura de Lima (2022), que analisou a rede de enunciações sobre mulheres e futebol em sites de notícias durante a pandemia da COVID-19.

A tese de Júlia Augusto (2021) se constitui como um texto de interesse por trabalhar realidades internacionais no desenvolvimento do futebol praticado por mulheres e meninas a partir da chancela das instituições incluídas nas análises da autora. Esses temas são relevantes, pois, ainda que a competição de interesse seja nacional, ela não escapa das implicações de contextos internacionais. Apesar disso, seu referencial, localizado na gestão esportiva, se distancia desta dissertação, ainda que a proposta de debate da autora passe pelas áreas da história e sociologia do esporte.

A dissertação de Eduarda Gonçalves (2021), apesar de inserida em um programa de Educação, se distancia muito em razão da perspectiva adotada pela autora na análise do material jornalístico, ainda que utilizando plataformas digitais. Já Nathália Servadio (2022) tem aproximações, por abordar o esporte na perspectiva educacional e participativa, mas que continua permeado por elementos de gênero, educacionais, socioeconômicos, de deficiência, etários e étnicos que influenciam as oportunidades esportivas para meninas e mulheres em ambientes não formais de educação. O distanciamento está na inspiração etnográfica para a realização de entrevistas, mas sua análise novamente se aproxima por utilizar o conceito de poder de Michel Foucault.

Quem, teoricamente, mais se aproxima deste texto é Ana Laura de Lima (2022), que fez uso da perspectiva dos estudos foucaultianos como a bio(necro)política, escrevendo na perspectiva pós-crítica em educação. A influência da análise em relação à pandemia deslocou alguns enfoques, mas seu entendimento, pautado nos Estudos Culturais, de que existe uma pedagogia cultural na mídia que ensina modos de olhar e pensar as mulheres no futebol, faz de seu trabalho uma fonte potente para articular discussões com os artefatos das redes sociais. Interessante também foi perceber que as inquietações que levaram ao foco da autora se aproximam muito daquelas que me provocaram a olhar para o futebol jogado por mulheres, em específico para as transmissões realizadas desses jogos, com olhares investigativos.

Algumas discussões importantes para esta dissertação aparecem nos textos de Bruna Fernandes (2019), Eduarda Gonçalves (2021) e Júlia Augusto (2021), pois essas autoras, de alguma forma, problematizam a utilização dos termos Futebol Feminino e Futebol de Mulheres. As dissertações de Eduarda Gonçalves (2021) e Júlia Augusto (2021) se aproximam da perspectiva de Cláudia Kessler, aqui utilizada, pelo conceito de Futebol de Mulheres, por entenderem que “este termo abarca a diversidade de corpos e subjetividades das mulheres que praticam futebol, partindo do entendimento do termo ‘mulher’ como algo plural, cada corpo possuindo suas características, gostos, peculiaridades, singularidades e não algo universal” (Eduarda Gonçalves, 2021, p. 23) e sua utilização “busca romper com a ideia tradicional do

‘feminino’ que, em muitos casos, ressalta a vaidade, a heterossexualidade e a sexualização das jogadoras” (Júlia Augusto 2021, p. 14).

Já Bruna Fernandes (2019, p. 15), apesar de reconhecer as problematizações de Cláudia Kessler e argumentar com elas, segue em outra direção, entendendo que “tanto ‘feminino’ quanto ‘mulheres’ carregam consigo as várias feminilidades, os vários femininos e masculinos, mas essa diversidade deve ser demarcada e apropriada adequadamente”. Por essa argumentação, a autora pontua ter assumido um risco ao utilizar ambos os termos durante a dissertação na intenção de priorizar uma narrativa que contemple toda a complexidade existente no futebol das mulheres. Reconhecendo toda a problematização a respeito de ambos os termos, nesta dissertação opto pela utilização de Futebol de Mulheres por considerar que, ainda que carregue concepções, essa nomeação para o futebol delas possibilita um deslocamento maior dos estereótipos de feminilidade associados às mulheres.

Cabe aqui um parêntese para a questão da subjetividade. Quando tratamos sobre os processos de atribuição de significado que atuam na construção do sujeito podemos falar de identidades e/ou subjetividades, entretanto, na perspectiva pós-estruturalista, em que se inserem os Estudos Culturais, a ideia de uma identidade fixa, fechada, absoluta é criticada pela concepção de subjetividade em que o sujeito é descentrado e derivado das práticas culturais, sociais, econômicas e políticas, entendendo que “ele não faz a história, é construído pela mesma, de variadas formas, em diferentes épocas; ele é um efeito das práticas de significação” (Inês Henningen; Neuza Maria de Fátima Guareschi, 2006, p. 66). Dessa forma, entendemos que essa formação dos indivíduos se dá pela subjetividade a partir das relações que eles estabelecem nos mais diversificados contextos em que estão inseridos.

Para a busca por artigos no portal Periódicos Capes procedeu de maneira semelhante, mas realizando a associação dos termos “Futebol Feminino”, “Futebol de Mulheres” e “Educação”, bem como os termos também foram utilizados na pesquisa por Teses e Dissertações (Cultura, Pedagogia, Mídia e Discurso). Mantendo a delimitação temporal de 2019 a 2023, pelas ferramentas da base de dados se filtrou diferentes possibilidades, conforme o Quadro 3. O primeiro filtro, aplicado após a seleção do período, foi a seleção de “Periódicos revisados por pares”, visto o interesse na produção científica de textos que passaram por uma avaliação antes da publicação, o último filtro selecionou resultados cujo assunto fosse “Educação”.

Quadro 3 - Contagem de artigos encontrados no portal Periódicos Capes em relação a cada filtro utilizado

Termo associado	Resultados entre 2019-2023	Resultados revisados por pares	Resultados no assunto Educação
Cultura	195	127	17
Pedagogia	193	127	17
Mídia	193	127	18
Discurso	199	129	17
TOTAL	780	510	69

Fonte: Elaboração própria (2024).

Como na busca anterior, encontrou-se o mesmo texto em mais de uma associação de termos. Ademais, também foi observado a repetição de textos pela obtenção de resultados em idiomas diferentes, de forma que o mesmo artigo apresentou resultados em português e inglês ou espanhol. Após a identificação dessas repetições, o número final de textos publicados em periódicos foi de 16 artigos completos. Dois outros trabalhos foram excluídos após a leitura dos textos completos, pois percebeu-se que um deles era a apresentação de um dossiê temático e o outro se configurou como um trabalho da área do ensino da História em que o Futebol de Mulheres aparece como o tema histórico a ser trabalhado. O Quadro 4 identifica todos os textos selecionados.

Quadro 4 - Artigos publicados em periódicos encontrados na plataforma Periódicos Capes

Autoria/Ano	Título	Periódico
Alberto Sanmiguel-Rodríguez; Víctor Arufe Giráldez (2019)	Mujer, niños y variables psicosociales en el fútbol español: una revisión bibliográfica de los años 2015-2019	Movimento
Alini Peixoto <i>et al.</i> (2023)	Pedagogia da transmissão do Futebol de Mulheres	Educação em Revista
André Luiz dos Santos Silva <i>et al.</i> (2021)	Treinamento de mulheres atletas: uma análise do Instagram de jogadoras da seleção brasileira de futebol em tempos de pandemia	Movimento
David Wood (2021)	Fifty years of women's football in Placar: from disallowed goals to winning at home?	Movimento
Fernando Gutiérrez-Chico; Iñigo González-Fuente (2023)	Androcentric club narratives around spanish football: press coverage of Athletic Bilbao's men and women	Movimento

Joana Caroline Corrêa da Silva; André Mendes Capraro (2022)	Desporto inadequado à natureza feminina: prelúdios do Futebol Feminino no Paraná (1934-1951)	Movimento
Karen Letícia Guimarães; Júlia Barreira; Larissa Rafaela Galatti (2023)	“Ser mulher em um curso de futebol já é começar com um passo atrás”: experiências das treinadoras em cursos da CBF Academy	Movimento
Júlia Barreira <i>et al.</i> (2018)	Produção acadêmica em futebol e futsal feminino: estado da arte dos artigos científicos nacionais na área da Educação Física	Movimento
Julia Gravena Passero <i>et al.</i> (2020)	Futebol de mulheres liderado por homens: uma análise longitudinal dos cargos de comissão técnica e arbitragem	Movimento
Mariana Cristina Borges Novais <i>et al.</i> (2021)	Treinadoras e auxiliares do Futebol de Mulheres no Brasil: subversão e resistências na liderança esportiva	Movimento
Mariana Lauck Beirith; Franciane Maria Araldi; Alexandra Folle (2021)	Produção científica relacionada ao Futebol de Mulheres em teses e dissertações brasileiras na área da Educação Física	Movimento
Mariana Zuaneti Martins; Kerzia Railane Santos Silva; Vitor Vasquez (2021)	As mulheres e o país do futebol: intersecções de gênero, classe e raça no Brasil	Movimento
Peter Jonathan Watson (2021)	Superpowerful but superinvisible? Women's football and nation in presidential discourse in Colombia, 2010-2018	Movimento
Verônica Moreira; Gabriela Garton (2021)	Football, nation, and women in Argentina: redefining the field of power	Movimento

Fonte: Elaboração própria (2024).

Em relação aos 14 textos, é relevante mencionar que sete deles fazem parte de um dossiê temático sobre o Futebol de Mulheres publicado pelo periódico Movimento no ano de 2021, razão pela qual metade dos textos são datados desse ano. Um artigo produzido por meu orientador e eu (Alini Peixoto *et al.*, 2023) foi o primeiro resultado em mais de uma das combinações, visto que associa todos os termos que fazem referência a alguma das questões de interesse desta dissertação. Três dos demais artigos são algum tipo de revisão de literatura. Alberto Sanmiguel-Rodríguez e Víctor Giráldez (2019) o fizeram no período entre 2015 e 2019 relacionando a participação de mulheres, crianças ou variáveis psicossociais no futebol espanhol, sem estabelecer uma análise com maior detalhe sobre as relações de gênero. O estudo é interessante por relacionar outro contexto, mas que pode auxiliar nas análises da competição internacional.

Já os trabalhos de Júlia Barreira *et al.* (2018) e de Mariana Beirith, Franciane Araldi e Alexandra Folle (2021), analisaram a produção brasileira em artigos científicos e em Teses e Dissertações da área da Educação Física, respectivamente. Ambos os artigos identificaram um aumento recente no número de publicações sobre o Futebol de Mulheres. A maioria das publicações trata sobre fatores socioculturais ou fisiológicos, mas com uma escassez de temas voltados para a técnica, tática e o físico.

Cinco dos outros textos fizeram algum tipo de análise documental. Joana da Silva e André Capraro (2022) e David Wood (2021) analisaram a mídia impressa e documentos do estado do Paraná, durante a validade do Decreto-lei nº 3.199, apontando que a prática delas ainda ocorria, em contextos mais relacionados ao eixo Rio-São Paulo, mesmo durante a validade do Decreto-Lei de 1941. A contribuição de ambos os textos está em como suas análises apontaram para como o início da prática do futebol, pelas mulheres, foi marcado por uma ideia artística de espetáculo não esportivo, englobando uma questão mercadológica associada ao corpo das mulheres, bem como uma deslegitimação do esporte delas.

David Wood (2021) também aponta a compreender como os discursos visual e textual da Revista Placar, inseridos no contexto da proibição, repercutem consequências na representação dessas mulheres e de suas práticas, o que vai contribuir na análise dessas representações em outros contextos. Fernando Gutiérrez-Chico e Iñigo González-Fuente (2023), em um trabalho similar, mas analisando mídias digitais sobre um clube espanhol, também identificaram que a mídia participa de construções simbólicas que legitimam o domínio androcêntrico no futebol.

A publicação de Mariana Martins, Kerzia Silva e Vitor Vasquez (2021), ao analisarem o suplemento sobre esportes da Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio (PNAD) a partir de uma perspectiva interseccional de raça, gênero e classe, pode auxiliar na compreensão de questões outras que permeiam o Futebol de Mulheres. Quanto às fontes documentais de Verônica Moreira e Gabriela Garton (2021) e Peter Watson (2021) se caracterizam por serem oriundas das mídias digitais; as autoras também utilizaram entrevistas e conversas informais com jogadoras da seleção da Argentina. Peter Watson (2021) observou os discursos presidenciais sobre as jogadoras na Colômbia. Esses dois estudos contribuem para a compreensão do contexto sul-americano do futebol delas e trazem aproximações com a realidade brasileira.

Outro trabalho que utilizou de análises sobre mídias foi o de André Silva *et al.* (2021), que analisou postagens com imagens e vídeos de sessões de treinamento de jogadoras no *Instagram*. Apesar de tratar de uma rede social, se distancia um pouco desta dissertação pelas

caraterísticas distintas que as plataformas possuem. Além disso, para essas/es autoras/es, a relação com o período da pandemia por COVID-19 foi muito importante nas análises, sua aproximação está na perspectiva de que as postagens revelam “um conjunto de intenções políticas, éticas e estéticas que concretizam narrativas sobre o que significa ser mulher atleta profissional de futebol da seleção brasileira” (André Silva *et al.*, 2021, p. 03).

Os três últimos textos se distanciam mais do tema aqui proposto por terem como foco os cargos de liderança existentes no Futebol de mulheres, bem como pela realização de entrevistas, ainda que estejam inseridos no mesmo contexto e nas mesmas relações de poder e gênero. Os textos de Karen Guimarães, Júlia Barreira e Larissa Galatti (2023), Julia Passero *et al.* (2020) e Mariana Novais *et al.* (2021) trazem complexos elementos para se compreender algumas relações de poder que existem no Futebol, principalmente devido a uma perspectiva ainda presente de que são os homens quem detém domínio suficiente desse esporte para exercerem funções de liderança.

O que se percebe dessa busca é que a produção especificamente voltada para a área da Educação sobre o Futebol de Mulheres em perspectivas próximas das pretendidas aqui é incipiente. Dessa forma, esse breve estado da questão aponta que esse campo pretendido de análises ainda é pouco explorado.

1.2 Taças que já foram erguidas

Historicamente, o futebol praticado por mulheres passou por um longo período de proibição entre 1941 e 1979¹⁵ como relatam Eriberto de Moura (2003), Ludmila Mourão e Marcia Morel (2005), Mariane da Silva Pisani (2012), Silvana Vilodre Goellner e Juliana Ribeiro Cabral (2022), entre outras/os autoras/es. Entretanto, a regulamentação do futebol delas só ocorreu de maneira efetiva na década de 1980, conforme relata Renata Teixeira (2016). Dessa forma, as organizações oficiais de competições só começam a ocorrer de forma local, estadual e nacional após essa data.

Silvana Vilodre Goellner (2021) relata registros de competições estaduais em 1983, mesmo ano em que ocorreu o primeiro campeonato nacional, a Taça Brasil de Futebol

¹⁵ BRASIL. Decreto-lei Nº 3.199, de 14 de abril de 1941. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o art. 180 da Constituição. Capítulo IX - Disposições gerais e transitórias: Art. 54. Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/Del3199.htm. Acesso em: 22 de maio de 2024.

Feminino, com a participação de quatro equipes, entretanto foi um campeonato marcado por descontinuidade por parte da instituição que o organizava. A autora relaciona a não organização da competição, em 1992 e 1995, com a 9ª colocação da seleção brasileira no primeiro torneio mundial da China em 1992. Essa, porém, não foi a única competição de caráter nacional organizada em anos anteriores. Conforme registros disponíveis no site do Comitê Olímpico, Camila Del Manto (2024) relaciona a existência de três competições nacionais, duas que já não são mais organizadas, a Taça Brasil que ocorreu entre 1983 e 2007, a Copa do Brasil de 2007 a 2016, e o Brasileirão (Campeonato Brasileiro Feminino) que surge em 2013 e que já tem prevista a edição de 2025 e cuja ampliação já é cogitada pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF)¹⁶.

A competição conta com três divisões, sendo elas as séries A1, A2 e A3, mas iniciou com apenas uma divisão num formato que contava com 20 equipes, sendo conquistado pela primeira vez pela equipe do Centro Olímpico e tendo também como vencedores outras quatro equipes de São Paulo (Corinthians, Ferroviária, Santos e Rio Preto) e uma do Rio de Janeiro (Flamengo). A organização se altera a partir de 2017¹⁷, quando o número de equipes se reduz para 16 com a formação da série A2. O sistema de disputa que permanece até a edição de 2024 conta com duas fases, uma classificatória em que todos clubes se enfrentam em jogo único e uma eliminatória onde os oito melhores classificados se enfrentam em jogos duplos.

Iniciado pela CBF com o apoio da Caixa Econômica Federal, nos últimos anos a competição e os clubes participantes passaram a receber apoio financeiro de marcas e empresas, bem como o interesse pelos direitos de transmissão dos jogos. Mas vale o destaque para a parceria instaurada entre a CBF e a empresa Neoenergia que, em 2021, assinou contrato para patrocinar as seleções das mulheres até 2024 e, como parte do acordo, a competição nacional passou a se chamar Brasileirão Feminino Neoenergia¹⁸ a partir da edição de 2022. Essa ampliação de patrocinadores também alcançou os clubes. Valéria Contado (2024) relata que as 16 equipes participantes somaram 55 apoiadores na edição de 2024, sendo a Associação

¹⁶ BARLEM, Cíntia. Mudanças no Brasileiro, amistosos fortes e camisa especial para a Copa: os planos da CBF para o Futebol Feminino. **Ge. Dona do Campinho**, 28 set. 2024. Disponível em: <https://ge.globo.com/blogs/dona-do-campinho/post/2024/09/28/mudancas-no-brasileiro-amistosos-fortes-e-camisa-especial-para-a-copa-os-planos-da-cbf-para-o-futebol-feminino.ghtml>. Acesso em: 10 out. 2024.

¹⁷ A HISTÓRIA do Futebol Feminino. **Neoenergia.com**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.neoenergia.com/w/a-historia-do-futebol-feminino>. Acesso em: 08 out. 2024.

TUDO sobre o Brasileirão Feminino de futebol. **Jornal da Paraíba**, 29 jan. 2024. Disponível em: <https://jornaldaparaiba.com.br/esportes/brasileirao-feminino-de-futebol>. Acesso em: 08 out. 2024.

¹⁸ CONTADO, Valeria. Neoenergia se torna patrocinadora do Futebol Feminino brasileiro. **Meio& Mensagem**, 2 jun. 2021. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/marketing/neoenergia-se-torna-patrocinadora-do-futebol-feminino-brasileiro>. Acesso em: 07 out. 2024.

Ferroviária de Esportes a equipe com o maior número de patrocínios (sete marcas) e a Sociedade Esportiva Palmeiras o clube com o acordo de maior valor (podendo chegar a 20 milhões), um conjunto que pode gerar até R\$ 33 milhões em faturamento de cotas de patrocínio para quem vai transmitir as partidas. Além disso, a premiação da competição passou de um total de 1,8 milhão para os dois primeiros colocados para 2,25 milhões¹⁹.

Reflexo do maior interesse que o Futebol de Mulheres vem atraindo nos últimos anos²⁰ pudemos observar como a mídia voltou o olhar para o Campeonato Brasileiro Feminino (Neoenergia, a partir de 2022) através das articulações para a obtenção dos direitos de transmissão das últimas edições da competição. Após a Copa do Mundo da França de 2019 a emissora Band foi a responsável pela transmissão em TV aberta da edição do mesmo ano do Campeonato Brasileiro Feminino²¹. O último jogo transmitido pela emissora, com equipe de narração e comentários composta apenas por mulheres, foi a final entre o Sport Club Corinthians Paulista e o Sport Club Internacional em setembro de 2022²², pois os direitos para o ano seguinte foram adquiridos pela Globo.

A princípio a mudança de emissora pareceu interessante, um reflexo de como o futebol delas começava a ser visto como relevante e interessante para as mídias. Entretanto, as boas expectativas não se efetivaram; apenas seis partidas foram exibidas na TV aberta em 2023 (eram 21 nos anos anteriores) e todos os jogos da primeira fase ficaram restritos ao SporTV (canal de TV por assinatura pertencente aos Canais Globo) causando reclamações entre o público que acompanhava a competição²³. Essa relação do público com a emissora e a (falta de) transmissão será tratada em seção posterior, bem como os deslocamentos midiáticos sobre o futebol das mulheres entre meios tradicionais e o jornalismo independente.

¹⁹ SOUZA, Antonio. Brasileiro feminino: com aumento na premiação, torneio começa em alta e com mais de 50 patrocínios. **Exame**, 15 mar. 2024. Disponível em: <https://exame.com/esporte/brasileiro-feminino-com-aumento-na-premiacao-torneio-comeca-em-alta-e-com-mais-de-50-patrocinius/>. Acesso em 11 out. 2024.

²⁰ PRATES, Renan. Quais são os maiores públicos da história do Futebol Feminino no Brasil? **Olympics.com**, 22 set. 2024. Disponível em: <https://olympics.com/pt/noticias/maiores-publicos-historia-futebol-feminino-no-brasil>. Acesso em: 12 out. 2024.

CORINTHIANS X Inter marca recorde de público em jogos entre clubes do feminino no continente. **Redação do ge**, 24 set. 2022. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/times/corinthians/noticia/2022/09/24/corinthians-x-inter-marca-recorde-de-publico-em-jogos-entre-clubes-do-feminino-no-brasil.ghtml>. Acesso em: 12 out. 2024.

²¹ O CAMPEONATO Brasileiro Feminino será transmitido pela Band. **Jornal da Band**, 04 min. e 11 seg., 02 mai. 2019. Disponível em: <https://www.band.uol.com.br/noticias/jornal-da-band/videos/o-campeonato-brasileiro-feminino-sera-transmitido-pela-band-16644826>. Acesso em: 12 set. 2024.

²² SIMON, Allan. Band tem emoção em despedida do Brasileiro Feminino: Globo assume torneio. **Uol.com**, 24 set. 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/colunas/allan-simon/2022/09/24/band-tem-emocao-em-despedida-do-brasileirao-feminino-globo-assume-torneio.htm>. Acesso em 15 set. 2024.

²³ VALQUER, Gabriel. Fora da Band, Brasileiro feminino perde espaço na Globo e causa reclamação. **Uol.com**, 01 nov. 2022. Disponível em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/fora-da-band-brasileirao-feminino-perde-espaco-na-globo-e-causa-reclamacao-91893>. Acesso em: 11 out. 2024.

2. REGULAMENTOS: AS REGRAS DA COMPETIÇÃO

Toda modalidade esportiva possui regras estabelecidas, em sua maioria, pelas instituições responsáveis por organizar a esfera profissional de cada esporte. O futebol em si também o tem. Entretanto, quando tratamos de algum evento esportivo, ainda que existam “regras oficiais”, um dispositivo se coloca em patamar superior a elas: é o Regulamento da competição. Por “regras oficiais” podemos entender tudo aquilo legitimamente instituído, por exemplo, sobre os direitos à equidade de gênero²⁴, ou até a relação da permissão ou proibição à participação. No entanto, ao pensarmos nos regulamentos que podemos encontrar em cada situação em que o futebol é jogado, podemos imaginar uma imensa diversidade de possibilidades, de acordos (escritos, verbais ou apenas implícitos) estabelecidos formal ou informalmente que regulam jogadoras e jogadores em cada contexto.

De forma semelhante será feito nesta seção que, longe de institucionalizar qualquer regra, tem a função de explanar como se deu o processo de regulamentação desta pesquisa que se dá em um cenário de inúmeras possibilidades advindas dos deslocamentos e ressignificações dentro do tema e ainda considerando o crescimento do interesse pela modalidade, já mencionado no tópico anterior. Esse estudo se organiza a partir do interesse em uma dessas possibilidades; inserido na perspectiva dos Estudos Culturais, com um olhar investigativo voltado ao currículo, e o interesse em compreender de que maneira as relações de ensino e aprendizagem estão se apresentando nesses contextos de forma a “ampliarmos nossos objetos curriculares, para investigar todo e qualquer artefato cultural que ensina, buscando mostrar o currículo que eles apresentam” (Marlucy Alves Paraíso, 2012, p. 24).

Metodologicamente, a investigação tem contornos pós-críticos, entendendo, a partir de Dagmar Estermann Meyer e Marlucy Alves Paraíso (2012) que a metodologia é uma maneira de se arguir, a forma pela qual se constroem os problemas de pesquisa, a produção das informações e as articulações de estratégias de descrição e análise; epistemologicamente, pesquisas desse tipo são inspiradas nas abordagens rotuladas como “pós” (pós-estruturalismo, pós-modernismo, pós-colonialismo, etc.) e em outras que também fizeram importantes deslocamentos em relação às teorias críticas, entre estas se inclui os Estudos Culturais. Em

²⁴ Entre os Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas (ONU), está o ODS de número 5 intitulado “Igualdade de gênero”, entretanto, opto pela utilização do termo equidade. Enquanto a ideia de igualdade está atrelada à uma relação de não diferença, a equidade se aproxima mais a uma noção de justiça. De forma que, pensar no termo utilizado na ODS 5 significaria a garantia de questões quantitativamente iguais a todos, já na ideia utilizada no texto, o significado se aproxima do sentido de garantir o necessário para que todos se encontrem no mesmo patamar, sem apagar a diferença.

comum todas estão em um afastamento das essências, daquilo que é rígido e convicto, isto pois contestam concepções rígidas/fixas que atribuem explicações consideradas como verdades absolutas por estarem colocadas em um ideal naturalizado.

Isto posto, as investigações pós-críticas se dedicam a construir as próprias metodologias, pois elas se relacionam diretamente com nossas questões e, mais especificamente, nos apoiamos nos Estudos Culturais pois estes “que defendem que existe pedagogia, modos de ensinar e possibilidades de aprender nos mais diferentes artefatos culturais, que se multiplicaram na nossa sociedade” (Marlucy Paraíso, 2012, p. 24).

Trabalhamos com as premissas de que vivemos em um tempo de mudanças e de que, por isso, educamos e pesquisamos em um tempo diferente e que as teorias, conceitos e categorias que poderiam explicar essas mudanças já não são as mesmas que explicaram momentos anteriores (Marlucy Paraíso, 2012). A mesma autora também relaciona os pressupostos da pesquisa pós-crítica sendo eles: a existência de regimes de verdade e não verdades definitivas; que o discurso tem função produtiva nesses regimes; que o sujeito se produz sob o efeito desses discursos, linguagens, textos e outras relações de poder-saber; que esses raciocínios são generificados e que devemos buscar exaltar as diferenças e multiplicidades; assim, analisamos “as relações de poder que impulsionam a produção do discurso que estamos investigando, e mostramos com quais outros discursos ele se articula e com quais ele polemiza ou entra em conflito” (Marlucy Paraíso, 2012, p. 28).

Assim, ao entender que as análises investigam essa construção, precisamos também perceber e identificar os campos em que os discursos são produzidos e em que eles circulam; para isso fazemos uso do termo artefato cultural. Viviane Camozzato (2018) afirma que o termo se refere ao processo em que são construídos os significados culturais que são vinculados e passam a identificar, objetos tanto em sua forma material quanto de maneira cultural; objetos/artefatos estes que circulam e compõem as sociedades. Efetivamente eles são o objeto ao qual direcionamos nosso olhar investigativo para as análises das relações de poder (e de poder-saber).

Sendo produto da cultura, Ana Carolina Sampaio Zdradek e Dinah Quesada Beck (2017) afirmam que buscamos por e com um artefato cultural analisar indícios e condições de compreensão de sua inteligibilidade descrevendo e problematizando os processos que produzem significados e saberes. Marisa Costa, Maria Wortmann e Iara Bonin (2016) afirmam que um artefato cultural é um texto cultural que produz e disponibiliza formas de ser inseridas em processos de subjetivação, entendidos como as maneiras pelas quais se constrói um sujeito.

Nesse sentido, Malércio Maknamara (2020), aponta que os artefatos são, também, textos curriculares que organizam conhecimentos. Justamente por fazerem parte dos processos de subjetivação, os artefatos culturais estão inseridos em uma disputa pela significação de processos que se impõem ou se sustentam em interesses específicos

são o próprio local onde o significado é negociado e fixado [...] são artefatos produtivos, são práticas de representação, inventam sentidos que circulam e operam nas arenas culturais onde o significado é negociado e as hierarquias são estabelecidas (Marisa Costa; Rosa Silveira; Luiz Henrique Sommer, 2003, p. 38).

Assim, em pesquisas pós-críticas no campo dos Estudos Culturais, deixamos de estudar objetos e passamos a explorar artefatos e seus processos produtivos de significados. Em específico neste trabalho, os artefatos de interesse estão relacionados aos discursos produzidos pelo público do Futebol de Mulheres e circulantes nas *hashtags* do *Twitter/X* sobre o Campeonato Brasileiro Feminino, que será melhor detalhado no tópico 2.3. Entretanto, antes de passar às descrições que apontam os caminhos tomados na construção das análises presentes nas seções seguintes, é preciso pontuar algumas das formulações teóricas incorporadas pela pesquisa pós-crítica e que se mostraram extremamente relevantes para a construção deste trabalho.

2.1 Do campo de jogo: as dimensões do gênero no espaço do futebol

O conceito de gênero, bem como as conexões que se estabelecem a partir dos entendimentos sobre ele, perpassa as análises de forma ampla, tal qual o poder. Segundo Guacira Lopes Louro (2014), a conceituação do termo surge nos desdobramentos da segunda onda feminista que se inicia no final de 1960. Contudo, a autora pontua que esse conceito não nega a biologia, os corpos sexuados, mas deliberadamente enfatiza a construção sócio-histórica sobre essas características biológicas e relata que o conceito passa a ser usado com um forte apelo às relações sociais, já que são nelas que os gêneros se constroem, de modo que os estudos, mesmo ainda priorizando as análises sobre as mulheres, também poderão referir-se aos homens. Busca-se, intencionalmente, segundo a autora

contextualizar o que se afirma ou se supõe sobre os gêneros, tentando evitar as afirmações generalizadas a respeito da “Mulher” ou do “Homem”. Na medida em que o conceito afirma o caráter social do feminino e do masculino, obriga aquelas/es que o empregam a levar em consideração as distintas sociedades e os distintos momentos históricos

de que estão tratando. Afastam-se (ou se tem a intenção de afastar) proposições essencialistas sobre os gêneros; a ótica está dirigida para um processo, para uma construção, e não para algo que existia *a priori* (Guacira Louro, 2014, p. 26).

A utilização desse conceito, segundo Joan Scott (1995), é iniciada pelas feministas americanas para enfatizar que as distinções baseadas no sexo tinham um caráter fundamentado no social, buscando rejeitar o determinismo biológico e enfatizar o aspecto relacional nas definições normativas da feminilidade. Para Guacira Louro (2014, p. 67) é urgente a tarefa de desconfiar do que é tomado por natural, das “práticas rotineiras e comuns, os gestos e as palavras banalizados”, pois é a partir dessas naturalizações que enfatizam as diferenças que as práticas generificadas tendem a ser ensinadas e encorajadas desde a infância delimitando atividades adequadas para cada sexo, sustentando que os homens seriam superiores e excluindo e inferiorizando a mulher, em concepções hegemônicas de masculinidade e feminilidade.

Marinês Ribeiro dos Santos (2018, p. 4) afirma que gênero corresponde ao “aparato de poder que, por meio de discursos, normas e práticas reguladoras, constrói a percepção dos sexos feminino e masculino como naturais, estáveis e opostos, porém complementares”. Para a autora, masculinidades e feminilidades são noções construídas cultural e historicamente, como efeitos dos dispositivos de gênero e não atributos do corpo. Para Judith Butler (2003), existem práticas reguladoras que produzem um ideário de “verdade” do sexo. Essa suposta verdade, para Marinês dos Santos (2018), é uma ficção reguladora do funcionamento de uma heteronormatividade compulsória – a partir da qual são estabelecidos os termos de um discurso cultural hegemônico baseado em estruturas binárias. Essa construção cultural de discurso estabelece o que seriam os padrões considerados adequados socialmente, que consideram

formas de comportamento; tipos de interesses e atividades; gostos e aptidões; usos do corpo e gestualidades; relacionamentos afetivos e amorosos. Tais padrões do que se entende por aceitável para “mulheres” e “homens” são relacionais, ou seja, a definição de um está atrelada ao sentido do outro. Esses padrões também estão sempre em disputa entre o que é classificado como “normal” e o que é classificado como “desviante”, num sistema de coerência subordinado à matriz de inteligibilidade heteronormativa (Marinês dos Santos, 2018, p. 4).

Quando o gênero é construído na cultura, a partir da ideia de verdade e de um conjunto de regras, isso molda as performances sociais que vão agregar significado também ao sexo e as feminilidades e masculinidades, entretanto, existem possibilidades de outras configurações fora da estrutura de dominação masculina e da heterossexualidade compulsória (Judith Butler, 2003). Essa construção também está presente no esporte em que o gênero está embutido nas

estruturas do ambiente esportivo que produz diferenciações por padrões de masculinidade/feminilidade e da diferença sexual delimitando o que pode ser ocupado por homens e/ou mulheres (Maria Thereza Souza, 2017; Julia Augusto, 2021).

Essas delimitações, que ocorrem desde as menores idades, constroem o que se entende por homem e mulher

certamente não são construídos apenas através de mecanismos de repressão ou censura, eles e elas se fazem, também, através de práticas e relações que *instituem* gestos, modos de ser e de estar no mundo, formas de falar e de agir, condutas e posturas *apropriadas* (e, usualmente, diversas). Os gêneros se produzem, portanto, nas e pelas relações de poder (Guacira Louro, 2014, p. 45).

São diversos os significados transmitidos desde a infância pela sociedade que nos ajudam a compreender quais são os padrões esperados para nós. Marcelo Rosa *et al.* (2020) explanam que a perspectiva da cultura de movimento e da performance de gênero de Judith Butler, englobam e consideram que esses conhecimentos, vivências e experiências sobre o gênero perpassam o corpo; seus dados mostraram que a mulher é incentivada à prática dos esportes que destaquem o padrão de beleza esperado.

No que tange ao Futebol de Mulheres, Silvana Goellner, Paula Silva e Paula Botelho-Gomes (2013) se utilizaram do gênero como categoria analítica evidenciando que as representações de feminilidade e masculinidade não são neutras e universais, mas construídas no cotidiano considerando as representações culturais as quais se associam e, também, produzidas pelos processos de aprendizagem presentes nos discursos. Essas construções se dão em diversos outros ambientes tanto esportivos em que a relação da competição celebra expressões de dominação física como recurso de validação de uma masculinidade específica que atua como distanciadora da feminilidade (Francisca Islandia Cardoso da Silva; Dulce Maria Figueira de Almeida, 2020) quanto em outros ambientes sociais, como por exemplo a escola, onde também ocorrem processos de reiteração que (re)produz, por meio de regras e comportamentos, uma naturalização sobre o que é ou não permitido para os corpos (José Rodolfo Lopes da Silva, 2021).

Tudo isso ajuda a vislumbrar brevemente algumas questões que envolvem o futebol, espaço que Andressa Araujo Furquim *et al.* (2021) apontam como fenômenos em que as mulheres são julgadas com mais intensidade, contribuindo para a manutenção do padrão pelo qual elas são vistas. Essas percepções sobre as mulheres compõem as relações que se estabelecem dentro do futebol quando se trata da presença delas nesse ambiente social e

culturalmente entendido como pertencente aos homens. Dessa forma, entenderemos o gênero como categoria potente de análise que envolve as expressões de masculinidade e feminilidades presentes nos contextos do Futebol de Mulheres.

2.2 Dos Árbitros: Michel Foucault: problematização, discurso e relações de poder

Se existem regras e regulamentos circundando as relações nos diversos contextos da vida, os quais precisamos assimilar, especialmente no futebol, também há aquelas/es responsáveis por garantir a sujeição à essas normas. Dentro de campo são os/as árbitros/as fazem cumprir os regulamentos e aplicam as regras, fora dele tomaremos como guias, para a compreensão dessas regras e normas, alguns conceitos utilizados por Michel Foucault para compreender as articulações em nossas análises.

O primeiro deles, a problematização, é mais uma forma de se pensar, organizar, observar e/ou construir o processo investigativo. Para Arisson Vinícius Landgraf Gonçalves e Luiz Felipe Alcantara Hecktheuer (2017, p. 31), ela aciona o exercício crítico do pensamento se opondo à ideia de desvelamento da verdade, da busca incansável pela resposta primeira, da solução como encerramento do problema. Em termos efetivos de método, Foucault demonstra essa prática filosófica lançando mão de um uso específico da história, assumindo como empreendimento a realização da história das problematizações. Dessa maneira, pode-se considerar, como Christian Fernando Ribeiro Guimarães Vinci (2015, p. 200), a problematização “não apenas como um conceito, mas como um gesto investigativo”, em que se toma o trabalho da pesquisa como um ponto de partida, um objeto a ser criticado/rebatido, não uma solução final para o problema.

Sobre o problema, Arisson Gonçalves e Luiz Felipe Hecktheuer (2017, p. 32) afirmam que o máximo que podemos obter dele é seu deslocamento incessante, e que, nesses termos, a problematização pode ter uma leitura dupla: a partir de uma história de problematizações, como também a partir do exercício crítico do presente. Dito isso, é imprescindível compreender que não vamos inaugurar uma problematização, pois

não há novos problemas, descobertas de assuntos outrora velados, mas encontros com dúvidas postas do exterior do objeto de pesquisa e que, ao fim, tendem a configurá-los sob outra razão. Problematizar significa deformar seu trabalho até o ponto em que, em suas múltiplas conexões, ele se torna irreconhecível ao autor, embora inserido em uma rede de diálogos muito mais ampla do que previsto ao início. Isso porque as questões que surgem, são postas, emergem do campo social no qual o

autor está inserido – sendo este também um produto desse mesmo campo. Estamos imersos, assim, em um jogo de força (Christian Vinci, 2015, p. 214).

Não se pretende, pelo conceito de problematização, dar conta de todos os elementos que constituem as questões de uma pesquisa, mas, sim, trazer interrogações e interpretações inseridas no recorte do objeto investigado (Christian Vinci, 2015). O que nos leva ao ponto da construção desse recorte que passa pelo segundo conceito do autor francês, o discurso. Visto que as análises partiram de um olhar fundamentado nessa perspectiva, que compartilha características com outros estilos de Análise do Discurso, como uma rejeição à maneira “realista” de encarar a linguagem como um simples meio neutro de refletir e descrever o mundo, mas também uma convicção de que o discurso tem importância central na construção da vida social, conforme apontado por Rita Aquino Caregnato e Regina Mutti (2006).

Para Michel Foucault (2008, p. 31) a análise feita no campo discursivo é diferente daquela que observa a linguagem, segundo o autor

trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui.

Assim, entende-se que “deve-se conceber o discurso como uma série de segmentos descontínuos [...] uma multiplicidade de elementos discursivos que podem entrar em diferentes estratégias” (Michel Foucault, 1988, p. 95). Sua produção na sociedade é, ao mesmo tempo, controlada, selecionada, organizada e redistribuída por procedimentos, visto que ele não é transparente ou neutro e que as interdições impostas a ele revelam sua ligação com o desejo e o poder (Michel Foucault, 2014). Isso porque o discurso faz parte da produção de verdade sobre algo, pois

o discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante dos seus próprios olhos [...] nada mais é do que um jogo, de escritura no primeiro caso, de leitura, no segundo, de troca no terceiro, e essa troca, essa leitura e essa escritura não jamais põem em jogo senão os signos (Michel Foucault, 2014, p. 46).

Há uma polícia discursiva, de acordo com Foucault (2014), que filtra os discursos, apagando alguns, jogando luz sobre outros, controlando e fixando limites para quem e o que fala, um policiamento que estabelece critérios para as falas, qualificando algumas e desautorizando outras, conservando ou banindo alguns discursos, distribuindo ou impedindo a

circulação de outros, definindo fronteiras de discursos em disciplinas específicas, produzindo veneração de determinados discursos, recortando-os e os recompondo sob novas roupagens. Para Michel Foucault (1988), tanto discursos quanto silêncios estão em um complexo e instável jogo em que os discursos podem ser instrumentos e efeitos de poder ao mesmo tempo, pois produz, reforça, mas também mina, expõe e debilita o poder, já o silêncio e o segredo fixam as interdições, concomitante a afrouxarem os laços.

Para Flávia Cristina Silveira Lemos e Hélio Rebello Cardoso Júnior (2009), as práticas discursivas são como instituições num jogo de relações de poder e de produção de saberes. Michel Foucault (1984) afirma que a análise dessas práticas permite seguir a formação de saberes. Para o autor francês, isso se dá pelo vínculo da análise dos discursos com a problematização, entendida não como método, mas como “elaboração de um domínio de fatos, práticas e pensamentos” (Michel Foucault, 2010, p. 228). Nessa construção analítica, encontramos outros dois conceitos foucaultianos de interesse, a produção de saberes e as relações de poder.

Em relação ao saber, e sua produção através das práticas discursivas, Michel Foucault (2008) disserta que não é um pré-conhecimento ou um conhecimento em momento arcaico, mas sim um conjunto de elementos que se formam pela prática discursiva e que, eventualmente, podem se constituir como discurso científico. O autor ainda explica que

um saber é aquilo de que podemos falar em uma prática discursiva que se encontra assim especificada: o domínio constituído pelos diferentes objetos que irão adquirir ou não um status científico [...]; um saber é, também, o espaço em que o sujeito pode tomar posição para falar dos objetos de que se ocupa em seu discurso [...]; um saber é também o campo de coordenação e de subordinação dos enunciados em que os conceitos aparecem, se definem, se aplicam e se transformam [...]; finalmente, um saber se define por possibilidades de utilização e de apropriação oferecidas pelo discurso (Michel Foucault, 2008, p. 204).

Michel Foucault (2008) diz que essa ciência, referindo-se aos saberes que compõem o que se entende por conhecimento científico embasado no rigor da experimentação, se relaciona não com o que deveria ser vivido, mas sim com o que deveria ser dito (de forma a construir um discurso que responda aos critérios experimentais das ciências), mas os saberes não são dependentes do campo científico, entretanto, não há saber sem que exista uma prática discursiva que se define pelo saber que ela própria forma.

Sendo o saber vinculado ao discurso, entende-se que ele opera por uma visibilidade e dizibilidade, já o poder seria a força exercida enquanto estratégia em relação a outras forças

(Flávia Lemos e Hélio Cardoso Júnior, 2009). Quanto ao poder, Michel Foucault (1988) afirma que não deve-se considerá-lo como uma existência central; não se relaciona a uma simples relação de sujeição ou domínio, mas deve ser entendido como uma correlação de forças em um ambiente em que estas interagem de forma localizada e instável, no qual é possível a existência de cadeias ou sistemas que formam o poder institucionalizado, mas o poder em si está presente em toda situação proveniente de todos os lugares; considerando ainda as redes de resistências que existem onde quer que haja relações de poder e se disseminem dentro dessas relações, não necessariamente de forma oposta, mas sim como parte de outro lado delas.

Para Michel Foucault (1988) o poder não é o conjunto de instituições e aparelhos de um Estado, nem um sistema geral de dominação que atravessam toda a sociedade sucessivamente, ele o compreende como uma multiplicidade de correlações de força exercidas, um jogo incessante de lutas e enfrentamentos que transforma ou reforça esses encontros de forças que formam cadeias ou sistemas, mas sem um ponto central; se exerce de vários pontos e em relações desiguais e móveis. As funções do poder, às quais o indivíduo resiste, se difundem pelas vias do saber, não limitado ao científico, mas em sentido amplo que compreende todos os outros, isto pois, poder produz saber, que reconduz e reforça os efeitos desse poder; não há relação de poder que não corresponda a um campo de saber, nem um saber que não constitua relações de poder (Michel Foucault, 2008).

Assim, as análises aqui partiram do poder como não substancial e não adquirido, exercido a partir de pontos diversos em relações móveis e desiguais, como uma força que vem de baixo em múltiplas relações ascendentes que podem produzir um efeito massivo, sendo todas elas um tipo de relação de poder que é, ao mesmo tempo, intencionais e não subjetivas com alvos e objetivos e que condiciona a inerente existência de resistências que se manifestam proporcionalmente à força aplicada (Kléber Prado Filho, 2017).

A utilização da problematização se relaciona ao que Flávia Lemos e Hélio Cardoso Junior (2009, p. 356) identificam como a preocupação como “os estados de forças que marcam o aparecimento de um costume, ao invés de assinalar o momento final de um processo”, pois as relações existentes nos discursos se dão a partir de exercícios de poder, que só estão presentes e funcionam ancorados em regimes de verdade, de onde emergem deslocamentos. Além da ideia de resistências, que compõe o jogo de forças nas relações de poder, será utilizado o conceito de agência, considerando-a, pelo exposto por Neiva Furlin (2013), como a capacidade de ação do sujeito dentro das relações de poder que pode gerar formas de resignificação, sendo esse sujeito formado a partir de processos de subjetivação que o tornam uma produção de rituais de normas que não o determinam, mas o fazem performativo.

2.3 A lista de convocadas: as decisões constituintes da pesquisa

Antes de relacionar como se deu a construção do campo que compõem as informações analisadas nas próximas seções, é preciso pontuar alguns termos que serão usados no texto. Começo pelos termos “perfil” e “usuária/o”, aqui entendo os dois termos de forma semelhante, ambos uma maneira de designar quem realizou a divulgação do texto veiculado na plataforma *Twitter/X*; entretanto, uma distinção que pode ser feita em relação, pois alguns perfis são pertencentes a pessoas e outros a marcas e/ou instituições. Ambos (perfil e usuária/o) são designados por identificações escolhidas no momento da criação da conta e por uma designação iniciada pelo símbolo arroba (@), também atribuído no cadastro dentro da plataforma.

Outra distinção possível é a de que o termo perfil também pode fazer referência ao construto de publicações associadas a conta de cada usuária/o, assim, usuária/o, aqui, irá designar com maior destaque o indivíduo enquanto que perfil irá se referir à identificação da conta criada por esses indivíduos e/ou instituições. O termo *hashtag* será atribuído a uma palavra ou conjunto de palavras precedidos do símbolo “#” que forem utilizados pelos perfis ou usuáries/os para aglutinar informações atribuídas aos temas/conteúdos aos quais a *hashtag* fizer referência. Elas serão identificadas a partir das postagens realizadas, a princípio, pelo perfil oficial da competição.

Entende-se aqui que postagem é o compartilhamento de informações através de um perfil do *Twitter/X*; elas podem ser também identificadas pelas denominações de *tweet*, quando o perfil realiza uma postagem diretamente na plataforma, ou *retweet*, quando o perfil reposta um conteúdo já compartilhado por outro, inserindo ou não novas informações. Também serão observados os comentários que podem ser realizados por meio de uma função da própria plataforma em que um perfil responde diretamente à postagem de outro criando, assim, o que as/os usuáries/os denominam de “fios” (visualmente, os comentários aparecem conectados por uma linha com a postagem à qual responderam). É possível que uma *hashtag* seja utilizada na postagem e em um comentário feito a partir dela, nesse caso, apenas para critério de construção das análises, iremos identificar como postagem todo *tweet* e comentário que possuir o texto de uma das *hashtags* elencadas para a pesquisa.

Dessa forma, os artefatos culturais de interesse para essa pesquisa foram as postagens/*tweets* realizadas no *Twitter/X* sobre o Campeonato Brasileiro Feminino Neoenergia A1 de 2023, que teve seu início em 24 de fevereiro de 2023 e se encerrou em 10 de setembro de 2023, compreendendo que elas estão inseridas em contextos digitais denominados *hashtags* e que cada uma dessas postagens pode se organizar em torno de temas ou conteúdos

relacionados à competição, mas todas carregam, constroem e disputam significados. Assim, cada um desses artefatos pode incluir textos, hiperlinks para outros endereços eletrônicos, fotografias, vídeos, entre outras imagens, comentários de outros perfis associados ou mais de uma dessas possibilidades. Dessa forma, todos esses elementos foram observados para a realização das análises, pois eram elementos constituintes dos discursos que circularam por esses artefatos.

Outro ponto a ser mencionado, que parece estar associado as alterações na plataforma e em suas funcionalidades, se refere a forma como o mecanismo de busca gerou os resultados; no princípio, ao se pesquisar uma das *hashtags*, os resultados só traziam postagens que incluíssem o símbolo “#”, posteriormente, a busca passou a incluir postagens que utilizavam os mesmos termos que compunham as *hashtags*. Optou-se por manter também esses resultados, pois a própria plataforma estava realizando a associação dessas postagens, entretanto, devido à quantidade de capturas já realizadas e ao avançar do tempo, fez-se a escolha de não refazer a busca das postagens com datação anterior.

Inicialmente, criei uma conta na plataforma *Twitter/X*, vinculada ao e-mail institucional para a qual foi construído um perfil que identificado pelo sobrenome ‘Peixoto’ e a abreviação ‘Pesq.’ para indicar que pertencia a uma pesquisa. A fim de não pré-moldar os algoritmos que realizam as sugestões nas redes sociais, não selecionamos nenhuma indicação da plataforma durante o processo de configuração da conta, exceto a personalização de acordo com a identidade inferida, o que significa que o *Twitter/X* personalizou a experiência conforme as informações fornecidas e os dispositivos usados para acessar a conta.

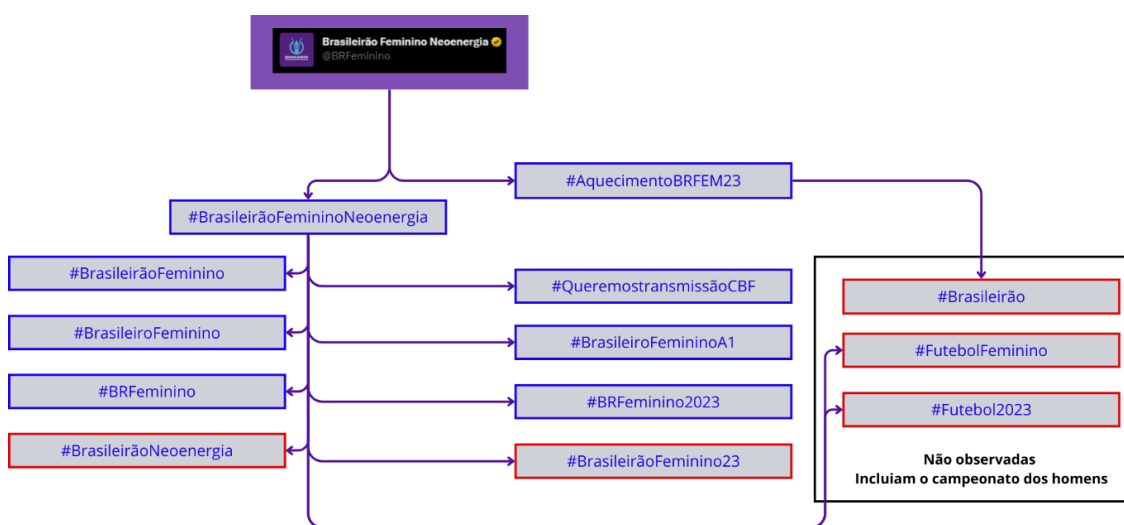
Nas opções de interesses, solicitadas pela plataforma, diversos temas foram apresentados, mas, dentre eles, foram selecionados: “Entretenimento”, “Esportes”, “Atividades ao ar livre” e “Profissões”. Pela seleção de temas a plataforma sugeriu outros mais específicos que foram selecionados dentro do tema maior. Em “Esportes”, as subcategorias: “Copa Libertadores”, “Brasil”, “Esportes”, “Notícias esportivas” e “Futebol”; no tema “Profissões” a subcategoria selecionada foi “Educação”; nas demais sugestões situadas em “Talvez você também curta” foram selecionadas como subcategorias “Notícias esportivas”, “Esportes” e “Futebol”.

Como o interesse da pesquisa era um campeonato específico, decidiu-se não seguir nenhum perfil associado a qualquer um dos clubes participantes. Entretanto, era necessário escolher alguma conta já ativa para prosseguir com a criação do perfil; como o perfil oficial do campeonato não apareceu nas sugestões iniciais, optou-se por seguir perfis relacionados exclusivamente ao futebol em geral. Conforme eram selecionados, as opções aumentavam a

partir da conexão entre as contas e, após várias tentativas o perfil de interesse foi localizado e, logo após, deixou-se de seguir os anteriores que não se relacionavam à competição mantendo apenas o @BRFeminino.

As *hashtags* de interesse foram primeiramente encontradas em postagens do perfil oficial, entretanto, as/os usuárias/os rotineiramente associavam mais de uma *hashtag* em uma mesma postagem, assim, as demais foram encontradas a partir dessa observação das *hashtags* principais. Não necessariamente as *hashtags* associadas eram relacionadas ao campeonato, de maneira que algumas foram excluídas por não tratarem da competição específica. Em relação ao Campeonato Brasileiro Feminino Neoenergia A1, algumas associações eram feitas com *hashtags* que tratavam do Futebol Feminino em geral, ou englobavam o futebol jogado pelos homens, nesses casos, essas *hashtags* não foram observadas. A figura 1 apresenta as conexões entre as *hashtags* oficiais e as outras identificadas a partir da utilização do público.

Figura 1 - Conexões entre as # do perfil @BRFeminino e as demais utilizadas pelo público



Fonte: Elaboração própria (2024).

Cada postagem foi salva por meio da realização de capturas de imagem da tela do computador utilizado para acessar a plataforma. As postagens só passavam pela captura após, no mínimo, 24 horas de sua publicação. Percebeu-se que, em virtude das *hashtags* serem utilizadas como aglutinadoras, das informações dos jogos e times participantes do campeonato, a circulação das postagens era muito concentrada nessas primeiras horas, tanto no sentido de receber comentários de outras/os usuárias/os quanto na relação das métricas oferecidas pela plataforma (curtir, compartilhar e visualizações).

Outro ponto observado foi a continuidade na utilização de *hashtags* iniciadas em edições anteriores da competição, de forma que não era possível identificar a primeira aparição

de todas elas. Por essa razão, optou-se por iniciar as capturas de tela por postagens que tivessem sido realizadas a partir de 15 de fevereiro, data da primeira *hashtag* oficialmente usada pelo @BRFeminino para tratar da edição de 2023 do campeonato. A #AquecimentoBRFEM23 foi a primeira a ser observada e, por isso, foi considerada como data limite para o início da realização das capturas de tela. Na observação desta e da *hashtag* #BrasileiraoFemininoNeoenergia, utilizadas pelo perfil oficial, foram identificadas outras oito *hashtags* utilizadas pelo público a respeito do campeonato que estão relacionadas, junto a sua utilização, no Quadro 5.

Quadro 5 - *Hashtags* observadas e data de sua última utilização

<i>Hashtag</i>	Data da última postagem	Observações
#AquecimentoBRFEM23	22 de fevereiro de 2023	
#BrasileiraoNeoenergia	02 de setembro de 2023	Excluídas da análise, por ter postagens retiradas/apagadas pela plataforma ou pelas/os usuárias/os entre 30/05/23 e 02/09/23
#QueremostrasmissaoCBF	24 de fevereiro de 2023	
#Brasileiraofeminino23	24 de fevereiro de 2023	Excluída da análise por conter postagens que aparecem em outras <i>hashtags</i>
#BrasileiraoFemininoA1	12 de junho de 2023	-
#Brfeminino2023	12 de junho de 2023	-
#BrasileiraoFeminino	18 de setembro de 2023	-
#BrasileiroFeminino	11 de setembro de 2023	-
#BRFeminino	23 de outubro de 2023	-
#BrasileiraoFemininoNeoenergia	23 de outubro de 2023	-

Fonte: Elaboração própria (2024).

Devido à grande quantidade de postagens nas 8 *hashtags* encontradas e analisadas, o número total de capturas de tela ultrapassou 10.000 imagens, incluindo postagens e comentários. A realização das capturas de tela ocorreu entre 28 de fevereiro de 2023 e 23 de janeiro de 2024. Além disso, utilizou-se de uma ferramenta da plataforma denominada “Itens salvos” para marcar todas as postagens que já haviam sido inseridas nos arquivos a fim de

identificar as que já haviam sido salvas e evitar duplicação de imagens. Para manter possíveis sequências de temas/conteúdos, as postagens foram observadas das mais antigas até as mais recentes. As capturas de tela foram inicialmente armazenadas em arquivos no formato *.doc* e posteriormente transferidas para a plataforma digital Miro²⁵, uma ferramenta caracterizada como um espaço de trabalho *on-line* desenvolvido pela *Realtime Board Inc* que tem funcionalidades de uma lousa infinita digital onde as imagens foram organizadas para que os comentários ficassem conectados às suas respectivas postagens.

Em relação aos critérios para a escolha das imagens e postagens utilizadas no texto como representativas para as discussões das análises, foram baseados, em primeiro lugar, na qualidade visual da imagem, após a ampliação para a melhor visualização do conteúdo; o segundo ponto se referiu a quantidade de possibilidades de análises a partir do conteúdo de cada artefato, a postagem mais seus comentários. As imagens incluídas, foram aquelas que melhor poderiam representar os tópicos de discussão para a construção das análises, independente da frequência de aparição de artefatos com pontos semelhantes e/ou complementares.

É conveniente mencionar que, durante o período da pesquisa, a plataforma passou por diversas reconfigurações, algumas das quais impactaram diretamente na maneira como os artefatos eram ou não acessados. Contudo, a alteração mais relevante para este estudo, além de inconsistências da rede que fizeram com que alguns dados não fossem mais encontrados pelos mecanismos de busca, foi a limitação de visualizações de postagens por dia²⁶, implementada em julho de 2023, que alterou para 300 postagens visualizadas por dia para cada conta não verificada e 600 por dia para contas verificadas, mas que não realizassem o pagamento mensal para a plataforma. Alterações que foram significativas no acesso às postagens devido ao número diário delas nas múltiplas *hashtags*.

²⁵ REALTIMEBOARD INC. **Miro**. A Miro tem recursos nativos avançados e prontos para uso que permitem que times de todos os tamanhos desenvolvam sua visão com o toque da colaboração criativa. Dê suporte a todos os fluxos de trabalho da sua empresa. Disponível em: <https://miro.com/pt/product-overview/>. Acesso em: 19 de ago. de 2023.

²⁶ PALMEIRAS, Carlos. Um ano de Elon Musk no X: confira linha do tempo das decisões controversas do bilionário. **TecMundo**, 27 out. 2023. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/mercado/273163-um-ano-elon-musk-confira-linha-tempo-bilionario-antigo-Twitter.htm>. Acesso em: 12 mai. 2024.
O que mudou no *Twitter* desde que Elon Musk comprou a empresa? Mudanças decretadas pelo bilionário causam polêmica desde quando comprou a empresa, no ano passado. **G1 Economia**, 02 jul. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2023/07/02/o-que-mudou-no-Twitter-desde-que-elon-musk-comprou-a-empresa.ghtml>. Acesso em: 12 mai. 2024.

3. AO APITO INICIAL, COMEÇA O PRIMEIRO TEMPO

Esta seção é dedicada às primeiras análises relacionadas aos artefatos que compõem o *corpus* deste estudo. Inicialmente, relaciono algumas questões sobre as *hashtags* referentes ao Campeonato Brasileiro Feminino Neoenergia, a primeira e talvez a mais relevante é o volume de postagens relacionadas a essa competição. Isso parece estar interligado diretamente com a longa duração do campeonato, o número e a relevância dos clubes participantes no contexto nacional e ao histórico de existência desses clubes no futebol brasileiro praticado pelos homens.

Em relação à multiplicidade de *hashtags*, identificou-se que ela não se deu a partir do perfil oficial (@BRFeminino), mas sim pela organização de redes de postagens e comentários por outras/os usuárias/os com participação direta no início/manutenção/desuso das possibilidades de se referenciar a competição e seus temas. Não foi percebido nenhum ponto de definição para quando essa prática teve início, mas, tal qual a/o torcedora/or se dirige ao estádio, compra seu ingresso e se senta na arquibancada reservada ao seu time, o público do Futebol de Mulheres no *Twitter/X* também se dirigiu uma ou algumas *hashtags* específicas no momento de realizar seus *tweets*, demarcando dentro das *hashtags* um certo sentido de pertencimento pela ocupação do lugar referido por uma ou outra. Talvez o exemplo mais marcante seja a #BrFeminino23 utilizada essencialmente por perfis relacionados ao time Grêmio Foot-Ball Porto Alegre²⁷ e que entrou em desuso ao final da primeira etapa, quando o clube não se classificou para disputar a continuidade da competição.

Algumas das *hashtags* tiveram o fluxo de postagens interrompido antes do encerramento do campeonato, como a #AquecimentoBRFEM23 que foi utilizada principalmente pelo @BRFeminino antes do início dos jogos; outras entraram em desuso por razões que não se pode distinguir (#QueremostrasmissaoCBF, #Brasileiraofeminino23, e #BrasileiraoFemininoA1). O que, efetivamente, parece ser o caso, é que grupos de torcedoras/es possuíam preferências por uma ou outra *hashtag*, pois concentravam as informações de clubes específicos, assim, sua presença constituía o conteúdo das postagens ao mesmo tempo em que delimitava aquele espaço (a *hashtag*) como pertencente a determinadas/os torcedoras/es.

Outra questão comum às *hashtags* foram os tipos de perfis que interagiram com os jogos e com a competição. De forma geral, as postagens foram realizadas pelo público (perfis individuais de torcedoras/es ou de audiência, que não necessariamente se relaciona a algum clube; pelos próprios Clubes, ou por perfis dedicados exclusivamente a clubes específicos (se

²⁷ A partir daqui referido apenas como Grêmio.

enquadram perfis que divulgam certas informações disponibilizadas pelos times) e as postagens da mídia (incluídos aqui *tweets* de perfis de meios de comunicação oficiais ou não – jornais, revistas, blogs, entre outros) bem como o trabalho da mídia independente.

Gustavo Andrada Bandeira (2019), ao tratar do futebol de espetáculo e da relação da presença nos estádios, aponta para a existência de quatro agentes: os profissionais (jogadores/as, treinadores/as, preparadores/as e toda a equipe envolvida em funções do jogo), os/as dirigentes (que são aqueles/as filiados/as a determinado clube, incluindo os/as responsáveis pela administração das equipes), os/as torcedores/as (constituído por um público com vários níveis de interesse e envolvimento nas partidas) e os/as mediadores/as especializados/as (que são todos/as aqueles/as responsáveis, em alguma parte, pelos espaços jornalísticos).

Algo muito semelhante pode ser observado no *Twitter/X* onde foi possível perceber três tipos distintos de perfis que se aproximam das designações de agentes, atribuídas por Gustavo Bandeira (2019). Os perfis dos clubes podem ser comparados às características dos dirigentes, pois estão profissional ou amadoramente filiados a uma equipe. Perfis de torcedoras/es, que serão chamados pela designação de perfis do público e incluem tanto torcedoras/es muito conectadas/os com seus clubes do coração quanto àqueles menos envolvidas/os com uma torcida a um único time. O terceiro tipo são os perfis midiáticos, estes que podem ser divididos em uma mídia tradicional (composta por jornais e seus veículos digitais vinculados, revistas especializadas e rádios) e em mídia independente, que inclui profissionais, da área da comunicação ou do jornalismo, ou até de nenhuma delas, envolvidos em maior ou menor escala com a divulgação de informações sobre clubes e/ou campeonatos e que não tem nenhum vínculo institucional (incluindo blogs, jornalistas e fotógrafos independentes).

Em relação aos conteúdos, estes foram tematicamente amplos, incluindo-se, na mesma *hashtag*, desde temas muito diversos até questões que possuíam muitas semelhanças. Uma característica marcante foi a divulgação das partidas, escalações, resultados que era feita em maior ou menor intensidade, por todos os tipos de perfis. Também se observou que o público e os/as mediadores/as especializados/as realizavam postagens sobre estarem presentes nos estádios, ou nas transmissões, entretanto, a maior quantidade de manifestações das/os torcedoras/es não ocorreu com a utilização das *hashtags*, mas sim por meio de comentários em postagens de outros perfis. Essa relação mostrou-se complexa, porque a ocorrência deles se dava a partir das redes de conexões de cada usuário/o, mesmo que se utilizasse das *hashtags* como mecanismo de distribuição e ampliação de alcance das publicações.

As próximas seções abordam, de uma maneira mais específica, a construção do público, as postagens e comentários das/os torcedoras/es e como refletem alguns deslocamentos que vem se articulando no Futebol de Mulheres, além da relação que o público, mediadores e os dirigentes estabeleceram a partir da direcionada participação em determinadas *hashtags*.

3.1 O público presente

Antes das redes sociais já haviam torcedoras/es, muitas/os delas/es se constituíram como apaixonadas/os por uma equipe e pelo futebol em meio a eventos em estádios onde compareciam, junto à/os outras/os torcedoras/es, para partilhar as experiências nas arquibancadas. Gustavo Bandeira (2019) apontou como um diversificado conjunto, visível ou não, de regras, valorações, códigos culturais, moralidades, juízos de valor, entre outros, agenciavam modos de ser homem numa estreita sintonia com os modos de ser torcedor; uma pedagogia dos estádios que ensinava como portar-se sobre o futebol e sobre o espaço em que ele se desenrolava. Para o autor, esse conjunto engloba atributos de masculinidades e um conjunto de marcas sobre o que seria um bom torcedor, ou seja, aquele que fosse mais fanático, seria mais homem e assim mais masculino e tendo mais virilidade.

Diversas/os são as/os autoras/es identificaram essa relação do futebol como pertencente aos homens (Silvana Goellner; Paula Silva; Paula Botelho-Gomes, 2013; Luiza Anjos *et al.*, 2018; Marcelo Rosa *et al.*, 2020) e o mesmo vale para o ambiente de um estádio de futebol. Principalmente quando se trata dos estádios menos modernos que já são frequentados a mais tempo e onde se pode perceber um “mecanismo geral de produção de identidades masculinas, vinculando o mundo do futebol com o mundo da virilidade” por meio currículos que, formais ou implícitos, investem na condução dos indivíduos à um específico tipo de torcer (Gustavo Bandeira, 2019, p. 12).

Essa experiência do ato de torcer vem passando por mudanças já a algumas décadas, talvez uma das mais relevantes tenha sido o processo de migração dos estádios para as Arenas que vem sendo entendido por um processo de elitização do futebol e que se inicia a partir de tragédias ocorridas na Inglaterra na década de 1980 e tem buscado “modernizar os estádios para dar maior segurança e conforto ao público” (Gustavo Bandeira, 2019, p. 30).

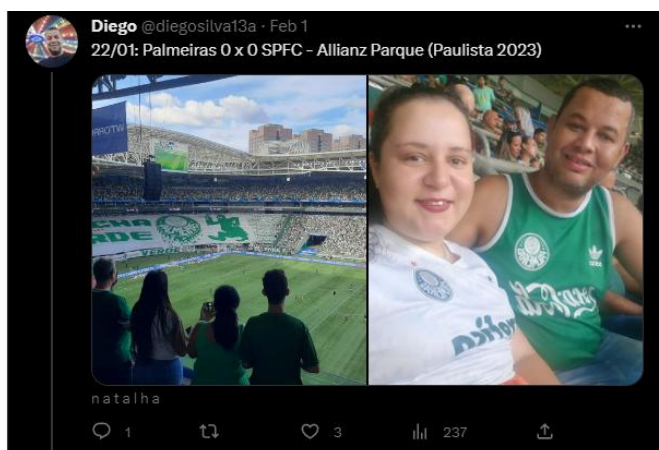
Para os interlocutores de Gustavo Bandeira (2019), que investigou as relações dos torcedores do grêmio a respeito da nova Arena construída para “substituir”²⁸ o Estádio Olímpico; esse processo de modernização/elitização pode ter sido um catalisador para que se vislumbra-se o andamento das mudanças nas formas de torcer, com o abandono dos gritos homofóbicos/racistas/machistas, mas imerso em tensões, dúvidas, e apego às tradições do que seria torcer com emoção pelo seu time. Rodrigo Koch (2021) também relaciona como o ambiente do estádio de futebol participa da formação da/o torcedora/or, mas amplia a variedade de possibilidades de identidades torcedoras que circulam nos diversos espaços relacionados ao futebol, afirmando que, algumas delas, ainda que nunca tenham estado presencialmente em um estádio, são igualmente aficionadas pelo esporte ou por seus clubes.

Enquanto Rodrigo Koch (2021) traz dados de estudos que trouxeram indicativos das mudanças, principalmente relacionadas à comportamentos iniciados, acelerados ou incentivados a partir da pandemia de Covid-19; Gustavo Bandeira (2019) demonstra, pelo discurso de seus entrevistados, como algumas mudanças já vinham se concretizando desde o início da construção das novas Arenas no padrão exigido pela FIFA. Talvez, a mudança mais interessante identificada por Gustavo Bandeira (2019) esteja relacionada à violência, vista como expressão de masculinidade, que se faz presente nos estádios, e sua relação com a elitização desses espaços, e a identificação das Arenas como apropriadas às famílias devido ao investimento de órgãos governamentais através de leis e pelos próprios clubes através de seus regimentos e regulamentos.

A experiência das/os torcedoras/es, ao passarem a frequentar a Arena do Grêmio, trouxe questões interessantes quanto às mudanças de comportamento em relação à violência e à identificação do espaço como familiar. A percepção de que mulheres e crianças passaram a frequentar mais a Arena do que faziam no estádio Olímpico está associada, ao mesmo tempo, com a relação de afastamento do torcedor de comportamentos violentos e com o processo de elitização do ambiente, devido ao maior custo dos ingressos entre outros fatores (Gustavo Bandeira, 2019). Essa relação pode ser, até certo ponto, percebida em postagens do público em que eles compartilhavam suas presenças dentro dos estádios/arenas.

²⁸ A utilização de aspas se faz para conceder ao termo uma dúvida quanto a seu direcionamento, afinal, considerando as diversas formas que se pode exercer uma torcida, Arena e Olímpico, são construções arquitetônicas pensadas de formas completamente diferente, por isso mesmo, não se aproximam a ponto se poderem se substituir.

Figura 2 - Presença de famílias compartilhadas por usuárias/os no Twitter/X



Fonte: Twitter/X, #BrasileiroFeminino (2024).

Outra mudança, apontada pelos dados de Rodrigo Koch (2021), está relacionada a quais as características do público do futebol, apontando um crescimento de mulheres que preferem acompanhar a modalidade, ainda que por um viés mais associado ao entretenimento. Baseado em entrevistas, o autor identificou que, entre as mulheres, 35% delas vão aos estádios para assistir aos jogos, já entre os homens 60% relata a mesma prática. Isto, segundo o autor, demonstra como as adaptações das arenas esportivas, ainda que pensadas para ampliar o perfil do público que se faz presente, não conseguiu ainda se desvincular da visão de que é um espaço masculinizado que continua a não acolher as mulheres.

Nessa relação, o Futebol de Mulheres, em particular o Campeonato Brasileiro Feminino Neoenergia, parece ser um deslocamento nesse currículo de masculinidades que afasta ou restringe a presença das mulheres. Essa é uma interpretação para o comportamento de algumas usuárias que postaram suas presenças nos estádios ou a caminho deles para assistir à uma partida entre mulheres, como na postagem da #BrasileiraoFeminino de 30 de abril de 2023 (Figura 3). Esse registro de presença caracteriza um movimento de demarcação dos espaços que pode ser entendido como uma estratégia de resistência às reiterações de que esse espaço dos estádios, e do próprio futebol como tema, restringiam-se apenas aos homens; essa ocupação, tanto dos estádios e quanto das *hashtags* que tratam sobre uma competição oficial de mulheres, se configura um aspecto que constitui a pedagogia que circula pelo público do Futebol de Mulheres.

Figura 3 - Torcedora compartilhando sua presença para assistir presencialmente um jogo



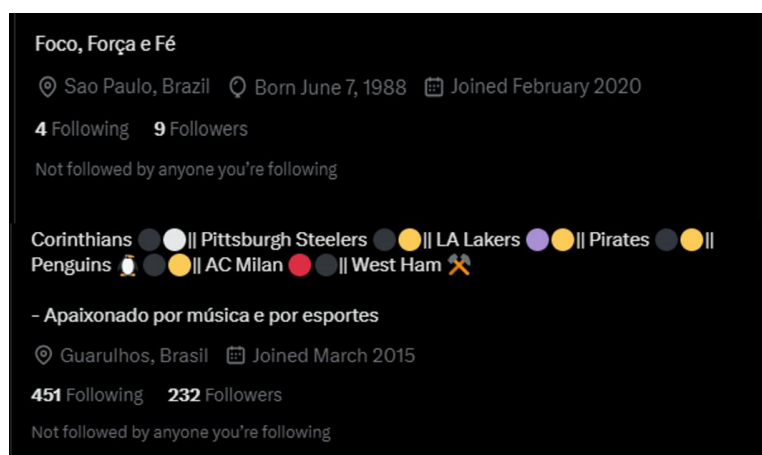
Fonte: Twitter/X, #BrasileiraoFeminino (2024).

Quanto aos perfis que utilizaram as *hashtags*, podemos relacioná-los, em certa medida, ao que Rodrigo Koch (2021) trata como torcedoras/es pós-modernos ou futebolizadas/os; que são consumidoras/es do futebol espetáculo, ou torcedoras/es avulsos, por vezes, não vinculadas/os a um clube, mas aficionadas/os pela modalidade e seguidoras/es de atletas-celebridades. Conforme o autor, essas identidades torcedoras (des)(re)construídas, que valorizam sua presença mais do que o espetáculo transformando-o num evento social, são consideradas menos conectadas aos clubes e que podem, inclusive frequentar clubes rivais. Isso se relaciona a um achado de Gustavo Bandeira (2019) que, em conversa com um de seus interlocutores, relatou como algumas/uns torcedoras/es percebem esses novos espaços das Arenas e esse novo comportamento do público como algo diferente, que o torcer dos antigos estádios era diferente do assistir das modernas Arenas.

Nesse sentido, as manifestações das/os torcedoras/es nas redes sociais, também pode ser entendidas como um novo comportamento de um público que acompanha os clubes e as atletas a partir de publicações midiáticas e/ou redes sociais. Assim, essa demarcação de presença nas redes sociais, em especial o *Twitter/X*, pode ser entendida como uma estratégia discursiva pedagógica buscando reiterar esse comportamento a partir da repetição. Em relação às *hashtags* do Campeonato Brasileiro Feminino Neoenergia, A1 de 2023, o público presente foi diversificado tendo em vista que são as redes de conexão que interligam as/os torcedoras/es aos clubes e, nessa construção de ligações, as possibilidades de surgimento de perfis aumentam quanto maior for a interação através das postagens.

Entretanto, algumas características podem ser elencadas entre o público que, por postagens ou comentários, interagiu de alguma maneira nas *hashtags*. Antes, é preciso pontuar que, após o retorno da plataforma alguns perfis não foram mais encontrados, o que pode estar relacionado à própria plataforma, que não manteve os perfis, ou então às ações das/os usuárias/os que, ou excluíram seus próprios perfis ou trocaram suas identificações (@), uma funcionalidade que é restrita, mas não impedida pela plataforma. Tendo isso em vista, algo comum é a falta de informações que os perfis disponibilizam, já que elas estão condicionadas ao que as/os usuárias/os disponibilizam e nenhuma informação aparece sem ter sido autorizada pelo/a proprietário/a da conta.

Figura 4 - Possibilidades de informações que os perfis podem disponibilizar no *Twitter/X*



Fonte: *Twitter/X* (2024).

Alguns perfis se constroem com imagens de suas/eus usuárias/os, outros utilizando as identidades visuais de clubes, celebridades ou até mesmo identificações impessoais. Entretanto, observando o conteúdo das postagens pode-se perceber que alguns pontos são comuns, entre eles: o interesse por mais de um clube da mesma modalidade e/ou por mais de uma modalidade esportiva (Figura 4), o compartilhamento de notícias, informações e conteúdo a respeito dos clubes pelos quais torcem, além disso, não era incomum que os perfis referenciassem tanto os times de mulheres quanto os dos homens que defendem o mesmo clube. Contudo, devido as diversas possibilidades de conexão pelas *hashtags*, nem todos eram efetivamente interessados pelos jogos das mulheres, como demonstram os comentários na Figura 5.

Figura 5 - Comentários em postagens sobre elencos de mulheres feitos por perfis aparentemente não interessados no futebol delas



Fonte: Twitter/X, #BrasileiraoFeminino (2024).

Considerando que não é um requisito da plataforma a disponibilização de informações sobre as/os usuárias/os, a identificação de marcadores sociais da diferença a partir do que está público no *Twitter/X* é imprecisa ou até impossível. O que se pode inferir é demasiado superficial para identificar efetivamente qualquer característica além da própria percepção do olhar da pesquisadora, dessa forma, optou-se por não construir uma tentativa de análise dos marcadores presentes nesses perfis. O que se observou nas postagens, no entanto, foi um embate de forças entre aquelas/es que demonstram torcida/apoio pelos clubes de mulheres ou pelas atletas e os que se aproximam de outros currículos que colocam feminilidades e masculinidades em oposição, ou de um conservadorismo que não validam a presença das mulheres no futebol. Esses discursos combativos e/ou opositores, que serão mostrados nos tópicos seguintes, fazem parte de estratégias pedagógicas para o compartilhamento de diversos significados nesse contexto social do futebol.

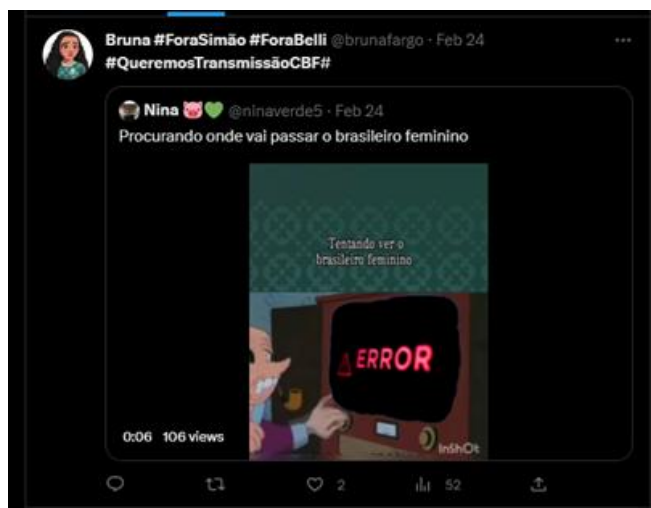
3.2 Lance a lance na sua tela: #QueremosTransmissãoCBF

Após passar pela emissora Band e por canais do YouTube, o direito às transmissões do Campeonato Brasileiro Feminino A1 foi adquirido pela Globo para a transmissão da competição no ano de 2023²⁹, retirando as partidas Band que realizava a cobertura desde 2019.

²⁹ NUNES, Maíra. Brasileiro feminino começa só na TV fechada; Globo deve exibir apenas mata-mata. **Dibradoras.com**, 23 fev. 2023. Disponível em: <https://dibradoras.com.br/2023/02/23/brasileiro-feminino-comeca-so-na-tv-fechada-globo-deve-exibir- apenas-mata-mata/>. Acesso em 26 mai. 2024.

Inicialmente, a notícia foi recebida com entusiasmo pela perspectiva de que a competição fosse receber o aporte da emissora, entretanto, de forma oposta ao que vinha sendo dito, a fase de grupos passou para o canal de TV fechada SporTV. A incerteza gerada pela não confirmação da emissora sobre os jogos da primeira fase, já na primeira rodada, foi a ignição para que a #QueremosTransmissãoCBF surgisse na plataforma (Figura 6).

Figura 6 – Postagem na #QueremosTransmissãoCBF



Fonte: Twitter, #QueremosTransmissãoCBF (2024).

Tiago Duque (2020) pontua que o riso é uma experiência histórica envolto em relações de poder e de subjetivação que o constituem, mas discorda de que o humor na nossa sociedade não tenha mais o vigor do cômico que era o contraste com a seriedade, o autor reconhece que o riso é ambivalente, uma ambiguidade que se dá pelo contexto cultural, ele entende que esse riso poderia ser uma certa denúncia e não apenas uma reiteração de violências. Podemos perceber esse contraste na utilização humorística da postagem, pois a (não)transmissão dos jogos pode ser considerada um tema sério que foi contestado por uma imagem cômica da televisão que mostra uma mensagem de erro.

Em específico sobre a construção humorística da piada, Alexandre Werneck (2016) aponta que ela (a forma-piada) pode ser feita com elementos de crítica, mas que a crítica (forma-crítica) também pode ser realizada com elementos jocosos e que, em ambos, existe uma operação moral. Para o autor, a

[...] forma-crítica corresponde a um protocolo dos elementos necessários para se efetivar uma crítica [...] a forma-piada é construída em torno de um protocolo segundo o qual se produza um enunciado voltado para a chamada *punchline*, uma fala ou ocorrência que altera e subverte a lógica (em uma descrição ou enunciação) ou o fluxo dos

acontecimentos (em uma narrativa) de uma situação e, com isso, induziria ao riso (Alexandre Werneck, 2016, p. 490).

Entendendo o humor, da mesma forma que Ana Cristina Carmelino e Lídia Kogawa (2020), como um campo discursivo fruto de regras sociais específicas, que tem seu universo e suas funções, podemos considerar, a partir de Alexandre Werneck (2016), que a postagem se utiliza de uma forma-crítica feita com jocosidade, pois traz elementos que efetivam um parecer sobre o tema ou que faz uso da forma-piada para produzir um enunciado que chama para a situação dos torcedores trocando canais de TV sem encontrar nada de forma a induzir ao riso. Em ambas as interpretações, a postagem constrói um discurso de um universo específico relacionado a essas transmissões de jogos com função de exercer a crítica, direcionada à CBF pela utilização da *hashtag*, à ausência da possibilidade de se assistir as partidas.

Para além de uma ludicidade com intenção de provocar o riso, Tiago Duque (2020) entende o humor como uma maneira de compreensão do mundo, de ressignificar informações do cotidiano, implicando mediação, compreensão e crescimento dos signos. Nesse exemplo, da *#QueremosTransmissãoCBF*, existem signos e significados próprios do público do futebol delas e, a utilização do meme como forma de crítica pode ser entendida como aspecto de currículo direcionado ao agenciamento, tal qual o gênero e riso foram entendidos por Tiago Duque (2020).

Apesar da rápida resposta do público com o início da *hashtag*, ela foi utilizada apenas quatro vezes e somente nos primeiros dias do campeonato. O que não significa dizer que torcedoras/es silenciaram suas reclamações (Figura 7). Com o efetivo início dos jogos observou-se as movimentações do público e dos clubes para solucionar a falta de transmissões. A exemplo do que ocorreu em 2022³⁰, exceto os dois jogos por rodada transmitidos pelo SporTV, a fase de grupos teve os jogos transmitidos pelos clubes mandantes.

³⁰VIANA, Amanda. Raio-X do Brasileirão feminino 2023, saiba tudo do campeonato e dos times participantes: Dada a largada para principal competição nacional de clubes do ano, com promessa de muito equilíbrio na briga pelo G8. **Goal.com**, 22 fev. 2023. Disponível em: <https://www.goal.com/br/listas/vai-comecar-o-brasileirao-feminino-2023-saiba-tudo-sobre-a-competicao-e-seus-participantes/blt35c861f9d38b5c45#cs954b6b3e778bb956>. Acesso em: 26 mai. 2024.

Figura 7 - Comentários sobre a ausência de transmissão em postagem do SporTV



Fonte: Twitter/X, #BrFeminino2023 (2024).

Os questionamentos sobre as transmissões passaram a ocupar comentários nas postagens do perfil oficial da competição, como os seguintes: “Queríamos poder assistir a todos os jogos do campeonato 🙄” (Publicado em 03 de maio de 2023) e “arrumar a transmissão dos jogos vcs [sic] não querem né” (Publicado em 03 de maio de 2023). Questionamentos parecidos também foram feitos nos perfis dos clubes, oficiais ou não, como esse comentário na postagem do @turma_tricolor “Vai ter transmissão?” (Publicado em 04 de março de 2023).

Essa busca/interrogação sobre os jogos marca um discurso de resistência a outro que reflete um exercício de poder e é recorrentemente visto a respeito do Futebol de Mulheres, o de que ele seria sem importância, como visto na Figura 8. Essa visão do Futebol de Mulheres é constantemente reiterada marcando currículos de invisibilidade da modalidade, algo que tem sido abordado por autoras e autores (Silvana Goellner, 2005; Soraya Januário, 2017; Soraya Januário; Cecília Lima; Daniel Leal, 2020) e que está conectado à perspectiva de que essa prática está sob domínio dos homens. Existe, também, um agenciamento no lugar em que esse discurso é inserido, postagens que tratavam de uma partida, visto que a cobrança pela transmissão demarca a presença de um público que se interessa e que busca por isso.

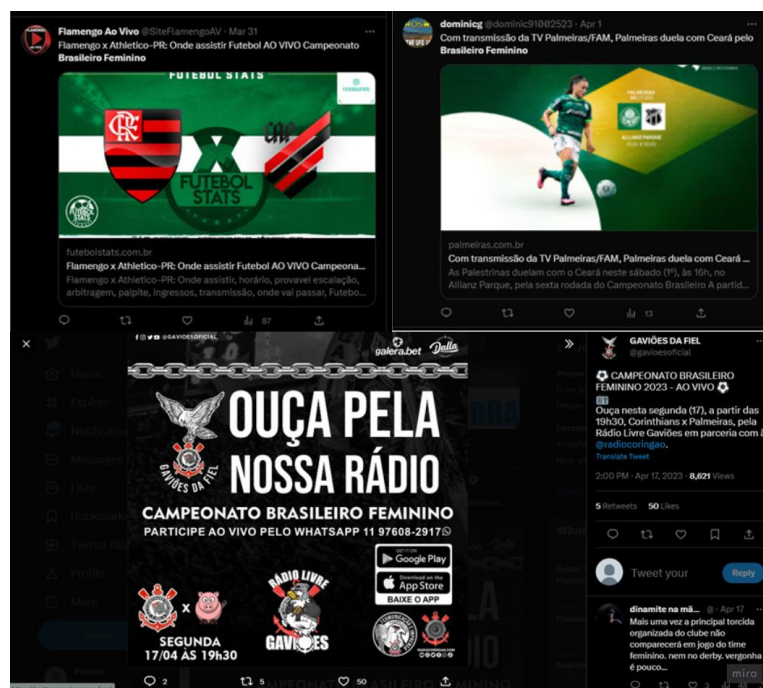
Figura 8 - Comentário atribuindo pouca importância ao Futebol de Mulheres em postagem que chamava torcedoras/es a estarem presentes em uma partida



Fonte: Twitter/X, #BrasileiroFeminino (2024).

Os clubes tomaram a responsabilidade, entretanto, não havia padrão nessas transmissões (Figura 8), que foram realizadas conforme a possibilidade de cada instituição ou das iniciativas da mídia independente - blogs e rádios com transmissões ao vivo. Outra iniciativa foi a realização de postagens contendo as principais informações e acontecimentos do jogo, muitas incluindo a minutagem da partida para identificar o momento de ocorrência desses lances, e que foram nomeadas como Minuto a Minuto da partida, como demonstrado na postagem do @sccpfeminino “25’/1T Pausa para hidratação! #CORxCEA (2-0) #BrasileiraoFeminino” (publicada em 25 de fevereiro de 2023). Entre os eventos narrados nessas postagens podem ser identificados os gols marcados, as substituições, faltas ou penalidades, cartões amarelos e vermelhos aplicados, chances de gol e defesas realizadas, algumas dessas postagens incluíam fotos ou vídeos curtos.

Figura 9 - Divulgações de transmissões de jogos realizadas pelos clubes



Fonte: Twitter/X, #BrasileiroFeminino (2024).

A agência dos clubes em organizarem transmissões pode ser considerada de extrema importância para a visibilidade da competição, das jogadoras e da modalidade, de outra forma, as relações de poder entre a mídia e o Futebol de Mulheres teria (re)deslocado as possibilidades de o público acessar os jogos. Para Rivanny da Silva (2022, p. 53), existe uma ideia de criar “uma comunidade e dar espaço para o diálogo, ensinando, conversando e informando sobre o clube e o campeonato em si”, para isso, os perfis não oficiais dos clubes, em relação aos oficiais que a autora chama de verificados, tem grande importância na construção do pertencimento do público.

No contexto das *hashtags* isso parece acontecer principalmente com as divulgações dos clubes, algo que se torna ainda mais relevante se considerarmos que a agenda esportiva midiática é generificada e atravessada por relações de poder que determinam o que tem ou não destaque e, por vezes, mostra o Futebol de Mulheres como não atrativo e sem importância (Silvana Goellner; Paula Silva; Paula Botelho-Gomes, 2013). Apesar da compra dos direitos de transmissão pela Globo ser um indício do que Eduarda Gonçalves (2021) aponta sobre a percepção da mídia sobre o interesse do público no Futebol de Mulheres ser um potencial a ser explorado.

4. REINÍCIO DO JOGO, COMEÇA O SEGUNDO TEMPO

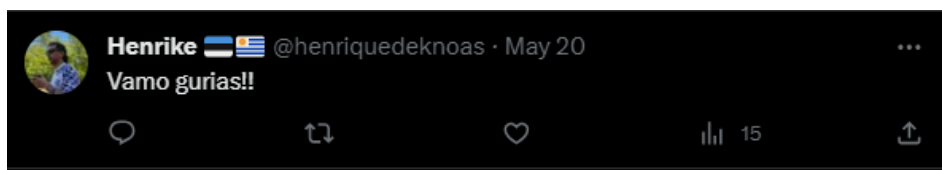
Nesta seção, o primeiro subtópico, retoma aspectos de currículo estudados em trabalhos anteriores apontando como eles se demonstram integrantes dos currículos das *hashtags*. O segundo subtópico é referente à uma construção analítica que surgiu a partir da percepção de que tanto os clubes, quanto a mídia, incluindo também os/as torcedores/as, de uma forma ou de outra, distribuíam imagens representativas das jogadoras, uma relação de representação que também constitui os currículos dos artefatos estudados.

4.1 As #Arquibancadas

Em publicação anterior à esta dissertação, junto ao orientador, identificamos alguns currículos relacionados ao público do Futebol de Mulheres num contexto de transmissões de jogos que, de forma resumida, podem ser organizados em comparação (com o futebol dos homens), valorização e desmerecimento (ambos do futebol jogado pelas mulheres) (Alini Peixoto *et al.*, 2023). Nas nossas arquibancadas *on-line*, os artefatos também foram constituídos de discursos que remetem a esses três aspectos de currículos, inseridos a partir de estratégias de disputa pela demarcação de significados relacionados ao futebol.

No contexto dos artefatos aqui analisados, podemos entender a presença de aspectos de currículos de valorização da prática quando o público realiza postagens, ou comentários em postagens de terceiros, com expressões de encorajamento e incentivo, às vezes para o seu time, outras para alguma jogadora em específico (Figura 10). Expressões como “Vamos”, “Vamo [sic]”, “Bora [sic]” – e suas variações – ou “Para cima” aparecem em diversos momentos nos artefatos, assim como elogios ao desempenho de jogadoras ou do time como um todo.

Figura 10 - Comentário em postagem sobre o deslocamento do time do Grêmio para uma partida



Fonte Twitter/X, #BRFeminino2023 (2024).

Muitos desses comentários são realizados nas postagens de divulgação dos clubes, que, rotineiramente, anunciam as datas das partidas e as escalações (Figura 11), assim, a presenã da

torcida nesses momentos reforça a importância que essas/es torcedoras/es atribuem às jogadoras e ao clube. Rivanny da Silva (2022) caracteriza esse tipo de prática dos clubes como uma busca por aproximar-se de seus/suas torcedores/as no ambiente virtual a partir dessa divulgação de conteúdo.

Figura 11 - Publicação do clube Athletico Paranaense, sobre a próxima partida do time na competição



Fonte: Twitter/X, #Brasileirofeminino (2024).

É importante entender que essa relação entre clube-torcedora/or é muito importante na construção do que se entende por identidade torcedora, pois

[...] existe um sentimento de pertencimento para com o time escolhido, assim como também isso vai delimitar as relações que as pessoas terão com os outros, sendo rivais ou não. [...] colocar alguma informação em seu perfil virtual — de um clube faz com que a sensação de pertencimento seja reforçada e se sintam parte das conquistas e derrotas do clube, mesmo que nunca tenham jogado futebol pessoalmente ou até mesmo ido ao estádio. A identidade de “torcedor do clube” fica tão forte que existem torcedores que somente acompanham o clube através das mídias e são mais fiéis a ele do que aqueles que vivem pessoalmente todo o acontecimento e o movimento gerado (Rivanny da Silva, 2022, p. 21).

Curiosamente, é preciso entender que essa relação da/o torcedora/or com o clube é perpassada por nuances complexas. O ato de torcer não se encontra unicamente no apoio ao clube, as/os jogadoras/es, mas também perpassa o âmbito da crítica, afinal, o desejo é sempre de que seu time conquiste objetivos e avance degraus. Essa relação de apoio, que não deixa de sinalizar melhorias, também é vista nos artefatos (Figura 12) e faz parte do currículo de valorização da prática, pois se organiza a partir de uma certa análise da/o torcedora/or sobre o

nível técnico-tático de seu time, considerando não só os talentos individuais, mas também os processos de treinamento e a preparação das jogadoras.

Figura 12 - Comentários em publicação sobre o clube Athletico Paranaense após a derrota do time para o Flamengo



Fonte: Twitter/X, #BrasileiroFeminino (2024).

Como mostrado nas seções anteriores, o Futebol de Mulheres passou por diversos processos ao longo da história no Brasil; o discurso de que essa prática seria irrelevante, principalmente no âmbito esportivo, culminando em um apagamento dele como prática cultural, ainda permeia as relações que se estabelecem com a modalidade. Comentários como “O feminino é tão bom que a maioria não sabia que tem um clássico hoje”, publicado em 17 de abril de 2023, em uma postagem do perfil @CorinthiansBmg que divulgava um dérbi entre Corinthians e Palmeiras, não é incomum nos artefatos.

Esse parece se constituir como uma importante estratégia discursiva dentro do jogo de forças existentes nos deslocamentos em relação ao futebol delas, participando da construção de currículos em disputa por um significado em relação à própria existência do Futebol de Mulheres, já que existe o embate entre vontades de verdade: uma na tentativa de validar a prática e outra de tomá-la por desinteressante. Essa vontade de verdade se constitui uma das estratégias de exclusão do discurso que Michel Foucault (2014, p. 17) elenca e afirma ser “[...] ao mesmo tempo reforçada e reconduzida por toda uma espessura de práticas como a pedagogia, mas [...] também é reconduzida mais profundamente sem dúvida, pelo modo como o saber é aplicado em uma sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído”.

Michel Foucault (2014) ainda aponta que ela tende a exercer uma espécie de pressão sobre os outros discursos, um poder de coerção que disputa os significados por diversas estratégias, algumas vezes pela imposição de uma argumentação baseada na crença de verdade que carrega o discurso, outras são acompanhadas de relações mais intensas, ainda que o embate efetivo não ocorra, como na Figura 13 que mostra discursos de currículos diferentes, enquadrados na mesma postagem de divulgação de resultado de um jogo pelo @ge_fla de 7 de maio de 2023.

Figura 13- Comentários na divulgação do Flamengo sobre uma vitória



Fonte: Twitter/X, #BrasileiroFeminino (2024).

Apesar de opostos, esses dois discursos não estão em combate direto, pois são respostas isoladas à postagem inicial, como dois galhos da mesma árvore que, um de cada lado do tronco, se conectam ao mesmo caule, mas não chocam suas folhas, ainda assim, disputam o espaço de significação do futebol delas. Ainda assim, sua ocupação de espaço dentro das manifestações das *hashtags* se caracteriza como uma estratégia pedagógica embasada na sua própria existência, pois sua presença demarca as dualidades de significados que esses discursos disputam, às vezes por apagamentos e outras através de ofensivas.

Para Gabrielle Machado (2022), essas agressões verbais demonstram que a violência permanece como um componente cultural demarcado nas arquibancadas do futebol e podemos dizer que nas *#arquibancadas on-line* também, o que não se dá apenas no discurso que traz significado ao currículo de desmerecimento do futebol delas, mas também esteve, e está, presente nas realidades de muitas meninas e mulheres envolvidas com o futebol desde a infância

até a vida adulta. Comentários, como o da Figura 3, não são incomuns quando o assunto é o futebol jogado por mulheres, mais ainda, são recorrentes em diversas situações, para além do ambiente do futebol e fazem parte de currículos sexistas e misóginos que permeiam diversas relações que envolvem homens e mulheres na sociedade.

Sendo as desigualdades aquilo que dá sustento a discriminação e ao preconceito no futebol, como afirmam Marcelo Rosa *et al.* (2020), concordamos com os/as autoras/es de que é através da Educação que o futebol poderá ser reconhecido como um ambiente também das mulheres e, para isso, currículos e pedagogias precisam ser (re)constituídos culturalmente. O que não apaga a presença dos discursos machistas/misóginos direcionados a mulheres que, de alguma forma, escapam do comportamento esperado e se envolvem em práticas culturalmente atribuídas aos homens. Ainda que constitua um amplo aspecto de análise, o presente texto tomou a decisão de dedicar foco a outras questões.

4.2 Segue o segundo tempo: vamos representar a camisa

Bruna Fernandes (2019) traz o conceito de representação no sentido de que, no mundo social, elas são sempre determinadas pelos interesses do grupo em que estão sendo construídas, o que torna essas representações no futebol praticado por mulheres algo complexo, pois elas devem reafirmar “a normatização do que se considerava ser mulher, de um tipo ideal de feminino, ao mesmo tempo também em que se revelavam outros tipos de mulher, variando entre um feminino não ideal e um masculino” (Bruna Fernandes, 2019, p. 20).

Esse conceito se aproxima do entendimento utilizado nesta dissertação, pois converge com Stuart Hall (2016), que entende a representação como sistemas de produção de sentido, culturalmente dependentes, que se organizam a partir de uma rede de significados socialmente compartilhados onde existem regras e práticas que produzem os sentidos. Assim, conforme Tomaz Tadeu da Silva (2013, p. 194) as representações “são tanto o efeito, o produto e o resultado de relações de poder e identidades sociais quanto seus determinantes”.

Essas representações, tanto do futebol quanto delas próprias, recebe influências das culturas em que estão inseridas e, aqui, invariavelmente estão relacionadas ao histórico da modalidade e das concepções presentes na sociedade. Maria Thereza Souza (2017), aponta a representação da mulher atleta com um olhar apreciativo, construída pela mídia impressa, na tentativa de desvincular as jogadoras de qualquer aproximação com o que fosse entendido por masculino. Um exemplo disso é a representação erótica do corpo feminino no esporte que Bruna Fernandes (2019) aponta ter sido sustentada pela mídia da década de 1990 direcionada ao

futebol. Outro, pode ser entendido na desconvoação da atleta Patrícia em 1991 após 10 dias de treinos com a presença de sua filha (Silvana Goellner; Juliana Cabral, 2022), afinal, aquele não seria um ambiente para uma mãe e uma criança.

As postagens sobre o Campeonato Brasileiro Feminino A1 apresentaram um deslocamento em relação à maternidade. Duas jogadoras (Tamires do Corinthians e Cristiane que atuava pelo Santos) são chamadas de “mãe” por vários agentes nas *hashtags*. Priscilla Bezerra Barbosa (2016), sobre a experiência materna, aponta que existem duas óticas, a primeira otimista onde a maternidade pode ser vista como um espaço de luta, reação, resistência e desconstrução ao que é imposto às mulheres pela sociedade, a outra pessimista quando é enxergada como uma forma cerceadora das possibilidades de pertencimento das mulheres se configurando em um espaço em que elas protagonizam situações em que são silenciadas. Essa autora também aponta um comportamento silencioso e sutil que afasta as mulheres/mães das esferas públicas e de suas possibilidades de luta, de formação, de atuação profissional, e até mesmo das práticas prazerosas.

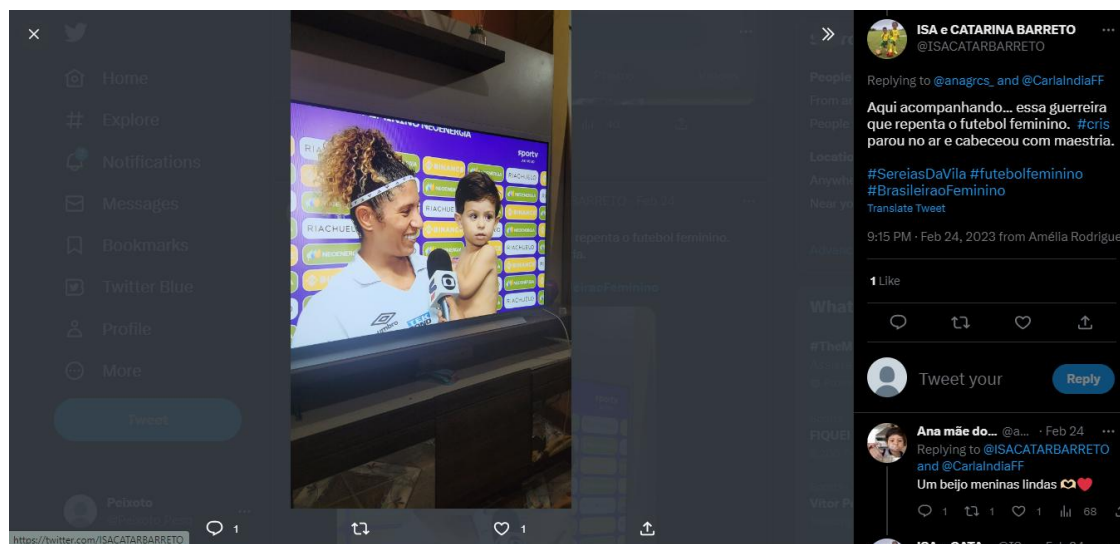
Essa visão pessimista parece estar muito enraizada na ideia de que maternidade é intrínseca a todas as mulheres, como se fosse um evento irrefutável que, caso não se realizasse, seria entendido como reflexo de algum problema. Ábia Lima de França e Elis Souza dos Santos (2022) apontam para a existência de uma máxima imposta de que a representação de mulher está atrelada ao ser mãe, algo que está no ideário social e que é socialmente imposto a construção de uma identidade feminina e para uma história que exigiu dos corpos femininos uma necessidade de serem mães construindo um significado social da maternidade como atrelado ao ser mulher.

Stuart Hall (2016, p. 21) afirma que “[...] nós damos significados a objetos, pessoas, e eventos por meio de paradigmas de interpretação [...] damos sentido às coisas pelo modo como as utilizamos ou as integramos em nossas práticas cotidianas [...] concedemos sentidos às coisas pela maneira como as representamos”. Para Ábia de França e Elis dos Santos (2022) a maternidade é um evento cujo significado está em uma construção histórica, cultural e social, ideia que Augusta Thereza de Alvarenga e Raquel Souzas (2017) apontam estar se fortalecendo como um novo significado a respeito do tema.

As implicações dessa (des/re)construção social realizada sobre o termo mãe implica no que ele representa e/ou como ele é representado. No caso das postagens sobre as duas jogadoras, os significados implicados na aglutinação das imagens delas com os possíveis significados do termo tem múltiplas possibilidades. Cristiane com 39 anos é mãe de Bento, nascido em 2021, e aparece com o filho em uma postagem sobre sua entrevista num pós-jogo

(Figura 14); a atacante vive a maternidade a apenas alguns anos, mas compartilha ativamente conteúdos em suas redes sociais a respeito disso.

Figura 14- Postagem sobre entrevista da jogadora Cristiane com o filho nos braços



Fonte: Twitter/X, #BrasileiraoFeminino (2024).

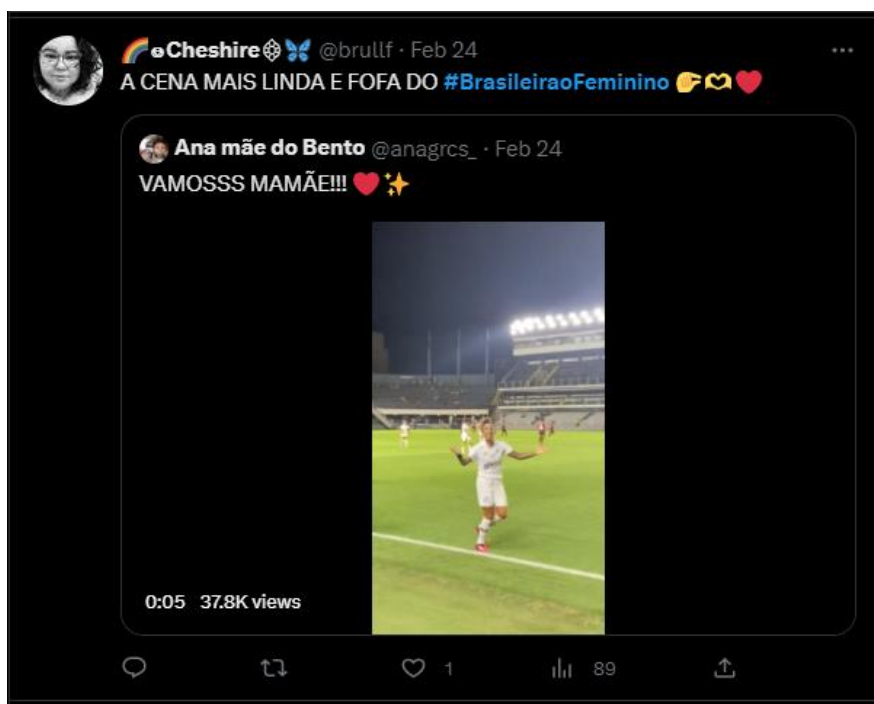
Já Tamires, de 36 anos, mãe de Bernardo, de 15 anos, também aparece com o filho e, ambas, são chamadas de mães das respectivas torcidas. Até pelos momentos históricos em que essas duas mulheres passaram por suas experiências de maternidade, podemos apontar que existem certas alterações de compreensões que permeiam a construção desse personagem identificado como “mãe” para cada uma das torcidas.

Em postagem de outro perfil, no mesmo dia, uma usuária diz “A mãe está muuuuito [sic] on!!! Presença de área que fala, né? Bola aérea é caixa! *a zaga também vacilou e deu espaço para ela” (Twitter/X, #BrasileiraoFeminino, 2024). A expressão “a mãe tá on”, que foi utilizada para se referir às duas jogadoras, não é incomum e, no contexto do futebol, adquiriu significados relacionados à presença e/ou às atuações marcantes de certas jogadoras, apesar do termo não ser restrito às mulheres que são mães, nas *hashtags* observadas ele aparece em diversas ocasiões em referência à uma dessas jogadoras.

Gabriela Nobre Bins *et al.* (2023) compreendem que as representações sociais das experiências da maternidade e das demandas associadas diferem do que as mães sentem/vivem e que as formas de maternidade são culturais, ou seja, são influenciadas por dispositivos históricos culturais que indicam como se deve ser mãe. Augusta de Alvarenga e Raquel Souza (2017), complementam que o discurso sobre a maternidade ganha significados diferentes que perpassam inúmeras possibilidades e a pluralidade de construções sociais (pós)modernas.

É perceptível uma pluralidade, ainda dentro desse discurso referente às duas jogadoras. Na Figura 15, é feita a utilização do termo “mamãe” para se referir à atacante do Santos, entretanto, as implicações são semelhantes, está associando a figura da jogadora de futebol Cristiane a da mãe que ela passa a representar dentro da experiência que tem de maternidade.

Figura 15 - Postagem respondendo publicação feita pela esposa da jogadora Cristiane.



Fonte: Twitter/X, #BrasileiraoFeminino (2024).

Sobre essa prática de associação da figura da mulher à de mãe, Priscilla Barbosa (2016) explica que existe uma construção da personagem mãe, partindo do desprendimento da mulher de sua identidade própria para que se torne a mãe de alguém, o que também se relaciona com a responsabilidade unilateral dessas mães quanto aos seus filhos. Para a autora

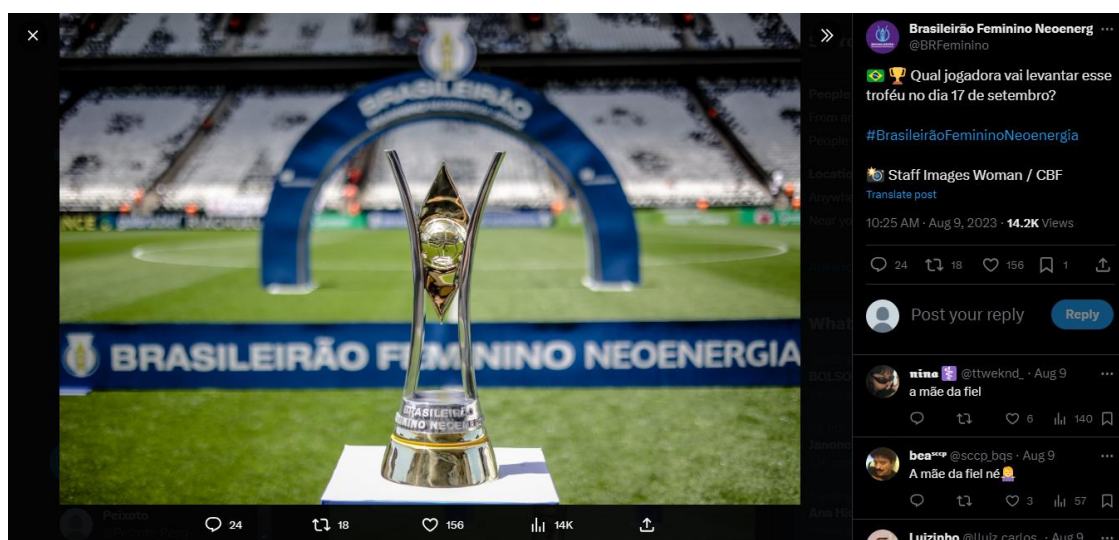
a referida personagem dá vida a expressões corriqueiras que permitem a manutenção da ideia da mãe ideal que não se incomoda com os sacrifícios que deve fazer ‘naturalmente’ pelos filhos, pois, tal postura de resignação deve vir acompanhada de muita felicidade e beleza, já que é algo feito com muito amor e dedicação (Priscilla Barbosa, 2016, p. 31).

Deslocando-se um pouco da percepção de Priscilla Barbosa (2016), não se visualiza, na utilização da figura mãe para a jogadora Cristiane, a ideia de que a maternidade impõe a mulher exclusões do mercado de trabalho nem de outras possibilidades de atuação, entretanto, em específico para ela, a maternidade está atrelada a esse ideal “naturalizado” de responsabilidade dela para com o filho, independente da situação em que ela esteja inserida. O

que difere um pouco de como a representação de mãe é discursivamente utilizada para a jogadora Tamires.

Em uma postagem do perfil oficial da competição (Figura 16), foi questionado ao público qual jogadora levantaria o troféu, após a final que seria realizada na semana seguinte. Em mais de um comentário respondendo a esse *post*, as/os usuárias/os afirmaram que a jogadora a erguer o troféu seria “a mãe da fiel”, utilizando a expressão para se referirem à Tamires. Essa representação, ainda que carregue consigo o ideário social ocidental da complementariedade da mulher/mãe em que se cobra dela uma naturalidade na maternidade, parece se aproximar mais de uma ideia de maternidade compartilhada (ou coletiva) presente em culturas não europeias, como pontuam as autoras Augusta de Alvarenga e Raquel Souza (2017), Ábia de França e Elis dos Santos (2022) e Gabriela Bins *et al.* (2023). O contraponto dessas representações se dá pela forma como se constrói essa coletividade da maternagem³¹ na personagem mãe da jogadora do Corinthians.

Figura 16 - Postagem do perfil oficial do @BRFeminino sobre a jogadora que levantaria o troféu do clube campeão



Fonte: Twitter/X, #BrasileirãoFemininoNeoenergia (2024).

Ao contrário do que apontam Augusta de Alvarenga e Raquel Souza (2017), Ábia de França e Elis dos Santos (2022) e Gabriela Bins *et al.* (2023), sobre um compartilhamento do cuidado com as crianças presentes em algumas culturas não-europeias, o que é, efetivamente, partilhado entre a fiel torcida é a própria representação de mãe que eles construíram

³¹ Conforme Lorrane Martins Lopes e Carla Chagas Ramalho (2023), a maternagem está relacionada às funções que devem ser exercidas e estão relacionadas à um desejo de cuidado para com a(s)/o(s) filha(s)/o(s), entretanto, não é apenas a mãe que exerce a maternagem, mas também toda pessoa que for responsável pelos cuidados com a criança, incluindo os homens, entretanto, socialmente foi construído que esses cuidados cabem à mãe.

discursivamente para a jogadora. Ela não é a mãe que comparte com outras mães a experiência da maternidade, ao contrário, é quase como se as/os torcedoras/es, ao identificá-la como mãe da torcida e não apenas a mãe do Bernardo, se colocassem num lugar de filhas/os, ainda que, não tenham a pretensão efetiva de vivenciar essa relação materna.

Percebe-se nessa multiplicidade de representações que, ainda que se aproximem do imaginário social, descrito como pessimista por Priscilla Barbosa (2016), da maternidade como destino imutável da mulher e cuja local a obriga e, por vezes, a coloca em um processo de imobilização social, a figura da mãe pode estar representando a mulher que alcançou espaços profissionais reconhecidos e/ou não se excluiu de determinados espaços por estar vivenciando a experiência de ser mãe de alguém. Ao mesmo tempo, até quando se afasta desse ideário naturalizado da mãe que deixa de ter a própria identidade para assumir a personagem da mãe de suas/seus filhas/os, ainda podem ser observados resquícios da atribuição de responsabilidade unilateral na figura dessa mãe que passa a ser responsável pelo bem-estar não apenas de seu filho, mas de uma torcida inteira.

5. ACRÉSCIMOS: PODERES, RESISTÊNCIAS E AGÊNCIAS

O futebol jogado pelas mulheres foi centralizado em características de uma feminilidade impostas pela cultura e reforçadas pela imprensa. A representação da mulher, da atleta de futebol, estava relacionada à responsabilidade pela beleza e feminilidade, parâmetros que elas deveriam manter e que lhes eram impostas pela sociedade (Bruna Fernandes, 2019; Maria Thereza Souza, 2017). Assim, desde seu início, “as jogadoras eram conduzidas sobre como agir ou não, reafirmando e sustentando características impostas para satisfazer o público heteronormativo masculino, espectador considerado predominante do futebol” (Bruna Fernandes, 2019, p. 50). Aspecto que, em alguma medida, se manteve, conforme analisamos na seção anterior.

Essas relações vêm sendo continuamente contestadas, pois, como pontua Michel Foucault (1988), correlações de forças interagem de forma localizada e instável dentro de um ambiente, na qual é possível que existam cadeias ou sistemas que formem o poder institucionalizado, mas que, por si próprio, o poder se apresenta em exercício em todos os lugares. Para Kleber Prado Filho (2000), isso não ocorre de forma exterior a outros tipos de relações e o poder deve ser compreendido como algo múltiplo e inseparável das forças que o exercem e do que o constitui. No subtópico seguinte, serão abordadas como esses jogos de poderes foram integrados aos currículos das *hashtags*.

5.1 Uma recomposição defensiva

Tendo em mente o exercício do poder e recordando a ideia de resistência, podemos perceber que, em alguns momentos, os jogos de poder onde se inserem as relações de gênero dentro do Futebol de Mulheres ocorrem em embates de discursos. Um tema tratado nos artefatos sobre o Campeonato Brasileiro Feminino A1 que representa essa questão pode ser observado na #ForaCuca, que apareceu em diversas postagens, isso porque, em 23 de abril de 2023 as jogadoras e o técnico Arthur Elias publicaram em conjunto um pronunciamento³² durante o jogo de estreia do recém-contratado treinador no comando do time dos homens. O texto do comunicado trazia a frase “Respeita as minas”, utilizada para reconhecer a potência da equipe

³² REDAÇÃO. Elenco feminino do Corinthians se pronuncia sobre a contratação de Cuca: Todas as jogadoras, além do técnico Arthur Elias, fizeram publicação em conjunto sobre o técnico Cuca. **TNT Sports**, 24 abr. 2023. Disponível em: <https://tntsports.com.br/futebolbrasileiro/Elenco-feminino-do-Corinthians-se-pronuncia-sobre-a-contratacao-de-Cuca-20230424-0001.html>. Acesso em: 26 mai. 2024.

e exaltar as torcedoras do clube desde a temporada 2021/2022 (Ítana dos Santos, 2022), reforçando o caráter democrático do clube e pontuando que a frase é um estado de espírito e um compromisso compartilhado.

Posteriormente, tanto o técnico Arthur Elias³³ quanto algumas das jogadoras³⁴ deram declarações para informar que o pronunciamento não era contra a contratação do técnico, condenado na Suíça por estupro em 1989 e que deixou o cargo depois de apenas dois jogos³⁵, mas sim um posicionamento de todas, enquanto mulheres, em referência à luta contra qualquer tipo de violência. É relevante pontuar que protestos para a não contratação e a posterior pressão para a saída ou a demissão do treinador já estavam ocorrendo nas redes sociais antes do pronunciamento das atletas, entretanto, o posicionamento delas gerou uma cisão nas/os torcedoras/es (Figura 17 e Figura 18) de forma que, ao mesmo tempo em que parte da torcida continuava com a pressão e apoiava as jogadoras, outra parte direcionou uma revolta contra o elenco do time de mulheres a ponto de elas serem ameaçadas³⁶. Esses embates podem ser entendidos como as forças em disputa dentro desse contexto torcedores-clube-jogadoras e a revolta de uma parcela pode se relacionar a diversos fatores.

³³ ESPN. Técnico do Corinthians feminino defende Diulio, fala em ‘injustiça’ e diz que manifesto de jogadoras não foi para Cuca. **ESPN.com.br**, 24 abr. 2023. Disponível em: https://www.espn.com.br/futebol/corinthians/artigo/_/id/11952719/tecnico-corinthians-feminino-defende-duilio-fala-injustica-diz-manifesto-jogadoras-nao-foi-cuca. Acesso em 26 mai. 2024.

³⁴ MEU TIMÃO. Dupla do Corinthians feminino destaca importância da Fiel e relata impacto negativo de caso Cuca. **Meutimao.com.br**, 07 mar. 2024. Disponível em: <https://www.meutimao.com.br/noticias-do-corinthians/472801/dupla-do-corinthians-feminino-destaca-importancia-da-fiel-e-relata-impacto-negativo-de-caso-cuca>. Acesso em: 26 mai. 2024.

³⁵ CASSUCCI, Bruno; BRAGA, Marcelo. Cuca deixa o comando do Corinthians após dois jogos. Decisão foi anunciada após a partida contra o Remo, nessa quarta-feira; técnico cita família e pressão nas redes como principais motivos: “Amanhã estou em casa”. **GE.Globo**, 27 abr. 2023. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/times/corinthians/noticia/2023/04/27/cuca-deixa-o-comando-do-corinthians-apos-dois-jogos.ghtml>. Acesso em: 26 mai. 2024.

³⁶ REDAÇÃO DO GE. Técnico do Corinthians feminino diz que jogadoras sofreram ameaças após protesto contra Cuca. Arthur Elias afirma ainda: “É injusto que a gente perca força com nosso torcedor e perca força internamente dentro do nosso clube”; entrevista foi dada antes do jogo contra o Cruzeiro. **GE.Globo.com**, 30 abr. 2023. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/times/corinthians/noticia/2023/04/30/tecnico-do-corinthians-feminino-diz-que-jogadoras-sofreram-ameacas-apos-protesto-contr-cuca.ghtml>. Acesso em: 26 mai. 2024.

Figura 17- Comentários na postagem do @TNTSportsBR sobre pronunciamento das jogadoras do Corinthians



Fonte: Twitter/X, #BrasileiroFeminino (2024).

Figura 18 - Comentários na postagem do @CorinthiansBmg sobre pronunciamento das jogadoras



Fonte: Twitter/X, #BrasileiroFeminino (2024).

Nas imagens, percebemos comentários que trazem, novamente, a ideia de que o futebol delas não teria relevância, uma certa visão de que a prática das mulheres seria inferior, de modo que os títulos delas, ainda que muitos e diversos, não teriam a mesma validade que os conquistados pelos homens. Isso pode também estar relacionado a diferença entre a representação esperada – de aceitação e docilidade com as tomadas de decisões feitas por dirigentes, em sua maioria homens – e a que as jogadoras apresentaram ao realizarem o pronunciamento – uma demonstração de resistência ao exercício de poder daqueles hierarquicamente superiores.

Bruna Fernandes (2019, p. 20) traz o conceito de representação no sentido de que, no mundo social, elas são sempre determinadas pelos interesses do grupo em que estão sendo construídas, o que torna essas representações no futebol praticado por mulheres algo complexo, pois elas devem reafirmar “a normatização do que se considerava ser mulher, de um tipo ideal de feminino, ao mesmo tempo também em que se revelavam outros tipos de mulher, variando entre um feminino não ideal e um masculino”.

Considerando que essas representações são sistemas de produção de sentido que dependem do grupo social em que elas se constroem e se organizam em redes que são socialmente compartilhados para produzir os sentidos (Stuart Hall, 2016); podemos entender que a revolta de alguns perfis pode ter origem no fato dessa representação destoar daquela socialmente esperada. Assim, a reação delas, como uma resistência, demarca o deslocamento dessa representação, provocado pela agência das jogadoras ao se posicionarem, no campo dos sentidos e significados atribuídos a elas, afinal, a representação que elas expressaram com o pronunciamento se afasta da noção de feminilidade socialmente aceita e que está conectada as ideias de delicadeza, submissão e passividade. A revolta desse grupo parece ter origem nesse afastamento, e até negação, da representação esperada delas, já que a expressão de resistência anda na contramão do que tentou-se construir para a mulher atleta como objeto de apreciação (Maria Thereza Souza, 2017).

Pode-se entender que as manifestações alcançaram o resultado almejado, pois, apenas alguns dias após as postagens sobre os pronunciamentos da equipe de mulheres Cuca anunciou sua saída do clube³⁷ depois de apenas duas partidas no comando do elenco dos homens. Não é foco desse trabalho analisar profundamente as diferenças contextuais que levaram ao abrupto

³⁷ G1. Demissão de Cuca: por que o técnico do Corinthians sofreu pressão apenas 30 anos após a condenação por estupro. **Globo.com O assunto**, 28 abr. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/podcast/o-assunto/noticia/2023/04/28/demissao-de-cuca-por-que-o-tecnico-do-corinthians-sofreu-pressao-apenas-30-anos-apos-a-condenacao-por-estupro.ghtml>. Acesso em: 26 mai. 2024.

deslocamento entre a maneira como o caso foi tratado em 2024 e na década de 1980, quando ocorreu, entretanto, partindo dos comentários observados nas *hashtags*, percebe-se que o currículo de valorização que permeia a torcida em relação ao elenco do Corinthians feminino, refletido no slogan “Respeita as mina”, faz parte da construção do discurso de resistência a presença do ex-treinador do clube.

5.2 O jogo só acaba quando soa o apito final

Conforme Caroline Soares de Almeida (2019), no artigo 23 de seu estatuto de 2016, a FIFA, pela primeira vez, incluiu o termo gênero ao texto de suas proposições, mudança que proporcionou ações por parte de confederações e associações para o fortalecimento de movimentos de mulheres futebolistas. Após isso, a Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL) anunciou que uma alteração na regra de licenciamento dos clubes de forma que, a partir de 2019, todos os participantes da Copa Libertadores da América e da Copa Sul-Americana teriam que manter em seu quadro permanente, além das equipes de homens, duas de mulheres, uma categoria adulta e uma de base atuantes em campeonato oficial (Caroline de Almeida, 2019; Mariana Zuaneti Martins; Gabriela Borel Delarmelina; Letícia Carvalho de Souza, 2023).

Marina Martins, Gabriela Delarmelina e Letícia de Souza (2023, p. 67) pontuam que o resultado dessas regulamentações foi paradoxal pois

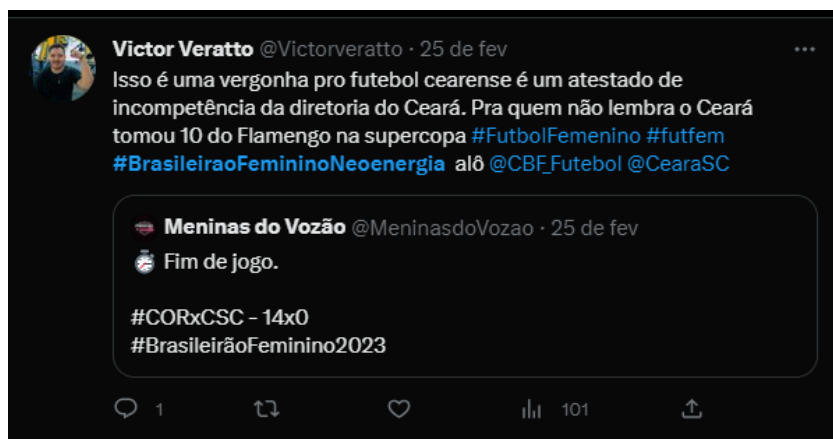
por um lado, a profissionalização do Futebol de Mulheres foi fruto das pressões políticas dos movimentos feministas por igualdade em todos os campos sociais, que adentram também a esfera esportiva. Por outro lado, sua legitimação é restringida pelos discursos e interpelações de gênero que marginalizaram a prática por décadas.

Esse paradoxo aparece nos artefatos desta pesquisa a partir do ocorrido com um dos clubes participantes da edição de 2023 do Campeonato Brasileiro Neoenergia. Em 2022, a equipe de mulheres do Ceará Sporting Club, que disputou o Campeonato Brasileiro Feminino A2, conquistou o acesso à Série A1 para o ano de 2023, entretanto, no mesmo ano, o time de homens do clube foi rebaixado para a Série B e, após isso, a diretoria do clube não renovou os contratos com as jogadoras e a comissão técnica com a justificativa de corte de custos³⁸ e, como

³⁸ DESCASO de dirigentes expõe atletas da base do Ceará a humilhação na Supercopa. **Dibradoras.com**, 05 fev. 2023. Disponível em <https://dibradoras.com.br/2023/02/05/descaso-de-dirigentes-expoe-atletas-da-base-do-ceara-a-humilhacao-na-supercopa/>. Acesso em: 02 set. 2024.

resultado a equipe sofreu uma derrota em sua estreia o que mostrou ao público os impactos das decisões tomadas pelo clube.

Figura 19 - Postagem do público após derrota do Ceará na primeira rodada do campeonato



Fonte: Twitter/X, #BrasileiraoFemininoNeoenergia (2024).

A atitude da diretoria pode ser surpreendente, mas se amparou na visão do clube de que a equipe das mulheres eram apenas uma condição necessária para que o elenco de homens pudesse acessar as competições de escala continental. A discrepância entre as realidades dos clubes da primeira divisão de mulheres do futebol nacional aponta para as forças em disputa sobre o futebol delas, visto que, ao mesmo tempo em que observamos clubes com estruturas que a cada dia se aproximam mais do que é oferecido aos homens, ainda existem outros que não realizam nenhum planejamento orçamentário para as mulheres ou veem as equipes delas como um gasto, ainda que necessário. Isso se ampara no que já foi mencionado anteriormente a respeito de um currículo de desmerecimento da prática realizada por elas que está ancorado em concepções culturais sobre o pertencimento do futebol aos homens (Alini Peixoto *et al.*, 2023).

Marinês dos Santos (2018, p. 2) fala de como as relações de gênero se constituem de maneira hierárquica, desigual, pela significação que se atribui ao feminino e ao masculino. Nesse sentido, o que ocorreu com o Ceará pode ser entendido como uma estratégia de manutenção de uma hierarquização entre as equipes do mesmo clube. Para além, reitera relações de poder que operam no futebol de forma dar aos homens as garantias e às mulheres algumas possibilidades. Isso, entretanto, não está isolado de estratégias de confronto, ainda que estas não tenham sido imediata e/ou midiaticamente exercidas pelas atletas.

Todas essas formas de posicionamento de torcedoras/es e da mídia (Figura 20 e Figura 21) podem ser entendidas como estratégias de confronto, afinal, não há relações de poder sem pontos de insubmissão que lhe escapam, em que “toda intensificação e toda extensão das

relações de poder para submetê-los conduzem apenas aos limites do exercício do poder” (Michel Foucault, 1995, p. 248). Entretanto, diferente da relação de embate percebida entre os currículos circulantes no tópico anterior, aqui a insubmissão dos/as torcedores/as e a reação de críticas da mídia não resultou em um deslocamento das relações de força no clube. Isso pois, em notícias mais recentes, a diretoria anunciou a desistência em disputar a Série A2 em 2024 e, por consequência, o clube foi rebaixado para a Série A3, condicionado a receber a vaga se disputar o Campeonato Cearense³⁹.

Figura 20 - Postagem de mídia independente sobre o caso do Ceará



Fonte: Twitter/X, #BRFeminino (2024).

³⁹ CARVALHO, Beatriz; JORGE, Thaís. Após desistência, o que acontece com Ceará feminino para Brasileiro de 2025? ge explica. **Ge.globo.com**, 2024. Disponível em: <https://ge.globo.com/ce/futebol/times/ceara/noticia/2024/03/06/apos-desistencia-o-que-acontece-com-ceara-feminino-para-brasileiro-de-2025-ge-explica.ghml>. Acesso em: 02 set. 2024.

Figura 21 - Comentários de torcedoras/es em postagem do Ceará



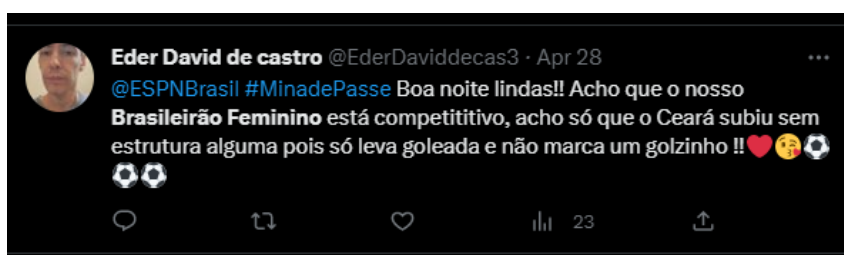
Fonte: Twitter/X, #BrasileiroFeminino (2024).

Esses embates estão circulados pelos currículos em disputa por significados acerca do futebol praticado pelas mulheres, entretanto, se fazem de maneiras quase que indiretas. Parte do discurso midiático e do público dentro dos artefatos demonstram um deslocamento de pressupostos, que tiveram influência na tardia regulamentação da modalidade, como se observa no reconhecimento da equipe delas por suas conquistas esportivas no primeiro comentário da Figura 15 em que um usuário diz que espera mais atenção a elas que estão na elite do Futebol de Mulheres do Brasil. Na mesma imagem também se pode associar que a percepção do público não coloca em juízo a capacidade competitiva da equipe, ao contrário, faz um questionamento sobre a competência da gestão do clube, feita por homens.

Mariane Pisani (2012) afirmou que muito se falou, em diversos meios, sobre os homens, jogadores que carregavam a responsabilidade de representar seja uma nação, seja um clube, entretanto pouco ou quase nada falou-se sobre as mulheres brasileiras que defendiam as mesmas cores e que existiam aos milhares. Esses currículos de apagamento das futebolistas aparecem contestados no segundo e no último comentário da Figura 15. Existem ali uma conexão do torcer que almeja que as/os atletas que entram em campo tenham pelo escudo e a camisa a mesma paixão que ela/e tem e demonstra e, quando essas/es torcedoras/es identificam essa representação nas/os jogadoras/es isso promove o tipo aproximação que pode construir ídolas/os do futebol.

Ao mesmo tempo, a cobrança da/o torcedora/or esbarra nas significações que as instituições atribuem ao Futebol de Mulheres, no caso específico do Ceará, pode-se elencar a relação de distanciamento que o clube estabelece com o elenco delas ao compreendê-las como consequência de uma regulamentação que lhes foi imposta. Silvana Goellner e Juliana Cabral (2022) apontam como o reconhecimento profissional sequer era considerada como possibilidade pelas atletas e que a formação “clubística”, quando ocorria, se dava pela vertente do lazer, mas, mesmo assim, algumas das pioneiras tinham ambição em certo grau de seriedade e profissionalismo, ainda que tivessem uma visão de que nunca seriam profissionais atletas de futebol como ocorria com os homens. Entretanto, percebe-se que há, entre o público do Campeonato Brasileiro Feminino Neoenergia de 2023 uma reivindicação, direcionada aos clubes, por esse profissionalismo (Figura 22).

Figura 22 - Postagem de torcedor sobre a situação da equipe de mulheres do Ceará



Fonte: Twitter/X, #BrasileiraoFeminino (2024).

Essa disputa de forças, sobre a atleta de futebol poder ou não ser considerada profissional, parece estar relacionada à realidade do Futebol de Mulheres no Brasil, visto que até recentemente a relação das atletas com os clubes não era padronizada e contava com atletas sem contrato e/ou que não recebiam salários para jogar⁴⁰ ou não possuíam estabilidade contratual com os clubes aos quais estavam vinculadas⁴¹.

Essa questão ainda está em processo de disputa e, conforme dados preliminares de 2023 da Secretaria Nacional de Futebol e Defesa dos Direitos do Torcedor, do Ministério do Esporte, o futebol delas no Brasil ainda é predominantemente amador, relatando que, na categoria adulta, apenas 67,7% das mulheres possuem contratos CLT e 28,2% possuem contratos informais⁴².

⁴⁰ MENDONÇA, Renata. Metade das jogadoras de futebol não tem nenhum salário, nem contrato. **Dibradoras.com**, 19 jul. 2018. Disponível em: <https://dibradoras.com.br/2018/07/19/metade-das-jogadoras-de-futebol-nao-tem-nenhum-salario-nem-contrato/>. Acesso em 27 set. 2024.

⁴¹ CALDAS, Allan. Estabilidade contratual, a demanda invisível do Futebol Feminino brasileiro. **Ge.globo**, 01 mar. 2021. Disponível em: <https://interativos.ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/materia/estabilidade-contratual-a-demanda-invisivel-do-futebol-feminino-brasileiro.ghml>. Acesso em 30 set. 2024.

⁴² BRASIL, MINISTÉRIO DO ESPORTE. Secretaria Nacional de Futebol e Defesa dos Direitos do Torcedor. Futebol Feminino ainda é predominantemente amador no Brasil. **Gov.br**, 23 ago. 2023. Disponível em:

Além disso, o relatório aponta que quase 50% delas recebem apenas uma bolsa auxílio ou valores entre um e três salários mínimos. Algo que não está muito distante do que Mariane Pisani (2012) apresenta quando aponta que as jogadoras de futebol no Brasil não são amadoras, pois recebem salários e assinam contrato, mas não podem ser consideradas profissionais, já que não possuem todos os direitos assegurados e acabam por ter de jogar e trabalhar em outras áreas para se sustentar.

Entretanto, apesar de o caso do Ceará ter se destacado na edição de 2023 do Campeonato Brasileiro Feminino Neoenergia, o público nas *hashtags* trouxe a lembrança de que o clube cearense não era o único e que outras equipes, disputando a Série A1, também deveriam receber críticas (Figura 23). Isso está englobado nos currículos voltados a ressignificação de pressupostos sobre a modalidade e de reconhecimento e valorização do Futebol de Mulheres, como outros que já foram mencionados.

Figura 23 - Postagem de usuária sobre críticas a clubes disputando a Série A1



Fonte: Twitter/X, #BrasileiraoFeminino (2024).

Mariane Pisani (2012) ressalta que os clubes despendem tratamento diferenciado ao futebol jogado por elas, alguns garantem o necessário como moradia, alimentação, salário, já outros distinguem até entre suas jogadoras quais vão receber ou não os pagamentos. Isso reflete também o que Renata Teixeira (2016) identificou no discurso de uma de suas interlocutoras: a existência de uma hierarquia entre elas e eles nesse esporte, que, ainda que não impedisse as mulheres de praticarem, até profissionalmente, o futebol, justificava as escolhas que poderiam ser realizadas pelas diretorias. Pode-se compreender que a decisão do clube em encerrar a

equipe feminina para corte de custos está relacionada à essa hierarquia que condiciona a existência delas nos campos ao andamento deles em suas próprias competições⁴³.

As *hashtags* no *Twitter/X* foram utilizadas pelo público como mecanismos de compartilhamento de representações e práticas relacionadas ao Futebol de Mulheres, tanto na reiteração/reafirmação de sentidos e significados quanto em disputa por ressignificações. Assim como nas análises anteriores, os elementos discursivos se colocaram em embates de forças a partir de estratégias de ocupação ao se colocarem presentes através das postagens e/ou comentários. Em específico sobre a questão do Ceará, esse posicionamento do público demarcou que torcedoras/es direcionam seus olhares para as decisões tomadas por dirigentes sobre o Futebol de Mulheres, o que reforça os significados de importância e pertencimento delas/es para com as atletas e a modalidade. Nesse contexto das redes sociais os currículos e pedagogias são perpassados por uma ideia de ocupação, de presença, à esses ambientes futebolísticos, uma Pedagogia Cultural que se utiliza de estratégias, agências e resistências, fundamentadas na ocupação dos espaços das mídias digitais através dos discursos compartilhados; uma Pedagogia de Ocupação de Espaços.

⁴³ CARVALHO, Beatriz. Opinião: argumento do Ceará para desfazer time feminino não se sustenta e manda mensagem. **Ge.globo**, 06 mar. 2024. Disponível em: <https://ge.globo.com/ce/futebol/times/ceara/noticia/2024/03/06/opinioao-argumento-do-ceara-para-desfazer-time-feminino-nao-se-sustenta-e-manda-mensagem.ghtml>. Acesso em: 02 nov. 2024.

MELHORES MOMENTOS: CONSIDERAÇÕES SOBRE ESSA PARTIDA

Guacira Louro (2007, p. 238) afirma que “admitir a incerteza e a dúvida supõe poucas (raras) afirmativas categóricas ou indiscutíveis e o uso frequente de formulações mais abertas. [...] admitindo que algo pode ser, ao mesmo tempo, isso e aquilo”. Nessa perspectiva, não há uma finalização de ideias a ser apresentada, mas sim, uma dispersão de possibilidades. A amplitude do campo, tanto em quantidade de postagens quanto em variedade de discursos e temas, é uma sinalização de que o interesse, ou apenas uma breve atenção, ao futebol delas está se construindo nas práticas culturais de brasileiras e brasileiros. Isso se dá por currículos que disputam significações a respeito do tema na cultura, já que o “processo de significação é um processo social de conhecimento” em que os “significados carregam a marca do poder que os produziu” (Tomaz Tadeu da Silva, 2013, p. 193).

Os currículos circulantes nos artefatos aqui observados podem, até certa medida, refletir os currículos que circulam os campos de futebol em que existem mulheres, mas o que marca esses contextos, é um tensionamento entre eles e uma disputa de forças sobre os significados que a mulher e o futebol têm quando pensados em conjunto, ou mesmo de forma separada. Nesse jogo de forças, o que mais percorreu os artefatos foram as diversas formas de representação da modalidade, das atletas, da mulher. Tomaz Tadeu da Silva (2013) explicita que significados são organizados em sistemas de representação e atuam para que o mundo social – a cultura – seja conhecível, pensável. Para o autor a representação é uma forma de saber que está estreitamente vinculada ao poder, assim como todas as formas de saber.

Isso significa que os currículos, como forma de representação, são processos de saber, de construir esse conhecimento sobre os significados que contribuem para o processo de saber do Futebol de Mulheres. Isso porque, é “no currículo que o nexo entre representação e poder se realiza, se efetiva”, assim, as “representações são tanto o efeito, o produto e o resultado de relações de poder e identidades sociais quanto seus determinantes” (Tomaz Tadeu da Silva, 2013, p. 194). Quando pensamos no futebol delas esses determinantes do currículo perpassam a (des)(re)construção das representações de mulher e/ou atleta; já quando voltamos o olhar analítico aos artefatos, também podemos ver certa representação de torcedora/or, guardadas as construções que se vinculam ao ato de torcer.

Para pensar nessas representações seria necessário considerar, conforme Guacira Louro (2007) observa, a ideia de jogos de poder e resistência, em que são instituídas referências de normalidade ou diferença, reconhecendo que essa dicotomia binária (mulher-atleta/homem-atleta; jogadora/jogador) funciona apenas pois seus termos são percebidos como exteriores, não

interligados. É essa mesma ideia de jogos de poder e resistência que se aplica ainda às feminilidades e masculinidades no contexto do futebol delas. A dicotomia entre elas se aplica à negação de uma pela outra e promove deslocamentos nas representações da mulher/atleta/jogadora. Ao mesmo tempo em que, a elas não se apagam as atribuições de feminilidade socialmente esperadas devido a sua biologia, como a maternidade, a vaidade, os cuidados com o corpo; também lhes é cobrado o desempenho, os resultados, as conquistas em nome do clube.

Ao mesmo tempo em que nos afastamos, mas não nos desconectamos, do que pregava o texto de uma matéria de revista de 1921, analisado por Eriberto Moura (2003), onde se comentava sobre efeitos ditos negativos dos esportes na maternidade, de anomalias para futuras gerações e que as mulheres deveriam evitar os exercícios caracterizados como viris e rígidos; as estratégias de poder ainda exercem sua influência de forma a manter a hierarquia entre o futebol delas e deles através de uma omissão de divulgação ou do próprio apagamento de equipes inteiras dos quadros de atletas de um clube. Também vemos o deslocamento dos significados que atribuem valor ao futebol delas por meio do apoio de torcedores, das estruturas oferecidas por alguns clubes.

É nesse embate que os currículos culturais nas postagens das *hashtags*, se organizam e estão sendo construídos e sendo construtores. É por estarem inseridos nesses jogos de poder e resistência que podemos encontrar entre as postagens e comentários torcedoras/es que apoiam e reconhecem as atletas como integrantes de seus clubes e torcedoras/es que as consideram meros acréscimos ao elenco ao qual, esse sim, deve-se dar total importância e atenção, é composto por homens. É também esse contexto de embates que possibilitou reações de torcedoras/es e da mídia em relação ao despreparo e desorganização do Ceará, clube com atletas mulheres na elite do futebol, devido a derrotas sofridas por um elenco de homens.

Essas diversas formas de embates (alguns diretos, outros menos inflamados e alguns até por direcionamentos tortuosos) podem ser entendidos como pertencentes à certa pedagogia cultural constituída nesse contexto social do *Twitter/X* que permite o estabelecimento de conexões entre diversos tipos de usuárias/os. Estando as pedagogias relacionadas com as práticas culturais e formação de saberes (Sandro Bortolazzo, 2020), bem como agindo na produção de sujeitos através de sua ancoragem à produção de significados pela cultura (Viviane Camozzato, 2014); nesse contexto das *hashtags* sobre o Campeonato Brasileiro Feminino A1 de 2023 no *Twitter/X*, constituiu-se uma Pedagogia de Ocupação de Espaços que tem ação nas práticas de demarcação dos discursos sobre as representações em disputa no campo do Futebol de Mulheres.

Chamo de ocupação de espaços, associando as ideias de disputas de forças das relações de poder e o conceito de movimentação tática dos/as jogadores/as dentro de campo a fim de ocupar os possíveis espaços por onde seu time terá possibilidade de progredir. Nessa perspectiva, os discursos são inseridos pelos sujeitos como estratégias pedagógicas de reiteração de significados socialmente estabelecidos, principalmente, sobre as representações de futebol (como espaço dos homens em uma expressão única masculinidades), de mulher (como figura evocativa de ideias de feminilidade, também não plurais) e de atleta-mulher (como imagem que precisa se aproximar o ideal de atleta sem, nunca, incorporar masculinidades).

Se a pedagogia, como um conjunto de saberes e práticas, parece ser esse elo articulador entre ensinamentos e práticas que são adotadas não se pode ignorar que ela participa da elaboração, validação e transmissão de valores a serem aprendidos para que cada um opere sobre si mesmo, fazendo (ou não) com que esses ensinamentos – articulados a discursos – de uma cultura atuem e façam parte de cada existência através de uma “(re)elaboração dos sujeitos consigo”. (Viviane Camozzato, 2014, p. 584). A ideia de Pedagogia de Ocupação de Espaços, confere às *hashtags* a função de campo de jogo em que as forças disputam os saberes; usuárias/os integram equipes opostas e seus discursos traduzem os ensinamentos que compõem os currículos que pretendem fazer avançar/compartilhar; as postagens e comentários são as estratégias de posicionamento em campo tomadas por cada jogadora/or.

Assim, podemos entender a demarcação de presença feita pela mídia e pelas/os torcedoras/es, bem como a realização dos comentários reforçando ou contestando significados podem, todos, serem lidos como estratégias de posicionamento dentro dessa pedagogia em que, a mera ocupação do espaço já pode operar como práticas de controle produzindo subjetividades. Afinal, sendo as *hashtags* mecanismos de aglutinação do mesmo tema e, sendo o público do Futebol de Mulheres um recorte cultural em disputa pelos currículos de valorização da modalidade e das atletas, a mera presença de discursos hegemônicos, como a ideia de masculinização e de pertencimento do futebol à uma masculinidade ou os discursos de invisibilidade do futebol delas, já denotam o exercício de poderes que evocam essas resistências.

Se “é a pedagogia que articula o mundo real e o imaginário, mediando esse processo e permitindo que o sujeito reorganize seu *self* mediante a incorporação de suas novas aprendizagens” (Paula de Andrade; Marisa Costa, 2017, p. 8), a estratégia de torcedoras/es de evitar o confronto à com comentários depreciativos faz parte de uma pedagogia que tenta incorporar novas aprendizagens sobre o futebol delas. Entretanto, ainda que a estratégia de enfrentamento tenha sido a de desconsiderá-los, os discursos de invisibilidade do futebol delas

ou de pertencimento do futebol aos homens também faz parte da construção de outras estratégias pedagógicas utilizadas pelos currículos presentes nesse contexto.

Dessa forma, é necessário recordar que os artefatos analisados aqui podem ser entendidos como um recorte do que ocorre/ocorreu no *Twitter/X* a respeito do futebol delas, isso porque, as *hashtags* tendem a concentrar currículos que mais se aproximam e complementam do que aqueles que entram em disputa; o que não significa que os embates não aconteçam. Outro ponto complexo do campo escolhido está na identificação dos perfis, para além do período em que a plataforma foi bloqueada, a própria característica de construção das informações disponíveis nas contas dificulta uma correlação interseccional entre público e discursos que não perpassa as percepções e inferências do olhar da/o pesquisadora/or; tornando complexa a atribuição de relações entre os marcadores sociais da diferença de usuárias/os e as representações e currículos que eles compartilham.

Talvez, os próximos passes estejam nesse lançamento das representações da/o torcedora/or, visto que, como já mencionado, os significados de ser torcedora/or e de torcer estão em processo de mudança. Aqui, podemos questionar a respeito das implicações dos significados de torcer e assistir; estamos torcendo pelo futebol das mulheres ou apenas assistindo o que se desenrola nos gramados em que pisam as chuteiras delas? E, se nos percebemos como meros espectadores/as, sentados/as em nossas poltronas, atrás de nossas telas, estamos interessados/as também no fim das violências e agressões direcionadas às mulheres envolvidas com o futebol? Se estamos apenas assistindo ao Futebol de Mulheres temos algum interesse na mudança de comportamento do público que interagem com o tema? Mas, e se, ao contrário, estamos na posição de torcida, estaríamos nós tão aficionados/as e apaixonados/as por nossos únicos clubes que nos tornaríamos os/as agressores/as, e/ou estaríamos agindo indiferentes ao que afeta o/a adversário/a, desde que não afete nossos ídolos/os?

Entendemos aqui que tomar os Estudos Culturais como perspectiva é, sobretudo, entender que, na produção do conhecimento científico e nos embates entre hegemonias e reivindicações conflitantes, a cultura precisa ser concebida como algo fundamental e determinante. Assim, não há um ponto final a respeito dos artefatos aqui estudados, mas sim, o apontamento de continuidades e discontinuidades nos currículos que se fazem presente quando tratamos do Futebol de Mulheres, como, por exemplo, a representação de maternidade que foi atribuída às mulheres jogadoras e se distancia do que, muitas vezes, representa o que é o ser atleta, algo que ainda está vinculado a entendimentos como força, agressividade, combatividade que são relacionados à compreensões de masculinidades socialmente aceitas.

Dito isso, considerando que todas as relações envolvem poder que, por si próprio, se relaciona as construções de saberes os discursos sobre o Futebol de Mulheres nas *hashtags* do *Twitter/X* estão inseridos em jogos de forças que disputam dualidades de significados que permeiam contextos mais amplos do que o esportivo. Entretanto, faço aqui um lembrete que leva em conta a perspectiva epistemológica utilizada nesse texto.

Os rótulos incomodam. Eles fixam e aprisionam – ainda que provisoriamente. Por isso os rejeitamos. Contudo, nossos projetos de pesquisa, nossas análises e artigos frequentemente afirmam, em seus parágrafos iniciais, terem sido produzidos «na perspectiva pós-estruturalista». Imprimimos o rótulo e instalamos uma expectativa; de um modo ou de outro, fazemos uma espécie de «promessa» (Guacira Louro, 2007, p. 235).

Após todas as reflexões aqui registradas, reforço a constante existência de contradições com a qual nos deparamos nos artefatos, nas pesquisas e até mesmo em nós próprias/os pesquisadoras/es; o que demonstra a complexidade das relações de saber-poder dos currículos que nos circundam ao mesmo tempo em que nos relembra que, nesses jogos de forças, as verdades são sempre múltiplas, contestáveis e mutáveis, pois estão em movimentos ininterruptos de reafirmação e contestação. Dessa forma, cada contexto trará distintos aspectos e, ao mesmo tempo, poderão estabelecer conexões conforme o olhar e as (des)construções analíticas que nos permitimos realizar.

AS/OS TITULARES: REFERÊNCIAS ESCALADAS

ALMEIDA, Caroline Soares de. O estatuto da FIFA e a igualdade de gênero no futebol: histórias e contextos do Futebol Feminino no Brasil. **FuLia/UFMG**, Belo Horizonte, v. 4, n. 1, p. 72-87, 2019.

ALVARENGA, Augusta Thereza de; SOUZAS, Raquel. Mulheres negras e brancas e a maternidade: questões de gênero e raça no campo da saúde. **Odeere: revista do programa de pós-graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade – UESB**, v. 3, n. 3, ano 2, p. 278-299, 2017.

ANDRADE, Paula Deporte; COSTA, Marisa Vorraber. Nos rastros do conceito de Pedagogias Culturais: Invenção, Disseminação e Usos. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 33, 2017.

ANJOS, Luiza Aguiar dos; RAMOS, Suellen dos Santos; JORAS, Pamela Siqueira; Goellner, Silvana Vilodre. Guerreiras Project: futebol e empoderamento de mulheres. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 26, n. 1, p. 1-12, 2018.

AUGUSTO, Júlia Barreira. **Desenvolvimento do futebol praticado por meninas e mulheres: conceitos, ações e implicações**. 2021, 153f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade Estadual de Campina, Faculdade de Educação Física, Campinas, 2021.

BADARÓ, Luiz Fernando; BRASIL, Marcos Roberto; SOUZA, Neidiana Braga da Silva; FERRARI, Saulo Fernandes; Oliveira, Vinicius Machado de; SANTOS, Marcos Roberto dos; SOUZA, Juliano de. Abordagens pedagógicas da Educação Física brasileira: critérios analíticos e modelos de classificação. **Retos**, n. 46, p. 254-263, 2022.

BANDEIRA, Gustavo Andrada. **Uma história do torcer no presente: elitização, racismo e heterossexismo no currículo de masculinidades dos torcedores de futebol**. Curitiba: Appris, 2019.

BARBOSA, Priscilla Bezerra. **O filho é da mãe?** 2016. 89f. Dissertação (Mestrado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

BARREIRA, Júlia; GONÇALVES, Maria Camila Rodrigues; MEDEIROS, Daniele Cristina Carqueijeiro de; GALATTI, Larissa Rafaela. Produção acadêmica em Futebol e futsal feminino: estado da arte dos artigos científicos nacionais na área da Educação Física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 24, n. 5, p. 607-618, 2018. DOI: 10.22456/1982-8918.80030.

BEIRITH, Mariana Klauck; ARALDI, Franciane Maria; FOLLE, Alexandra. Produção científica relacionada ao Futebol de Mulheres em teses e dissertações na área da Educação Física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 27, e27064, 2021. DOI: 10.22456/1982-8918.113239.

BEZERRA, Giovani Ferreira. A cultura em debate: (des)encontros entre o Marxismo e os Estudos Culturais. **Cadernos do CEOM**, Chapecó, v. 30, n. 46, p. 21-37, 2017. DOI: 10.22562/2017.46.02.

BINS, Gabriela Nobre; SILVA, Lisandra Oliveira e; KUHN, Simone Santos; TERRAGNO, Tatiana Martins; DIEHL, Vera Regina Oliveira; TAVARES, Natacha da Silva; Silva, Caroline

Maciel da. Docência em Educação Física e maternidades: construindo outras inter-relações. **Movimento**, v. 29, e290006, 2023. DOI: 10.22456/1982-8918.124530.

BISBEE, James; MUNGER, Kevin. The vibes are off: did Elon Musk push academics off Twitter? **PS: Political Science & Politics**, FirstView, p. 1-8, 2024. DOI: 10.1017/S1049096524000416.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia**: de Gutenberg à Internet. 2ª ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

BRUM, Mariana da Silva. **Possibilidade de carreira**: migração de futebolistas brasileiras para o futsal italiano. 2023. 76f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2023.

BONFIN, Aira Fernandes. **Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos**: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941). 2019. 213f. Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais) – Fundação Getúlio Vargas, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Rio de Janeiro, 2019.

BORTOLAZZO, Sandro. Os usos do conceito de Pedagogias Culturais para além dos oceanos: Um Análise do contexto Brasil e Australia. **Momento: diálogos em educação**, Rio Grande, v.29, n.1, p.315-336, 2020.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAMOZZATO, Viviane Castro. Pedagogias do Presente. **Educação & realidade**, Porto alegre, v. 39, n. 2, p. 573-593, 2014.

CAMOZZATO, Viviane Castro. Sociedade pedagógica e as transformações nos espaços-tempos do ensinar e do aprender. **Em Aberto**, Brasília, v. 31, n. 101, p. 101-119, 2018.

CAREGNATO, Rita Aquino; MUTTI, Regina. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 15, n. 4, p. 679-684, 2006.

CARMELINO, Ana Cristina; KOGAWA, Lídia. O humor nos *stickers* do whastapp. **PERcursos Linguísticos**, Vitória, v. 10, n. 24, p. 185-204, 2020.

CONTADO, Valeria. Brasileirão feminino estreia com recorde de marcas em 2024. **Meio&Mensagem**, 15 mar. 2024. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/midia/brasileirao-feminino-estreia-com-recorde-de-marcas-em-2024>. Acesso em: 11 out. 2024.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. Estudos Culturais, Educação e Pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**, n. 23, p. 36-61, 2003.

COSTA, Marisa Vorraber; WORTMANN, Maria Lúcia; BONIN, Iara Tatiana. Contribuições dos Estudos Culturais às pesquisas sobre currículo: uma revisão. **Currículo sem Fronteiras**, v. 16, n. 3, p. 509-541, 2016.

DEL MANTO, Camila. Futebol Feminino no Brasil: quem tem mais títulos brasileiros? E da Libertadores? Veja a lista completa com as principais campeãs históricas. **Olympics.com**, 19 out. 2024. Disponível em: <https://olympics.com/pt/noticias/futebol-feminino-brasil-titulos-campeas-historicas>. Acesso em: 27 out. 2024.

DUQUE, Tiago. “Se me atacá, eu vou atacá”: currículo, Pedagogia Cultural e produção das diferenças em Inês Brasil. In: FÓRUM NACIONAL DE JUÍZAS E JUÍZES DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E FAMILIAR CONTRA A MULHER, 12, 2020, Campo Grande. **XII Fonavid [livro eletrônico]: violência de gênero e covid-19**. Campo Grande: Escola Judicial do Estado de Mato Grosso do Sul, 2020, p. 163-178.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Estudos Culturais: uma introdução. In: JOHNSON, Richard; ESCOSTEGUY, Ana Carolina; SCHULMAN, Norma (Orgs.). **O que é, afinal, Estudos Culturais?** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 2-11.

FÁVERO, Osmar. Educação não formal: contextos, percursos e sujeitos. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 99, p. 614-617, 2007.

FERNANDES, Bruna Rafaela Esporta. **O paradoxo está em jogo**: As representações da mídia impressa sobre a seleção brasileira feminina de futebol na década de 1990. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 2019.

FILIPPINI, Daniele Savietto. O futuro é Fake: Elon Musk e a compra do *Twitter*, João Pessoa. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO, 45, 2022, João Pessoa. **Anais [...]**. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2022. p. 1-13.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 151-162, 2002. DOI: 10.1590/S1517-97022002000100011.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. 24 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. Polêmica, Política e Problematizações. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos V: Ética, sexualidade, política**. 2 ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I. A vontade de saber**. 13ª ed., Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **A História da Sexualidade 2: O uso dos prazeres**. 8ª ed., Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o Poder. In: DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault Uma trajetória Filosófica:** para além do estruturalismo e da hermenêutica. Forense Universitária: Barueri, p. 231-249, 1995.

FRANÇA, Ábia Lima de; SANTOS, Elis Souza dos. Mulher, mãe e capoeira: interseccionalidades em jogo na Bahia. **Capoeira, Revista de Humanidades e Letras**, v. 1, n. 1, p. 4-27, 2022.

FURLIN, Neiva. Sujeito e agência no pensamento de Judith Butler: contribuições para a teoria social. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 16, n. 2, p. 395-403, 2013.

FURQUIM, Andressa Araujo; FERREIRA, Máisa; MONTENEGRO, Nara Romero; VIEIRA, Rubens Antonio Gurgel. Mulheres no futebol: uma análise midiática pela perspectiva dos Estudos Culturais. **Revista Pensar a Prática**, Goiânia, v. 24, e68583, 2021. DOI: 10.5216/rpp.v24.68583.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: descontinuidades, resistências e resiliências. **Movimento**, Porto Alegre, v. 27, e27001, 2021. DOI: 10.22456/1982-8918.110157.

GOELLNER, Silvana Vilodre; CABRAL, Juliana Ribeiro. **As pioneiras do futebol pedem passagem:** conhecer para reconhecer. São Paulo: Editora Ludopédio, 2022.

GOELLNER, Silvana Vilodre; KESSLER, Claudia S. A sub-representação do futebol praticado por mulheres no Brasil. **Revista USP**, São Paulo, n. 117, p. 31-38, 2018.

GOELLNER, Silvana Vilodre; SILVA, Paula; BOTELHO-GOMES, Paula. A sub-representação do futebol praticado por mulheres no jornalismo esportivo de Portugal: um estudo sobre a Algarve women's football cup. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 03, p. 171-189, 2013.

GOHN, Maria da Glória. Educação Não Formal, Aprendizagens e Saberes em Processos Participativos. **Investigar em Educação**, v. 2, n. 1, p. 35-50, 2014.

GOHN, Maria da Glória. Educação Não Formal nas Instituições Sociais. **Revista Pedagógica**, Chapecó, v. 18, n. 39, p. 59-75, 2016. DOI: 10.22196/rp.v18i39.3615.

GONÇALVES, Arisson Vinícius Landgraf; HECKTHEUER, Luiz Felipe Alcantara. Foucault: a verticalidade pela problematização. In: MACEDO, Aline Cardoso de Oliveira; POMMER, Arnildo; SOUZA, Ezequiel de; VAZ, Neilo Márcio da Silva; FAGHERAZZI, Onorato Jonas; TASSO, Rossana Dutra; PASQUALOTTO, Terezinha Lorena. **Educação profissional em destaque:** filosofia em diálogo com outros saberes. Santa Maria: NTE da UFSM, 2017.

GONÇALVES, Eduarda dos Passos. **O Futebol de Mulheres na mídia:** a cobertura jornalística da Copa do Mundo de Futebol Feminino FIFA 2019 nos portais Globoesporte.com e Dibradoras. 2021. 181f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

GUAZINA, Liziane. O conceito de Mídia na Comunicação e na Ciência Política: desafios interdisciplinares. **Revista Debates**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 49-64, 2007. DOI: 10.22456/1982-5269.2469.

GUIMARÃES, Karen Letícia; BARREIRA, Júlia; GALATTI, Larissa Rafaela. “Ser mulher em um curso de futebol já é começar com um passo atrás”: experiências das treinadoras em cursos da CBF Academy. **Movimento**, Porto Alegre, v. 29, e29010, 2023. DOI: 10.22456/1982-8918.126706.

GUTIÉRREZ-CHICO, Fernando; GONZÁLEZ-FUENTE, Iñigo. Androcentric club narratives Around Spanish football: press coverage of Athletic Bilbao’s men and women teams. **Movimento**, Porto Alegre, v. 29, e29027, 2023. DOI: 10.22456/1982-8918.125765.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HENNIGEN, Inês; GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima. A subjetivação na perspectiva dos estudos culturais e foucaultianos. **Psicologia da Educação**, São Paulo, v. 23, p. 55-74, 2006.

HISTÓRIA do *Twitter*: da origem da rede social até a compra por Elon Musk. **Meio & mensagem**, 2022. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/midia/historia-do-twitter>. Acesso em: 27 set. 2024.

JANUÁRIO, Soraya Barreto; LIMA, Cecília Almeida Rodrigues; LEAL, Daniel. Futebol de Mulheres na agenda da mídia: uma análise temática da cobertura da Copa do Mundo de 2019 em sites jornalísticos brasileiros. **Observatório (OBS*) Journal**, CIDADE, v. 14, n. 4, p. 42-62, 2020.

JANUÁRIO, Soraya Barreto. Marta em notícia: a (in)visibilidade do Futebol Feminino no Brasil. **FuLiA/UFMG**, Belo Horizonte, v. 2, n. 1, p. 28-43, 2017. DOI: 10.17851/2526-4494.2.1.28-43.

KESSLER, Cláudia Samuel. O Futebol de Mulheres: notas de rodapé, 2020, p. 49-63. In: MARTINS, Mariana Zuaneti; WENETZ, Ileana. (Org.) **Futebol de Mulheres no Brasil: Desafios para as políticas Públicas**. Coleção Academia e Futebol, v. 1. Editora CRV: Curitiba, 2020.

KOCH, Rodrigo. Como será o torcedor de futebol pós-pandemia? Indicativos do Rio Grande do Sul de novas identidades torcedoras. **FuLiA/UFMG**, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, 2021. DOI: 10.35699/2526-4494.2021.33134.

LE MOS, Flavia Cristina Silveira; CARDOSO JUNIOR, Hélio Rebello. A genealogia em Foucault: uma trajetória. **Psicologia & Sociedade**, v. 23, n. 3, p. 353-357, 2009.

LE MOS, Lúcia. O poder do discurso na cultura digital: o caso *Twitter*, Maringá. In: JORNADA INTERNACIONAL DE ESTUDOS DO DISCURSO, 1, 2008, Maringá. **Anais [...]** Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2008. p. 652-663.

LIMA, Ana Laura Eckhardt de. **Mulheres e Futebol no Brasil**: olhares sobre a rede de enunciações presente em sites de notícias durante a pandemia da COVID-19 (SARS-CoV-2).

2022. 197f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2022.

LOURO, Guacira Lopes. Conhecer, Pesquisar, Escrever... **Educação, Sociedade & Cultura**, Porto, n. 25, p. 235-245, 2007.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 16ª Ed., Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

LOPES, Lorrane Martins; RAMALHO, Carla Chagas. Mães-Universitárias: as dificuldades durante a graduação em Educação Física. **Revista Mosaico**, v. 16, p. 104-118, 2023. DOI: 10.18224/mos16i4.12605.

MACHADO, Gabrielle Ferreira Gonçalves. **A cultura do torcer nas arquibancadas do Futebol Feminino**. 2022. 59f. Monografia (Graduação em Comunicação Social: Publicidade e Propaganda) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Rio de Janeiro, 2022.

MAKNAMARA, Malércio. Quando artefatos culturais fazem-se currículos e produzem sujeitos. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 27, n. 1, p. 04-18, 2020. DOI: 10.17058/rea.v28i2.14189.

MARANDINO, Martha. Faz sentido ainda propor a separação entre os termos educação formal, não formal e informal? **Ciência e Educação (Bauru)**, Bauru, v. 23, n. 4, p. 811-816, 2017. DOI: 10.1590/1516-731320170030001.

MARQUES, Joana Brás Varanda; FREITAS, Denise de. Fatores de caracterização da educação não formal: uma revisão da literatura. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 43, n. 4, p. 1087-1110, 2017.

MARTINS, Mariana Zuaneti; DELARMELINA, Gabriela Borel; SOUZA, Letícia Carvalho de. Profissionalize-se como uma garota?: efeitos das políticas de desenvolvimento do Futebol de Mulheres nas oportunidades da carreira esportiva no Brasil. **FuLia/UFMG**, Belo Horizonte, v. 8, n. 3, p. 59-81, 2023.

MARTINS, Mariana Zuaneti; SILVA, Kerzia Railane Santos; VASQUEZ, Vitor. As mulheres e o país do futebol: intersecções de gênero, classe e raça no Brasil. **Movimento**, Porto Alegre, v. 27, e27006, 2021. DOI: 10.22456/1982-8918.109328.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. (Org.) **Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

MORAES, Enny Vieira. **As mulheres também são boas de bola: histórias de vida de jogadoras baianas (1970-1990)**. 2012. 288f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Faculdade de História, São Paulo, 2012.

MOREIRA, Verónica; GARTON, Gabriela. Football, nation, and women in Argentina: redefining the field of power. **Movimento**, Porto Alegre, v. 27, e27003, 2021. DOI: 10.22456/1982-8918.109761.

MOURA, Eriberto José Lessa de. **As Relações entre Lazer, Futebol e Gênero**. 2003. 105f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Estadual De Campinas. Campinas, 2003.

MOURÃO, Ludmila; MOREL, Marcia. As narrativas sobre o Futebol Feminino: o discurso da mídia impressa em campo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 26, n. 2, p. 73-86, 2005.

NÓBREGA-TERRIEN, Sílvia Maria; TERRIEN, Jacques. Trabalhos científicos e o Estado da Questão: reflexões teórico-metodológicas. **Estudos em Avaliação Educacional**, São Paulo, v. 15, n. 30, p. 5-16, 2004.

NOVAIS, Mariana Cristina Borges; MOURÃO, Ludmila; SOUZA JUNIOR, Osmar Moreira de; MONTEIRO, Igor Chagas; PIRES, Bárbara Aparecida Bepler. Treinadoras e auxiliares do Futebol de Mulheres no Brasil: subversão e resistência na liderança esportiva. **Movimento**, Porto Alegre, v. 27, e27023, 2021. DOI: 10.22456/1982-8918.106782.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. (Org.) **Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, p. 23-45., 2012.

PASSERO, Julia Gravena; BARREIRA, Júlia; TAMASHIRO, Lucas; SCAGLIA, Alcides José; GALATTI, Larissa Rafaela. Futebol de Mulheres liderado por homens: uma análise longitudinal dos cargos de comissão técnica e arbitragem. **Movimento**, Porto Alegre, v. 26, e26060, 2020. DOI: 10.22456/1982-8918.100575.

PEIXOTO, Alini Silva; ROSA, Marcelo Victor da; RIBEIRO, Leonardo Silva; SOUZA, Giovana Mestriner de. Pedagogia da Transmissão do Futebol de Mulheres. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 39, e39224, 2023. DOI: 10.1590/0102-469839224.

PISANI, Mariane da Silva. **PODEROSAS DO FOZ**: trajetórias, migrações e profissionalização de mulheres que praticam o futebol. 2012. 166f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2012.

PRADO FILHO, Kleber. A genealogia como método histórico de análise de práticas e relações de poder. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 51, n. 2, p. 311-327, 2017.

PRADO FILHO, Kleber. Sobre o Poder. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, n. 28, p. 133-143, 2000.

ROSA, Marcelo Victor da; JITSUMORI, Carlos Igor de Oliveira; BORGES, Andrey Monteiro; RIBEIRO, Maria Elizia de Melo. Mulheres e futebol: um estudo sobre esporte e preconceito. **Gênero**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 190-218, 2020. DOI: 10.22409/rg.v21i1.46923

SANMIGUEL-RODRÍGUEZ, Alberto; GIRÁLDEZ, Víctor Arufe. Mujer, niños y variables psicosociales em el fútbol español. Una revisión bibliográfica de los años 2015-2019. **Movimento**, Porto Alegre, v. 25, e25097, 2019. DOI: 10.22456/1982-8918.92077.

SANTOS, Ítana Luzia dos. **#RespeitaAsMinas: O Twitter do Corinthians e a resignificação do Futebol de Mulheres**. 2022. 137f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Jornalismo) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2022.

SANTOS, Marinês Ribeiro dos. Gênero e cultura material: a dimensão política dos artefatos cotidianos. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, n. 1, e39361, 2018.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 1-90, 1995.

SERVADIO, Nathália Cristina. **Pertencimento e oportunidades esportivas na prática futebolística de meninas e mulheres**: estudo de caso do projeto Futebol Feminino Campinas (FFC). 2022. 206f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2022.

SEVERO, José Leonardo Rolim de Lima. Educação não escolar como campo de práticas pedagógicas. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 96, n. 244, p. 561-576, 2015. DOI: 10.1590/S2176-6681/345513545.

SILVA, Alinne Dayse Dantas da Cunha. **Do pássaro ao X: uma análise dos impactos do rebranging do Twitter ao X**. 2024. 23h. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2024.

SILVA, André Luiz dos Santos; SILVEIRA, Raquel da; KLANOVICZ, Jamile Mezzomo; JAEGER, Angelita Alice. Treinamento de mulheres atletas: uma análise do Instagram de jogadoras da seleção brasileira de futebol em tempos de pandemia. **Movimento**, Porto Alegre, v. 27, e27007, 2021. DOI: 10.22456/1982-8918.110137.

SILVA, Francisca Islandia Cardoso da; ALMEIDA, Dulce Maria Figueira de. Masculinidades no esporte: o caso do Rugby. **Movimento**, Porto Alegre, v. 26, e26041, 2020. DOI: 10.22456/1982-8918.94214.

SILVA, Joana Caroline Corrêa da; CAPRARO, André Mendes. O desporto inadequado à natureza feminina: prelúdios do Futebol Feminino no Paraná (1934–1951). **Movimento**, Porto Alegre, v. 28, e28007, 2022. DOI: 10.22456/1982-8918.118240.

SILVA, José Rodolfo Lopes da. Uma escola de cidade pequena e do interior: potencialidades, práticas discursivas e não discursivas (re)construindo masculinidades. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 3, n. 13, p. 79-106, 2021.

SILVA, Rivanny Marrydjianne Cabral da. **Paixão sem fronteiras**: o papel do Twitter na dinâmica de interação online dos torcedores brasileiros de times ingleses. 2022. 66f. Monografia (Bacharel em Comunicação Social: Publicidade e Propaganda) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Currículo e identidade social: territórios contestados. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos Estudos Culturais em educação**. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 185-201.

SOUZA, Maria Thereza Oliveira. **“Da visão que eu tenho, do que eu vivi, não sei muito no que acreditar” – atletas da seleção brasileira feminina e as memórias de um futebol desamparado**. 2017. 152f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

TEIXEIRA, Renata de Andrade. **A mulher no futebol: o bullying e o cyberbullying no contexto de gênero**. 2016. 63f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Humano e Tecnologias) – Instituto de Biociências do Câmpus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista. Rio Claro, 2016.

TORTELLA, Tiago. Invasão do Capitólio completa um ano: relembre o ataque à democracia dos EUA. **CNN Brasil**, 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/invasao-ao-capitolio-completa-um-ano-relembre-o-ataque-a-democracia-dos-eua/>. Acesso em: 27 set. 2024.

VINCI, Christian Fernando Ribeiro Guimarães. A problematização e as pesquisas educacionais: sobre um gesto analítico foucaultiano. **Filosofia e Educação [rfe]**, v. 7, n. 2, Campinas, p. 195-219, 2015.

WATSON, Peter Jonathan. Superpowerful but superinvisible? Women’s football and nation in presidential discourse in Colombia, 2010-2018. **Movimento**, Porto Alegre, v. 27, e27004, 2021. DOI: 10.22456/1982-8918.109246.

WERNECK, Alexandre. Uma sociologia da compreensão a partir do par crítica e jocosidade. **Civitas**, Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 482-503, 2016. DOI: 10.15448/1984-7289.2016.3.21941.

WOOD, David. Fifty years of Women’s Football in Placar: from disallowed goals to winning at home? **Movimento**, Porto Alegre, v. 27, e27002, 2021. DOI: 10.22456/1982-8918.109870.

ZAGO, Gabriela da Silva. O *Twitter* como suporte para produção e difusão de conteúdos jornalísticos. **Ciberlegenda**, Niterói, n. 21, p. 1-16, 2009.

ZDRADEK; Ana Carolina Sampaio; BECK, Dinah Quesada. O Troca de Estilos fabricando jovens incansáveis mutantes: uma análise com os Estudos Culturais. **Momento: diálogos em educação**, Rio Grande, v. 26, n. 1, p. 30-43, 2017.